



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA CLÁUDIA BORBA GONÇALVES BARROS

***“João e Maria”:
uma observação psicanalítica sobre a experiência de
crianças em situação de abrigo.***

Belém-PA
Agosto/2009



João e Maria

uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em situação de abrigo.

Ana Cláudia Borba Gonçalves Barros

Belém-PA
Agosto/2009



Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ANA CLÁUDIA BORBA GONÇALVES BARROS

***“João e Maria”:
uma observação psicanalítica sobre a experiência de
crianças em situação de abrigo.***

Belém-PA
Agosto/2009

ANA CLÁUDIA BORBA GONÇALVES BARROS

“João e Maria”:
uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em
situação de abrigo.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação e supervisão do Prof. Dr. Janari da Silva Pedrosa.

Belém-PA
Agosto/2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Barros, Ana Cláudia Borba Gonçalves

“João e Maria”: uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em situação de abrigo / Ana Cláudia Borba Gonçalves Barros; orientador, Janari da Silva Pedrosa. - 2009

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2009.

1. Psicologia infantil. 2. Crianças - Assistência em instituições - Belém (PA). 3. Crianças - Desenvolvimento - Belém (PA). 4. Psicanálise. I. Título.

CDD - 22. ed. 155.4098115

ANA CLÁUDIA BORBA GONÇALVES BARROS

**“João e Maria”:
uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em
situação de abrigo.**

Dissertação aprovada no dia: 28/08/2009

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Janari da Silva Pedroso (Orientador) – UFPA.

Professora Dra. Eliane Dias de Castro – USP.

Professora Dra. Airle Miranda de Souza – UFPA.

Professora Dra. Celina Maria Colino Magalhães (Suplente) – UFPA.

Dedico esta pesquisa às crianças do Espaço de Acolhimento Provisório Infantil (EAPI) – “Abrigo Começo Feliz”, principalmente às do dormitório 4 e 5, cujas crianças tive uma aproximação maior durante os meses de observação, mas em especial, ao João e à Maria, cujo encontro com essas preciosidades propiciou meu amadurecimento pessoal e profissional, e, aos quais devo a singularidade desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com a efetivação desta pesquisa...

Primeiramente a Deus, por ter permitido essa “gestação” e ter me dado força e coragem para enfrentar as dificuldades, principalmente, emocionais (que não foram poucas), mas que possibilitaram um inestimável crescimento pessoal e profissional, revelando-se como verdadeiras *dores de crescimento*.

Em especial às crianças João e Maria, pelo caloroso encontro que tivemos – uma espécie de *tempestade emocional* – e por tornarem possível a realização deste estudo;

Aos meus pais amados – Iran e Amélia, pelo amor incondicional, pela dedicação e pelo apoio moral e financeiro no decorrer de toda minha trajetória acadêmica, os quais propiciaram a concretização de mais esta etapa de vida;

À minha amada irmã Paula, por ter-se feito presente nesta caminhada, acolhendo meus estados de angústia e comemorando meus momentos de êxito, através de e-mails ou telefonemas com palavras de incentivo e festejo;

À minha amada irmã “Mélia”, por ter acompanhado, literalmente de perto, essa longa “gestação” de “João e Maria” e ter sido paciente, disponível e compreensível nesta fase de fragilidade;

Ao meu estimado cunhado Valério, por suas contribuições de tradução de resumos, bem como, sua disponibilidade incondicional sempre que precisei de seu auxílio;

Ao Prof. Dr. Janari Pedroso, pela sensibilidade em compreender minhas significativas ausências nas orientações e meus “enjôos” subsequentes no período das supervisões, mas especialmente por ter sido o “cupido” que me inspirou o amor pela psicanálise infantil, a partir da apresentação de autores significativos neste âmbito;

À Prof^a Dra. Airle Miranda, pelo aprendizado e possibilidade de troca na disciplina Psicologia aplicada à Saúde Mental e pelas preciosas sugestões no Laboratório de Pesquisa Desenvolvimento e Saúde (LADS), especialmente no que se refere a “fertilização” de “João e Maria”;

À Prof^a Dra. Celina Magalhães e à Prof^a Dra. Eliane de Castro, por terem aceitado o convite para participarem da minha banca de qualificação e pelas significativas contribuições e sugestões, que nortearam e re-significaram meu trajeto pós-qualificação;

Aos meus colegas e amigos do mestrado (Alyne, Ana Vicentina, Cátia, Cláudia Xerfan, Dani, Igor, Laídes, Leticia, Paula, Tiana, Torres e Victor) pelas contribuições nas disciplinas Métodos de Pesquisa e Seminário de Dissertação, principalmente às queridas amigas Leticia Noal e Alyne Alvarez pela amizade sincera e pelos diálogos acolhedores nesses dois anos de curso, e em especial aos meus parceiros, aos quais sou e serei eternamente grata: Danielle Moura, pelo encorajamento contínuo a “dar à luz” a “João e Maria” e por esse encontro subjetivo em que desvelamos a *pluralidade de afetos*, e, Victor Cavaleiro, por ter tido uma

participação significativa na minha entrada e permanência neste programa, o qual tornou minha caminhada menos solitária e dolorosa;

Aos participantes do Laboratório de Pesquisa Desenvolvimento e Saúde (LADS) – Ângela Coutinho, Carol Miralha, Celina Azevedo, Daise Melo, Gianna Azevedo, Greicy Dias, Lesly Vicenzi, Priscila Guimarães e Sara Alonso – pelas relações afetivas, pelas construções coletivas e pelas contribuições durante os seminários e/ou supervisões;

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), em especial aos que semearam o incentivo à pesquisa séria e criteriosa e que compartilharam seu conhecimento de maneira acessível e fascinante;

Ao secretário do PPGP – Ney, pela disponibilidade incondicional, pela amizade sincera, pelas palavras de estímulo e conforto, pela descontração nos momentos de tensão, e, principalmente, pelos inúmeros abraços reconfortantes;

Aos meus mestres e amigos terapeutas ocupacionais – Cláudia Márcia, Danusa Falcão, Jorge Lopes, Josianne Dias, Karla Aita, Márcio José da Silva, Meibia Sena, Rogéria Pimentel e Sônia Pinto, por terem contribuído e participado efetivamente de minha formação acadêmica e de meu crescimento pessoal e profissional, e por terem ratificado meu desejo em ser terapeuta ocupacional;

Ao Paulo Nogueira, Otávio Júnior, Pedro Sampaio, Vanessa Cardoso, Isabela Andrade, Karine Lisboa, Juliana Naomi, Lisolene Brito, Irlene Moreno, Lívia Sue, Neylla Martins, Éden Fernando, Clécio Moreira, Eduardo “Blando”, Rodolfo Alves, Dorismar Magalhães e Wikolx Ranieri, entre outros estimados amigos – que souberam compreender minhas ausências, que compartilharam um pouco dessa “gravidez” e que estiveram sempre presente, mesmo que espiritualmente;

Aos meus queridos amigos da “diretoria” – Débora Campos, Ingrid Bergman, Lucivaldo Araújo, Nathália Oliveira, Otávio Folha e Sabrina Queiroz, pelo exemplo de profissionais comprometidos e dedicados à pesquisa científica, pelos momentos de entretenimento e troca afetiva, e por perceberem, acolherem e respeitarem meu sumiço do grupo;

À Joana, pelo carinho, dedicação e sensibilidade com que realizou a correção técnica deste trabalho;

À Ilma. Gerente do EAPI – Helena Lúcia Rosário de Macedo e ao Exmo. Juiz Titular da 1ª Vara da Infância e Juventude Comarca da Capital – José Maria Teixeira do Rosário, por terem disponibilizado e autorizado o acesso à história de vida dessas duas preciosidades: João e Maria;

E por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, pelo suporte financeiro através da concessão de bolsa de estudo durante o período de um ano.

“Muitas histórias infantis contemplam um verdadeiro crescimento, lembrando que quando partimos não voltamos mais, vivemos em outro reino, o antigo morreu. Isso equivale a dizer que uma vez que se muda de posição subjetiva não há volta, se verá tudo de um outro prisma”.

Corso e Corso

BARROS, Ana Cláudia Borba Gonçalves. **“João e Maria”**: uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em situação de abrigo. Belém, Pará. 2009. 101f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará.

RESUMO

Tendo em vista a importância do ambiente, das relações afetivas e dos efeitos negativos da privação materna nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento infantil, a presente pesquisa buscou compreender a experiência de crianças em situação de abrigo. Para tanto, foram observadas duas crianças, na faixa etária de 23 a 31 meses, de nomes fictícios João e Maria, cujas histórias de vida proporcionaram uma analogia com o conto “João e Maria” dos Irmãos Grimm. As observações foram realizadas em um abrigo estadual, que acolhe crianças de zero a seis anos de idade, na cidade de Belém-PA. As sessões ocorreram duas vezes por semana, com duração de uma hora, durante cinco meses, a partir da aplicação do Método Bick de Observação de Bebês, em seus três momentos distintos: observação, anotação e supervisão em grupo. Os resultados foram organizados em três categorias: 1) O ambiente de cuidado de João e Maria, 2) João e Maria revelados por suas peripécias, e 3) Encontros com a observadora-narradora, sendo esses três eixos analisados com base na perspectiva psicanalítica winnicottiana. Na primeira categoria, foram apresentados fragmentos da história de vida de João e Maria, além de aspectos referentes aos cuidados recebidos nesse contexto, que estiveram permeados, principalmente, por carência de afeto e ausência na priorização das necessidades reais, no tempo e ritmo das crianças, possivelmente em função da dinâmica institucional. Na segunda categoria, foram abordadas as brincadeiras de João e Maria, associadas especialmente ao contato corporal e à relação de cuidados envolvendo seus pares e a observadora, cuja temática mais frequente foi da alimentação. Na terceira e última categoria, foram apresentados os sentimentos, as dificuldades e o aprendizado da observadora, bem como, a sua mobilização interna diante da história de vida das duas crianças e das particularidades do ambiente. Portanto, foi constatado que João e Maria buscavam cuidar e serem cuidados, o que, em sua maioria, envolvia contato corporal e afetivo; mostraram-se disponíveis no contato com o outro e se permitiram criar vínculos afetivos, aspectos saudáveis e positivos para o desenvolvimento infantil. Indubitavelmente, o entendimento da teoria winnicottiana e a utilização do Método Bick de Observação de Bebês contribuíram para a compreensão da experiência de João e Maria e colaboraram significativamente para uma apreensão da realidade dessas crianças e dos seus contextos de desenvolvimento.

Palavras-chave: abrigo; conto “João e Maria”; desenvolvimento infantil; observação psicanalítica.

BARROS, Ana Cláudia Borba Gonçalves. “**João e Maria**”: uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em situação de abrigo. Belém, Pará. 2009. 101f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará.

ABSTRACT

This research aims at comprehending children behaviour living in shelter, taking into account the importance of the environment/place, the affective relations and the negative effects of maternal deprivation in the first years for the child development. In order to develop the study, two children were observed (23 and 31 months old), receiving the fictional names João and Maria, once their history of life has allowed a comparison to the “Hansel and Gretel” tale (“João and Maria” in Portuguese), by the Grimm Brothers. Observations were conducted in a shelter owned by the State of Pará, which receives children from zero to six years old, in the city of Belém. They were performed twice a week, lasting one hour each, during 5 months. It was considered the Bick Method for Observing Babies, based on three distinct moments: observation, annotation and group supervision. Results were organised in three categories: 1) the care environment for João and Maria, 2) João and Maria revealed by their ludic plays and games, and 3) meetings with the observer-narrator, whose actions were based in the perspective of the Winnicottian concept. In the first category, fragments of the history of life from João and Maria were presented, as well as aspects referred to the cares they have received in this context, which were permeated by the lack of affection and absence in the prioritisation of real demands according to the time and rhythm of the children, related mainly to the institutional dynamic. In the second category, children plays were investigated in association with body contact, involvement with other children and the observer – in the last case, interaction was more often during the meals. In the third and last category, feelings, difficulties and learning from the observer were discussed, as well as the narrator particular relation to the history of life of the two children and the particularities of the place. Therefore, it was realised that João and Maria were looking for a care relation based on body and affection contact; they have showed themselves as available in the contact one with the other, allowing the creation of affective links, which are positive and healthy aspects for children development. Finally, there is no doubt that applying the Winnicottian concept and the use of the Bick Method have contributed for a better understanding of the João and Maria experience, collaborating significantly for the apprehension of the reality of such children and their context of development.

Key words: Shelter, “João and Maria” tale; children development, psychoanalytic observation.

BARROS, Ana Cláudia Borba Gonçalves. **“João e Maria”:** uma observação psicanalítica sobre a experiência de crianças em situação de abrigo. Belém, Pará. 2009. 101f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará.

RESUMEN

Teniendo en vista la importancia del ambiente, de las relaciones afectivas y de los efectos negativos de la privación maternal en los primeros años de vida para el desarrollo infantil, la presente investigación buscó comprender la experiencia de niños en situación de abrigo. Para tal fin, fueron observados dos niños, en la franja etaria de 23 y 31 meses, cuyos nombres ficticios son João y Maria y cuyas historias de vida proporcionaron una analogía con el cuento “João y Maria” de los hermanos Grimm. Las observaciones fueron realizadas en un abrigo departamental, que acoge niños de cero a seis años de edad, en la ciudad de Belém-PA, las cuales ocurrieron dos veces por semana, con duración de una hora, durante cinco meses, a partir de la aplicación del Método Bick de Observación de Bebés, en sus tres momentos distintos: observación, anotación y supervisión en grupo. Los resultados fueron organizados en tres categorías: 1) El ambiente de cuidado de João y Maria, 2) João y Maria revelados por sus peripecias, y 3) Encuentros con la observadora-narradora, cuyos ejes fueron analizados con base en la perspectiva psicoanalítica winnicottiana. En la primera categoría, fueron presentados fragmentos de la historia de vida de João y Maria, además de los aspectos referentes a los cuidados recibidos en este contexto, que estuvieron presentes por carencia de afecto y ausencia en la priorización de las necesidades reales, en el tiempo y ritmo de los niños, en función principalmente de la dinámica institucional. En la segunda categoría, fueron abordados los juegos de João y Maria, asociados especialmente al contacto corporal y a la relación de los cuidados envolviendo sus pares y la observadora, cuya temática más frecuente fue la alimentación. En la tercera y última categoría, fueron presentados los sentimientos, dificultades y aprendizaje de la observadora, bien como, su movilización interna delante de la historia de vida de los dos niños y de las particularidades del ambiente. Por lo tanto, fue percibido que João y Maria buscaban una relación compenetrada por cuidados envolviendo el contacto corporal y afectivo se mostraron disponibles en el contacto con el otro y se permitieron crear vínculos afectivos, aspectos saludables y positivos para el desarrollo infantil. Indudablemente, el entendimiento de la teoría winnicottiana y la utilización del Método Bick de Observación de Bebés contribuyeron para la comprensión de lo experimentado de João y Maria y colaboraron significativamente para una aprehensión de la realidad de esos niños observados y de su contexto de desarrollo.

Palabras-clave: abrigo; cuento “João y Maria”; desarrollo infantil; observación psicanalítica.

Lista de Siglas

- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
- CEAPIA – Centro de Estudos, Atendimento e Psicoterapia na Infância e Adolescência.
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.
- EAPI – Espaço de Acolhimento Provisório Infantil.
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.
- FUNCAP – Fundação da Criança e do Adolescente do Pará.
- ICS – Instituto de Ciências da Saúde.
- IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- IML – Instituto Médico Legal.
- LADS – Laboratório de Pesquisa Desenvolvimento e Saúde.
- ORBM – Observação da Relação Mãe-Bebê.
- PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
- SEDES – Secretaria de Desenvolvimento Social.
- TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.
- UFPA – Universidade Federal do Pará.
- UTI – Unidade de Tratamento Intensivo.

SUMÁRIO

1 ERA UMA VEZ...	14
1.1 Inspiração no conto “João e Maria”	15
1.2 A trilha das pedrinhas brancas	17
2 HÁ MUITOS ANOS ATRÁS...	21
2.1 A importância do ambiente e das relações afetivas	21
2.2 O abrigo como contexto de desenvolvimento	25
3 O CAMINHO DE MIGALHAS DE PÃO	28
3.1 EAPI	29
3.2 Protagonistas	31
3.3 Coleta dos dados	32
3.3.1 Ambientação e considerações éticas	32
3.3.2 Procedimentos	34
3.3.3 Instrumento	35
3.4 Análise dos dados	38
4 O AMBIENTE DE CUIDADO DE JOÃO E MARIA	41
4.1 Fragmentos da história de João e Maria	42
4.2 Peculiaridades do ambiente	44
5 JOÃO E MARIA REVELADOS POR SUAS PERIPÉCIAS	62
5.1 Na interação com seus pares	63
5.2 Na interação com a observadora	67
6 ENCONTROS COM A OBSERVADORA-NARRADORA	76
6.1 O encontro com João e Maria	76
6.2 O encontro da observadora-narradora	82
7 FINAL COM POSSIBILIDADE DE RECOMEÇO	87
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	97
Anexo 1 – Solicitação de Autorização à FUNCAP	98
Anexo 2 – Autorização da FUNCAP	99
Anexo 3 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	100
Anexo 4 – Autorização do Juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude	101

ERA UMA VEZ...



1 ERA UMA VEZ...

“João e Maria” é um clássico da literatura infantil escrito pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que conta a história de duas crianças que viviam com o pai lenhador e sua segunda esposa. Na primeira tentativa de abandono proposta pela madrasta, João e Maria conseguiram retornar para casa, graças à trilha das pedrinhas brancas feita pelo esperto e criativo João. Na segunda, eles realmente se perderam, porque as migalhas de pão, jogadas ao chão, foram comidas pelos passarinhos. Ao buscarem o caminho de volta, João e Maria encontraram uma casa feita de doces. João tirou um pedaço da parede coberta de sorvete. Maria, a mais gulosa, arrancou um dos vidros de açúcar. A dona da casa, uma velhinha doce e meiga, era, na verdade, uma bruxa, que pretendia comer João e obrigou Maria a limpar, lavar e cozinhar. Um dia, a bruxa foi empurrada pela menina para dentro do forno e finalmente as crianças conseguiram fugir e retornar para casa, levando consigo as jóias e os tesouros da bruxa. Desde então, eles viveram felizes ao lado do pai, sem problemas financeiros e livres da madrasta, já falecida (GRIMM; GRIMM, 2006).

Essa síntese do famoso conto de fadas e as figuras ilustrativas que iniciam os capítulos, elucidam o drama dos dois irmãos deliberadamente abandonados num bosque devido, entre outras razões, às dificuldades do casal em cuidar de ambos. Esta narrativa traduz uma relação direta com a temática que foi desenvolvida nesta dissertação. O conto foi um recurso utilizado para relatar, de maneira análoga, a história de vida de duas crianças, sob nomes fictícios João e Maria, que foram “abandonadas” por seus familiares nos primeiros meses de vida e que, desde então, passaram a morar em um abrigo estadual em Belém do Pará.

Para Bettelheim (2006), os contos de fadas têm seu começo mundano e simples, que avançam para situações fantásticas, conforme ocorre no conto “João e Maria”, que inicia com a preocupação de um pai com o cuidado e o futuro dos filhos, mas que sem recursos financeiros, não visualiza outra alternativa além de deixá-los sozinhos em uma floresta à mercê da própria sorte; finaliza com a volta das crianças, como heróis, ao lar, onde encontram felicidade. Para este autor, a relação do conto de fadas com a psicanálise perpassa pela manifestação inconsciente de medos e fantasias infantis. Esta fábula em especial, retrata sentimentos de abandono e rejeição e simboliza o processo pelo qual a criança passa para aprender a lidar com seus próprios sentimentos de ansiedades, angústia e medo.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou revelar a experiência de João e Maria no contexto de abrigo, com vistas às interações com as outras crianças, com as monitoras e

com a pesquisadora, a partir de uma observação psicanalítica. Além disso, buscou relacionar o que foi expresso pelas crianças durante suas brincadeiras e a condição de abrigo prolongado, de modo a oportunizar uma viagem ao inconsciente infantil.

1.1 Inspiração no conto “João e Maria”

A ideia de relacionar o tema abordado nesta dissertação com o conteúdo do conto de fadas “João e Maria” surgiu no Laboratório de Pesquisa Desenvolvimento e Saúde da Universidade Federal do Pará (LADS/UFPA), a partir de discussões com o grupo de pesquisadores. As semelhanças não se restringiram aos nomes dos protagonistas e às histórias de abandono, mas também, e especialmente, à função da relação com o conteúdo inconsciente.

O interesse em conhecer o desenvolvimento emocional infantil, em particular o de crianças em situação de abrigo, emergiu em 2006, com base na experiência como terapeuta ocupacional do Centro de Atenção Psicossocial para Infância e Adolescência¹. Nos atendimentos realizados neste serviço foi constatado um número significativo de crianças e adolescentes que, por motivos diversos, não moravam com a mãe biológica; eram cuidados por parentes próximos (tias, avós, etc.) ou viviam em abrigos, o que poderia influenciar na condição psíquica desses usuários em função de que, as primeiras experiências infantis, constituem em um marco fundamental no desenvolvimento humano e a figura da mãe (ou de um substituto) é imprescindível nessa fase da vida.

Dentre as perspectivas teóricas que reconhecem a importância dessas experiências iniciais como essenciais ao desenvolvimento infantil, a abordagem psicanalítica é a que mais se destaca. Freud (1923/1996) foi um dos pioneiros a assinalar a importância das relações iniciais e a influência destas no curso do desenvolvimento da personalidade da criança e seu modo de vida atual. Outros estudiosos, como Klein (1952/1991), Winnicott (1960/2005), Bick (1964), A. Freud (1968/1987), Mahler (1979/1993), Spitz (1979/1983), Bowlby (1984/2002), entre outros, aprofundaram os conhecimentos psicanalíticos acerca do desenvolvimento emocional primitivo, principalmente através do método observacional, porém, com métodos e *settings* distintos. Alguns destes salientaram eventos cruciais na infância e o período em que eles seriam mais danosos ao desenvolvimento (WINNICOTT, 1960/2005), bem como, o

¹ Este Centro de Atenção Psicossocial para Infância e Adolescência, também conhecido por CAPSi, vinculado ao Departamento de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e Prefeitura Municipal de Macapá (SEMSA/PMM), atende crianças e adolescentes que apresentam intenso sofrimento psíquico, transtorno mental e/ou transtorno relacionado à substância psicoativa (álcool e outras drogas), cuja intervenção é dirigida à reabilitação psicossocial do usuário e familiares.

efeito da separação da criança pequena da sua mãe (SPITZ, 1979/1983; BOWLBY, 1984/2002 e A. FREUD, 1968/1987).

Winnicott (1941-1990) foi o psicanalista que melhor atendeu às necessidades deste estudo, no sentido de responder à alguns questionamentos referentes à esta fase inicial, uma vez que sua compreensão sobre a infância perpassa pelo desenvolvimento emocional da criança e a inter-relação com a pessoa responsável em prover suas carências específicas, a qual ele denominou de “mãe suficientemente boa”². Este autor ampliou o olhar e o entendimento acerca da criança, passou a valorizar o ambiente³ em que esta se desenvolvia e as relações que ali eram estabelecidas, de modo a dar ênfase na existência de um ambiente humano afetivo nos primeiros anos de vida.

Entretanto, essa realidade não faz parte da vida de todas as crianças, como é o caso das que vivem em situação de risco, que nem sempre recebem a atenção necessária para um desenvolvimento global adequado e, muitas vezes, são privadas de relações afetivas em seus cuidados primários. Em se tratando de crianças em situação de abrigo, as suas vivências primárias na instituição podem ser satisfatórias, porém, não se deve desconsiderar as experiências anteriores da criança, a qual pode ter sido permeada por abandono, falta de cuidado e maus tratos, cujos fatores acarretam prejuízos para o desenvolvimento infantil. Isso é ratificado por Bowlby (1984/2002), que considera o afeto condição indispensável para o desenvolvimento normal do ser humano e que a sua privação nessa fase da vida pode acarretar prejuízos à pessoa.

Com base no que foi exposto e no objetivo desta pesquisa de cunho qualitativo, foi utilizado como técnica de coleta de dados o Método Bick de Observação de Bebês. A escolha decorreu da sua abordagem psicanalítica, que reconhece a importância das primeiras relações como experiências fundamentais no desenvolvimento infantil, do seu potencial referente aos aspectos emocionais da interação e a ênfase na importância do ambiente. De acordo com Bick (1964) o método oportuniza a observação do desenvolvimento do bebê desde o seu nascimento e das relações da criança com seu meio.

Vale salientar que, no início das observações, João e Maria estavam com 23 meses e 31 meses, respectivamente, faixa etária que apresenta significativas publicações na área da psicologia do desenvolvimento com o foco voltado à maturação, às competências, entre outros aspectos. Contudo, de acordo com Mélega (PÉREZ-SANCHEZ, 1998, p. 9), “poucos são os trabalhos que abordam o segundo ano de vida sob o enfoque psicanalítico”, o que

² Nomenclatura utilizada por Winnicott, a qual está descrita no capítulo 2.

³ Este termo utilizado por Winnicott foi abordado no capítulo 4.

demonstra a importância de pesquisas sobre o desenvolvimento afetivo-relacional de crianças nesta faixa etária.

1.2 A trilha das pedrinhas brancas

Conforme a síntese do conto, as pedrinhas brancas são as responsáveis por João e Maria retornarem ao lar. Nesse sentido, dois motivos contribuíram para a denominação deste item: primeiro, por representar o percurso da dissertação, através de uma breve apresentação do conteúdo abordado em cada capítulo e, segundo, por conduzir, assim como as pedrinhas brancas na fábula, ao ambiente familiar, visto que o capítulo *Há muitos anos atrás...* trata da importância do ambiente afetivo na vida da criança.

Sendo assim, este primeiro capítulo apresenta sucintamente o conto “João e Maria” e aborda a analogia deste com a história de vida das crianças observadas. Além disso, esclarece o surgimento do interesse pela pesquisa, cita alguns autores psicanalistas, discute a temática e faz uma breve explanação do conteúdo de cada capítulo. Em função de *Era uma vez...* ser um capítulo introdutório, a gravura que o antecede faz uma “apresentação” dos personagens que aparecem no início do conto.

No segundo, *Há muitos anos atrás...*, foi desenvolvida a temática sobre a importância das primeiras relações na vida de uma criança e da necessidade de um “ambiente suficientemente bom” para o desenvolvimento infantil, com base no referencial teórico de perspectiva winnicottiana. Também foram discutidos alguns elementos do desenvolvimento da criança em situação de abrigo e a compreensão deste ambiente como contexto de desenvolvimento. A figura ilustrativa que apresenta este capítulo retrata uma situação preliminar que auxiliará no entendimento do desdobramento do conto, e de maneira semelhante, seu conteúdo contribuirá na compreensão da realidade vivida por João e Maria no abrigo.

O terceiro capítulo, *O caminho de migalhas de pão*, descreveu a metodologia utilizada na pesquisa, de modo a focar o local de realização (Espaço de Acolhimento Provisório Infantil – EAPI) e os participantes (Protagonistas), além de tratar da coleta dos dados como: ambientação e considerações éticas, procedimentos e instrumento utilizados. Por fim, abordou sucintamente os aspectos da análise dos dados. A ilustração, em consonância ao título do capítulo, reproduz a imagem das crianças no caminho em que foram jogadas as migalhas de pão, cujo percurso os levou até uma casa de doces, que serviu de acolhida temporária às crianças do conto; de modo análogo, foi a trajetória percorrida pela pesquisadora para chegar ao abrigo.

O quarto capítulo, *O ambiente de cuidado de João e Maria*, expôs brevemente, baseado em dados colhidos nos prontuários, fragmentos da história de vida das duas crianças e descreveu aspectos referentes à dinâmica institucional e aos cuidados dispensados às duas crianças, a partir de recortes das observações, os quais foram discutidos e interpretados com base no referencial teórico psicanalítico e nas contribuições do grupo de supervisão. A imagem escolhida para iniciar este capítulo denota uma função de cuidado destinado ao João e à Maria no conto, cuja temática foi abordada a partir das observações.

João e Maria revelados por suas peripécias é o quinto capítulo, o qual enfatizou as brincadeiras, vividas por João e Maria no abrigo, que foram comparadas com verdadeiras peripécias. As brincadeiras, especialmente as que envolveram a interação com outras crianças e com a observadora, demonstraram-se reveladoras de subjetividade. Este capítulo foi apresentado por uma ilustração que denota ações de João e Maria, as quais são indicativas de subjetividade.

O sexto capítulo, *Encontros com a observadora-narradora*, abordou as questões inerentes às vivências da pesquisadora, que ao investigar as experiências das crianças constatou os próprios afetos mobilizados, causados a partir das sessões de observação neste contexto específico. A gravura escolhida para anteceder o referido capítulo transmite a idéia de que João e Maria estão sendo observados por outrem, que no caso da pesquisa seria a própria pesquisadora a observá-los, que revela, a partir desse encontro, seus próprios sentimentos diante de tal experiência.

E para encerrar, o sétimo capítulo, *Final com possibilidade de Recomeço*, traduziu as conclusões do trabalho, levantou algumas recomendações e reforçou as contribuições teóricas, práticas e acadêmicas da pesquisa. A figura denota o final do conto e indica a possibilidade de um recomeço para João e Maria, longe da madrasta e para o pai, que não precisa mais se preocupar com a alimentação e o futuro dos filhos, em função das jóias da bruxa encontradas pelas crianças, assim como a passagem pelo abrigo, ou a saída deste, pode representar para as duas crianças, a oportunidade de um recomeço em suas vidas.

Cabe ressaltar que, o primeiro, segundo e sétimo capítulos tiveram uma participação significativa de Bettelheim (2006), no que diz respeito à inspiração de seus respectivos títulos. *Era uma vez...*, conforme o autor, é um início que sugere simbolicamente um “abandono” do mundo concreto da realidade comum, o que de fato ocorreu neste capítulo, mesmo que sucintamente, uma vez que foi brevemente focado o conto infantil.

O mesmo autor ainda insinua que *Há muitos anos atrás...* implica em uma ideia de que serão apresentadas informações de fatos longínquos, logo, no referido capítulo foi tratada a

questão das primeiras relações infantis baseadas em conhecimentos de tempos remotos. E por último – *Final com possibilidade de Recomeço*, ele afirma que os contos de fadas possibilitam à criança fazer uma “viagem a um mundo fabuloso, no final o conto devolve a criança à realidade, de forma mais reasseguradora possível. (...) No final da estória o herói retorna à realidade – uma realidade feliz, mas destituída de magia” (BETTELHEIM, 2006, p. 79). Consequentemente, o capítulo encerra com a crença de que é possível finalizar a pesquisa apostando na possibilidade de um recomeço, não só para as duas crianças, mas também para a observadora e aos futuros estudos que venham a surgir a partir deste.

HÁ MUITOS ANOS ATRÁS...



2 HÁ MUITOS ANOS ATRÁS...

2.1 A importância do ambiente e das relações afetivas

Os primeiros anos de vida constituem um marco imprescindível no desenvolvimento humano. Alguns psicanalistas (WINNICOTT, 1960/2005; MALHER, 1982; SPITZ, 1979/1983 e BOWLBY, 1984/2002) estudaram os distúrbios emocionais da vida adulta e relacionaram suas origens aos primeiros anos de vida, bem como, destacaram alguns eventos cruciais da infância e o período em que eles seriam mais danosos.

Freud (1923/1996) não se deteve nesta experiência primitiva, porém, isto não o impediu de falar sobre o assunto. Afirmou que o bebê nasce totalmente dependente dos cuidados maternos, com os quais forma uma unidade absoluta. Ele deixou uma teoria acerca da suposta verdade universal da existência humana – a dependência emocional da mãe – que é compartilhada por outros psicanalistas, como Spitz (1979/1983) e Winnicott (1960/2005). Ambos consideram que o bebê não apresenta condições biológicas para sobreviver sem os cuidados afetivos de outrem.

Spitz (1979/1983) afirma que, por essa condição apresentada pelo bebê, este é marcado pelas vivências com o outro, cujas relações iniciais vão influenciar o seu desenvolvimento. Winnicott (1990) acredita que a qualidade desse cuidado recebido é que vai possibilitar à criança o contato com o outro, com as suas sensações, com o mundo, com a vida. Portanto, é importante ressaltar a influência desse cuidador principal, uma vez que dependendo dessas experiências primárias poderão ocorrer possíveis danos ao desenvolvimento da criança.

Essa fase de dependência do bebê é denominada por Mahler (1982), de “simbiose mãe-bebê”, na qual são observados fenômenos extremamente complexos no que se refere à interpretação, em termos psicológicos, de forma que a compreensão desses fenômenos simbióticos exige certa sequência de uma fase posterior, a de separação-individuação (MAHLER, FURER, SETLAGE, 1959 *apud* MAHLER, 1982). Esta fase foi pesquisada pela autora a partir de um estudo sistemático de bebês normais, desde os cinco meses até o segundo e terceiro anos de vida, na presença real da mãe.

Tal estudo possibilitou o “conhecimento acerca do efeito traumático causado pela separação física da mãe e a respectiva influência patogênica sobre o desenvolvimento da personalidade” (MAHLER, 1982, p. 14). Mas, segundo a autora, é somente a partir do final do primeiro ano de vida que ocorre o desabrochar da criança à membrana simbiótica e os primeiros ensaios para a separação-individuação. É neste período que pode ser vislumbrado o

sentimento de identidade⁴. Uma das hipóteses do estudo de Mahler (1982) é a de que a fase de separação-individuação normal constitui o primeiro e decisivo fato para o desenvolvimento e manutenção do “senso de identidade”, isto é, “o processo de separação criança-mãe é pré-requisito para a individuação normal” (MAHLER, 1982, p. 26).

Segundo Mahler (1982, p. 14) “a relação simbiótica com a mãe, em nível de satisfação das necessidades, transforma-se gradualmente em relação objetal”. Essa relação estabelecida entre a mãe e o bebê – relação de objeto – é definida por Laplanche e Pontalis (1983) como o modo de relação do sujeito com o seu mundo, que se caracteriza pelo resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasmática dos objetos.

Klein (1951/1991) é quem faz uso desse termo – relação de objeto – para a interação da mãe com seu bebê, construída principalmente no primeiro ano de vida, período este de extrema plasticidade do recém-nascido que acaba estabelecendo, desde muito cedo, o modelo básico de como ele se relacionará consigo mesmo e com os outros, durante a sua vida. A autora afirma que esse envolvimento, que inicialmente é centrado no seio materno, é constituído por elementos como amor, ódio, fantasias, ansiedades e defesas, cujas reações fornecem um suporte, que envolve afetividade e emoção como elemento básico, permitindo à criança explorar o ambiente.

Nessa perspectiva, é oportuno destacar a compreensão do afeto expresso na psicanálise, o qual é entendido como qualquer estado afetivo, que pode ser tanto agradável como penoso, e que se manifesta por uma descarga emocional física ou psíquica, imediata ou adiada (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998). Algumas experiências positivas como o de ser amamentado, acariciado, olhado nos olhos etc., que são vividas entre a díade mãe-bebê, geram neste último, a vivência de um seio bom (gratificador), o que propicia a experiência de algo externo assegurador e tranquilizante.

Em contrapartida, os primeiros anos de vida também podem ser marcados por experiências negativas vivenciadas pela criança, de forma frustrante. Estudos (SPITZ, 1979/1983; BOWLBY, 1984/2002; WINNICOTT, 1963/2007) apontam os efeitos nocivos sobre a formação da criança quando observada num processo de perda ou separação da mãe na primeira infância.

⁴ Esse termo é empregado por Winnicott (*apud* DIAS, 2003) como uma experiência que passa a ter um novo sentido de continuidade de ser. Para ele, todo ser humano apresenta uma tendência inata ao amadurecimento, isto é, à integração numa unidade, que, fundamentalmente, é a existência de um ambiente facilitador que fornece os cuidados suficientemente bons.

Bowlby (1984/2002, p. 13) faz um alerta sobre a separação da mãe nos primeiros anos de vida, pois, no princípio a criança não tem noção da realidade exterior: o mundo é ela própria, envolvida com suas sensações e emoções. Somente durante os primeiros anos de vida é que ela experiencia o que lhe é próprio, aquilo que lhe é externo, de modo que, passa a ter consciência do "eu". Durante este desenvolvimento a presença da mãe ou de um cuidador substituto é de suma importância para atender às necessidades da criança, pois possibilita que ela diferencie o seu mundo interior do exterior. No início dessa consolidação do "eu", é preciso que a criança tenha suas necessidades básicas supridas, para que ela desenvolva o sentimento de confiança.

Segundo Klein (1952/1991), as experiências de frustração e ansiedade podem gerar no bebê um intenso sentimento de ameaça à sua sobrevivência. Quando a quantidade de frustração é muito intensa, a criança a projeta para fora de si e "transfere" esses conteúdos agressivos, que não os sente como seus, ao seio da mãe, tornando-o um objeto de perseguição, que gera temor à destruição. Nos casos em que a mãe não é capaz de digerir internamente essas reações do bebê, acaba provocando nele a fantasia inconsciente de que ele é o possuidor desses elementos destrutivos. Nessas condições, a criança sentirá o mundo como um lugar hostil, que não tolera suas angústias, sua raiva ou, ela mesma, como um todo.

Em contraposição, quando essas frustrações vão sendo repetidamente aliviadas por alguém, elas permitem à criança ter noção de uma realidade externa, inicialmente representada pelo seio da mãe. Depois, ela vai progressivamente percebendo o outro de maneira parcial, primeiramente o seio, o cheiro, a voz, até finalmente formar a noção de uma pessoa total. De modo que, aos poucos, a mãe (ou cuidador substituto) vai fornecendo maior ou menor quantidade de libido (afeto, desejo, interesse, ansiedade, medo, rejeição), cujo fator é crucial no desenvolvimento do indivíduo. É fundamental considerar que:

mesmo o bom efeito da criação nos primeiros tempos pode ser, em certa medida, anulado através de ulteriores experiências prejudiciais e maléficas, assim como as dificuldades surgidas no começo da vida podem ser mitigadas através de subseqüentes experiências benéficas. Ao mesmo tempo, convém recordar que algumas crianças parecem recordar condições externas desfavoráveis sem grande dano para seu caráter e estabilidade mental, ao passo que em outras, apesar de um ambiente favorável, manifestam (...) sérias dificuldades (KLEIN, 1971, p. 258).

Bowlby (1984/2002) afirma que o entendimento acerca da resposta da criança em relação à separação ou perda da figura materna está relacionado à compreensão do vínculo que a une a essa figura. Desta forma, o autor faz uma ressalva à importância da ligação emocional que se desenvolve entre o bebê e seu "cuidador", de modo que a criança que tem

pais afetivos e vive em um lar bem-estruturado, no qual encontra conforto e proteção, consegue desenvolver um sentimento de segurança e confiança em si mesma e em relação àqueles que convivem com ela.

A mãe suficientemente boa, descrita por Winnicott (1964/2006), aquela que não está presa à concepção maniqueísta ou positivista de boa ou má, desenvolve preocupação materna primária, oferecendo ao bebê um ambiente facilitador. Porém, Bowlby (1984/2002) salienta que os bebês criados em lares insatisfatórios, quanto às necessidades básicas, se desenvolvem melhor e apresentam ajustamento emocional mais adequado do que aqueles criados em instituições.

Nessa perspectiva, o autor afirma que se uma criança cresce em situação irregular, afastada da vida familiar, pressupõe-se que sua base de segurança tende a desaparecer, o que pode prejudicar suas relações com os outros, havendo assim, prejuízos nas demais funções de seu desenvolvimento. Normalmente, são crianças que iniciam o andar tardiamente, demoram a falar, têm dificuldade na coordenação motora e suas relações afetivas são instáveis. Enfim, a privação de laços afetivos durante a infância influencia de forma significativa o desenvolvimento da criança.

Winnicott (1975) afirma que para uma criança ter um desenvolvimento emocional saudável, ela necessita de um ambiente acolhedor, suficientemente bom e que atenda às suas necessidades básicas, sem que haja invasões⁵ nesse processo. Desse modo, o desenvolvimento emocional da criança e as circunstâncias em que ocorrem os primeiros anos de vida tem uma vinculação extremamente importante.

Esse mesmo autor considerou como o centro da constituição do si mesmo a relação dual e não mais o Complexo de Édipo da psicanálise tradicional, uma vez que as necessidades dos lactentes passaram a se diferenciar do desejo. Para ele, a ansiedade de ser devorado⁶ e a ansiedade de separação (medo do desamparo), as quais não são exclusivas a uma fase particular do desenvolvimento por ocorrerem em todas as idades no inconsciente, deixaram de ser concebidas como produto de supostas forças e mecanismos mentais inatos, e passaram a ser entendidas como consequência da ação de um fator externo, isto é, a primitiva falha da mãe em fornecer um ambiente suficientemente bom (WINNICOTT, 1960/2007).

O bebê, ao nascer, vivencia uma dependência total, o que torna imprescindível a presença de uma pessoa que atenda às suas necessidades vitais e assuma, desta forma, o papel

⁵ Winnicott (1949/2000) chama de invasão ou intrusão, aquilo que propicia a perda da continuidade do ser e ocorre quando o bebê sofre um impacto ambiental sem que ele esteja preparado para vivenciá-lo.

⁶ Essa ansiedade seria a angústia quanto à possibilidade de aniquilamento do si-mesmo (WINNICOTT *apud* DIAS, 2003).

da figura materna (WINNICOTT, 1970/2006). Para Freud (1920/1996), o indivíduo nasce com a capacidade de sentir prazer e a vivência que ele tem dessa capacidade é tão importante para seu desenvolvimento quanto o alimento para sua sobrevivência.

Diante do exposto, pautado no referencial teórico psicanalítico, foi evidenciado que as primeiras experiências de vida e as interações da criança com seu ambiente são fundamentais para o seu desenvolvimento emocional, o que indica a relevância da realização do estudo com crianças em situação de abrigo.

2.2 O abrigo como contexto de desenvolvimento

De acordo com Ferreira (2004, p. 84), a palavra abrigo, é definida como “lugar que abriga; agasalho que protege do mau tempo; cobertura, teto; amparo, proteção, acolhida; casa de assistência social onde se recolhem pessoas que não têm onde morar”. Estes termos traduzem a noção de auxílio, sustento, hospedagem, sem, entretanto, transparecer a ideia de ambiente permeado pela interação com vínculos afetivos, e, assim, transmitir a sensação de que apenas são atendidas as necessidades básicas de alimentação, higiene, sono e vestuário.

Frequentemente, o abrigo é concebido como um lugar de passagem, e por isso, deveria assumir uma função provisória na vida das crianças em situação de abrigo. Todavia, para algumas delas, em particular aquelas que possuem uma longa permanência, ele é um local de sobrevivência e formação de vínculos. Assim, esse ambiente passa a representar, para as crianças abrigadas por tempo prolongado, não só como um local de acolhida, obtenção de alimentos, higiene e lazer, mas acima de tudo, um contexto de desenvolvimento.

Os efeitos de um período de institucionalização prolongado têm sido apontados na literatura como prejudiciais ao desenvolvimento infantil, principalmente por interferirem na sociabilidade e na manutenção de vínculos afetivos na vida adulta (CARVALHO, 2002). Entretanto, estudos (DELL'AGLIO, 2000) apontam o abrigo como a melhor saída para crianças que vivem em condições adversas na família biológica, visto que a instituição oportuniza vivências menos desfavoráveis ao seu desenvolvimento.

A família não é a única referência estruturante para uma criança e o fato de esta ser cuidada longe de seu núcleo familiar de origem não significa necessariamente que haverá prejuízos ao seu desenvolvimento. Relevante, de fato, não é o contexto substituto – neste caso, a instituição – mas sim como este ambiente lida com os cuidados indispensáveis à criança, e, se, o mesmo se mantém constante e seguro em termos afetivos no decorrer do abrigo. Dessa maneira, o abrigo se torna um ambiente acolhedor, que se identifica com

as necessidades da criança e lhe fornece continência, de modo a proporcionar condições para afirmar seu potencial e facilitar o seu processo de maturação.

Nessa perspectiva, a função de um abrigo infantil realmente preocupado em desenvolver emocional e socialmente as crianças que ali residem, deve oferecer a experiência de um lar primário, um ambiente com regras e limites, comprometido com o cuidar, que consiga minimamente compreender e considerar o processo do desenvolvimento infantil. Os abrigos podem e devem se tornar ambientes estáveis e continentais, de maneira que a criança confie e veja nele um lugar bom para poder viver.

A tese de doutorado de Cavalcante (2008) foi realizada no mesmo abrigo infantil em que foi desenvolvido este estudo. A autora analisou a dimensão ecológica do cuidado institucional com crianças de dois a quatro anos de idade, a partir da percepção da dinâmica interacional entre subsistemas que constituem o abrigo como contexto de desenvolvimento humano. Ela aprofundou esse debate destacando essa instituição como ambiente coletivo de cuidado infantil e como contexto de desenvolvimento da criança. Este último foi definido pela autora como o lugar que “materializa as condições reais onde realiza o seu viver e desenvolve competências decisivas para a formação de personalidade e sociabilidade próprias” (CAVALCANTE, 2008, p. 32). Tal compreensão foi empregada nesta pesquisa, especialmente por entender que toda experiência infantil está diretamente ligada ao ambiente específico de relações.

A institucionalização prolongada, a privação materna, a ausência de relações afetivas e carência de condição material, muitas vezes observadas nestes ambientes de desenvolvimento, atreladas à falta de conhecimento das pessoas que lidam diretamente com a criança abrigada sobre a sua significativa contribuição em termos psico-emocionais, podem acarretar prejuízos no desenvolvimento infantil. Isso é destacado pelos estudos sobre os efeitos negativos da condição de abrigamento (BÖING, CREPALDI, 2004).

Em contrapartida, é possível conferir ao abrigo a possibilidade de vir a se constituir enquanto ambiente de desenvolvimento satisfatório para a criança. Para tanto, é importante que haja mudança na maneira de entender e administrar a dinâmica de tal ambiente, enfatizando assim, a relevância em compreender a experiência de crianças que apresentam permanência prolongada neste contexto.

O CAMINHO DE MIGALHAS DE PÃO

3 O CAMINHO DE MIGALHAS DE PÃO

No conto de fadas, a trilha feita por João com as migalhas de pão não permitiu que ele e sua irmã encontrassem o caminho de volta para casa, mas sim, chegassem à casa de doces. Em analogia a tal fato, este capítulo descreve o trajeto percorrido para se chegar ao abrigo, bem como, as etapas necessárias para efetivação do estudo.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, com intuito de se familiarizar com a teoria winnicottiana, além de conhecer as pesquisas que vem sendo efetivadas com crianças em situação de abrigamento. Posteriormente foi realizada a pesquisa de campo, sendo esta última baseada em informações coletadas a partir de observações diretas.

Optou-se em percorrer o caminho da pesquisa qualitativa, pois esta visa “coletar um corpo qualitativo de dados e informações sobre o fenômeno estudado, entendendo-se por qualitativo, aquilo que exprime a qualidade (...) o modo de ser, sua natureza e essência” (CALIL, ARRUDA; 2004, p. 188). No intuito de compreender o desenvolvimento afetivo-relacional da criança em situação de abrigamento foi necessário compreendê-la em sua singularidade e considerar suas particularidades, o que certamente não seria viável através do método quantitativo.

Souza e Matos (2004) afirmam que é possível, a partir do uso do método qualitativo, captar manifestações observáveis nos fenômenos estudados, como também é factível, segundo Turato (2004, p. 25-26), “entender/interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco, por meio de técnicas de observação (...)”. Nesse sentido, a observação direta foi um dos instrumentos de coleta de dados, cuja técnica propiciou a compreensão do desenvolvimento emocional e relacional da criança em seu *setting* natural (abrigo), tendo em vista que:

o ambiente natural é o local certo para a coleta dos dados (onde se encontrarão as informações realmente válidas de que se precisa), pois a configuração ambiental engloba e preserva as incontestáveis características e relações da pessoa (TURATO, 2003, p. 250).

Além da assertiva acima, considerou-se a aplicabilidade da técnica utilizada – Método Bick de Observação –, que visa observar um bebê em seu ambiente natural (BICK, 1964). A autora combinou esses aspectos naturais do *setting* familiar com a vertente psicanalítica na interpretação das observações. Dessa maneira, foi utilizado como referencial teórico, para o entendimento da interação da criança com o meio, os pressupostos psicanalíticos.

Segundo Laplanche & Pontalis (1998, p. 384), a psicanálise define-se como “um método de investigação cujo alvo maior é evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias de um sujeito”. A influência dessa teoria e as suas contribuições para a pesquisa qualitativa são discutidas por Turato (2003), uma vez que esta última apresenta os dados de maneira descritiva e os trata interpretativamente.

Diante do exposto, destaca-se que a psicanálise privilegia a compreensão dos fenômenos a partir da existência e ação do inconsciente humano, a qual, segundo Winnicott (1990), é apreendida a partir da transferência – responsável pela captação e nomeação da falta que não pode ser nomeada em palavras, posto que, são registros feitos a partir de sensações. Partindo da ideia de que “os bebês contam as suas histórias, mas precisam de quem possa ouvi-las” (LEJDERMAN; KOMPINSKY, 2000, p. 280), então é possível por meio da técnica de observação psicanalítica, em que a transferência é estabelecida, compreender e captar a subjetividade das crianças participantes do estudo.

Vale destacar que, o uso dessa técnica de observação “soma valiosos dados à história (...) do desenvolvimento da criança” (CARON, 2000b, p. 312), pois esta é, de acordo com Chbani e Pérez-Sánchez (1998), uma experiência de observação da natureza humana em desenvolvimento, em transformação. Portanto, o bebê é, indubitavelmente, capaz de revelar, através de atitudes, o seu mundo interior, suas necessidades, angústias, sentimentos e emoções.

Bick (1964) e Turato (2003) salientam a relevância da postura do pesquisador referentes à escuta e ao olhar sensíveis em direção ao sujeito que objetiva compreender cientificamente. Esses autores reconhecem os aspectos emocionais mobilizados na relação com os sujeitos em estudo, ou seja, consideram que o pesquisador desempenha uma efetiva participação nesse encontro, mesmo que não-agente, mas vivenciada, aproximando-se da função continente. Portanto, eles valorizam tanto o contato pessoal, como os elementos do *setting* natural dos sujeitos estudados, cujos aspectos tiveram seus méritos, no momento oportuno desta pesquisa.

3.1 EAPI

O Espaço de Acolhimento Provisório Infantil – EAPI, está localizado no Conjunto Satélite, We 08 s/n, Coqueiro, região metropolitana de Belém, Pará, cujo endereço era da antiga Creche “Começo Feliz”, sendo esta denominação associada ao local até hoje.

As atividades no EAPI, como instituição de acolhimento infantil, iniciaram no ano de 1994 e sendo responsável, atualmente, pela execução do principal programa de abrigamento

infantil mantido pelo governo do Estado, uma vez que “representa o maior abrigo público estadual para crianças desde a sua fundação com a promulgação da Lei Estadual nº 5.789/93” (CAVALCANTE, 2008, p. 93). Ele foi inaugurado em cumprimento a medida de proteção prevista pelo art. 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2004), com o objetivo de acolher crianças de zero a seis anos, em situação de risco pessoal e social, impossibilitadas de conviverem com suas famílias.

Quando esta pesquisa teve início, o abrigo estava diretamente vinculado à Fundação da Criança e do Adolescente do Pará (FUNCAP), órgão ao qual foi solicitada autorização para a pesquisadora frequentar semanalmente o local, com a finalidade de habituar-se com a dinâmica institucional. Entretanto, em função das mudanças na gestão governamental, ocorridas em 2008, durante a realização da pesquisa, a instituição passou a ser coordenada pela Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDES).

O EAPI tem capacidade para atender até cinquenta crianças, todavia, não foi o que se observou, pois em alguns meses chegou a acolher até noventa crianças. Esses menores estão à disposição do juiz para retornarem às suas famílias biológicas ou serem encaminhados a famílias substitutas para adoção. São conduzidas principalmente pelos Conselhos Tutelares, Ministério Público e Juizado da Infância e da Juventude (Comarca Belém, Ananindeua, Icoaraci e outras), entre outros motivos, por vulnerabilidade social: desemprego, pobreza, uso abusivo de álcool e outras drogas, violência doméstica, abuso sexual, conflitos familiares, negligência, etc.

As instalações físicas do abrigo envolvem os seguintes espaços: almoxarifado, banheiros, brinquedoteca, cozinha, lactário, despensa para roupas e calçados, depósito de produtos de limpeza, despensa para alimentos, lavanderia, piscina, sala de TV e vídeo, berçários, dormitórios, fraldários, *playground*, refeitório (infantil e dos funcionários), sala de reforço escolar, sala de atividades pedagógicas, sala de enfermagem, consultório médico, sala dos técnicos (nutricionista, assistente social, psicólogo) e secretaria.

No que diz respeito, aos dormitórios, estes reúnem crianças conforme a faixa-etária, com número e nome específicos, de modo que: D1 (Anjinho), D2 (Magali) e D3 (Cebolinha) acolhem os bebês com idade de zero a seis meses, seis a doze meses, um ano de vida, respectivamente. As crianças maiores são acolhidas pelos: D4 (Mônica), crianças de dois anos de idade; D5 (Franjinha), as de três; D6 (Rosinha), quatro anos e D7 (Chico Bento), as de cinco a seis anos ou mais.

Embora esse abrigo seja uma instituição de acolhimento infantil de zero a seis anos de idade, há casos em que essas crianças maiores de seis anos têm irmãos abrigados e por isso

permanecem no abrigo, em conformidade com o ECA, que atribui como um dos princípios adotado pela entidade que desenvolve programa de abrigo o “não desmembramento de grupo de irmãos” (BRASIL, 2004, p. 22). É importante destacar que esse princípio também vale para o caso da criança que tem irmão abrigado, em que ambos deverão ser adotados pela mesma família substituta.

Esse abrigo conta com uma equipe formada por uma gerente que é assistente social, uma equipe administrativa, uma equipe de apoio e uma equipe técnica composta por: assistente social, educador físico (havia profissional no início da pesquisa, mas este saiu da instituição e, ao término da coleta de dados, não foi substituído), médico, nutricionista, psicólogo, equipe de enfermagem (enfermeira e auxiliares de enfermagem) e setor pedagógico (pedagogo, educadores e monitores). Além disso, a instituição recebe a colaboração esporádica de estagiários de áreas diversas e de voluntários de grupos religiosos.

Os profissionais da equipe técnica são os responsáveis pela efetivação de inúmeras atividades destinadas às crianças de acordo com a faixa etária, dentre elas destacam-se: estimulação essencial, oficina de iniciação a musicalização, atividades físicas (essas três primeiras estavam suspensas no decorrer da pesquisa), atividades lúdicas na sala de brincar (brinquedoteca), iniciação à escolarização, reforço escolar, além de atendimentos de suas necessidades básicas.

Com relação à categoria de monitores, vale destacar que estes são exclusivamente do sexo feminino, e que lidam diretamente com as crianças abrigadas. Essas funcionárias municipais prestam atendimento direto às crianças nas diversas situações de cuidado: alimentação, higiene corporal e bucal, vestuário, recreação, e por isso apareceram com muita frequência nas observações de João e Maria.

3.2 Protagonistas

Assim como no conto, João e Maria⁷ são protagonistas desta dissertação. Duas crianças de ambos os sexos, que diferentemente de “João e Maria”, eles não são irmãos. João estava com um ano, onze meses e doze dias, quando iniciaram as suas observações, no dia 14 de junho de 2008; três meses depois (14 de setembro de 2008) começaram as observações de Maria, que estava com dois anos, sete meses e doze dias.

A escolha das crianças se deu em função dos seguintes critérios de inclusão: duas crianças do EAPI, número adequado para alcançar o objetivo desse estudo qualitativo com

⁷ Conforme foi citado anteriormente, João e Maria são nomes fictícios, bem como, todos os outros que aparecerão no decorrer deste trabalho.

ênfase na experiência de crianças em situação de abrigo e por uma questão de saúde mental, física e emocional tanto da pesquisadora, como do supervisor, uma vez que a observação psicanalítica⁸ requer um investimento emocional; de ambos os sexos, aspecto que poderia refletir em alguma distinção nesta vivência infantil, embora não fosse o foco da pesquisa; com permanência prolongada no abrigo, pela possível influência nas experiências infantis das crianças; que tivessem, pelo menos, um irmão abrigado, fator que diminuiria a possibilidade de adoção no decorrer da pesquisa, tendo em vista que teriam de ser adotados juntamente com seu(s) irmão(s); e, por fim, que fizessem parte do dormitório 4 (D4), onde eram acolhidas as crianças de dois anos de idade, as quais estariam nos estágios de dependência relativa - rumo à independência⁹, de modo a ainda necessitarem dos cuidados de um adulto, e as brincadeiras envolveriam predominantemente o componente simbólico.

Levando em conta a especificidade do método utilizado para coleta dos dados, foram considerados participantes da pesquisa, todos aqueles que fizeram parte do ambiente natural de João e Maria, tais como: as monitoras, as outras crianças, a observadora, além do grupo de supervisão, a partir de suas contribuições.

3.3 Coleta dos dados

3.3.1 Ambientação e considerações éticas

Antes de abordar o instrumento utilizado para coleta dos dados é imprescindível que se discorra, mesmo que sucintamente, sobre os primeiros passos que nortearam a chegada ao local de realização do estudo e como foi o processo de ambientação, tema discutido por Turato (2003) como um período de tempo variável, mas necessário para todo pesquisador que inicia a fase de pesquisa de campo.

A primeira visita ao EAPI foi com o orientador da referida pesquisa e ocorreu no dia 3 de abril de 2007. Neste momento, o contato foi com a psicóloga, que na época estava lotada na instituição, esta funcionária apresentou as dependências do abrigo e se colocou a disposição no que pudesse contribuir para realização do estudo. Ao final da visita, a técnica alertou quanto à necessidade de uma autorização da FUNCAP, para que fosse liberada a entrada para futuras visitas.

Na semana seguinte, foi providenciado um ofício do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFGPA) assinado pela coordenadora do

⁸ A especificidade dessa observação psicanalítica está descrita no item 3.3.3 deste capítulo.

⁹ Esses estágios foram descritos por Winnicott (1963/2007) e apresentados no capítulo 2.

programa (ver anexo 1), a fim de obter a permissão junto à referida fundação para a realização das visitas semanais ao abrigo, no qual se obteve um parecer favorável da diretora técnica da FUNCAP, conforme anexo 2.

De posse da autorização, foram realizadas visitas semanais ao abrigo, num período de quatro semanas no turno da manhã, as quais tiveram por finalidade o reconhecimento do local e da rotina institucional, a familiarização com as crianças e funcionários do EAPI. Nestes contatos, foi possível obter informações acerca da história de vida e características do comportamento de algumas crianças, dados referentes ao tempo de permanência no abrigo e motivo de sua chegada, bem como, uma aproximação do funcionamento da instituição.

De acordo com Turato (2003, p. 324), “é necessário que o pesquisador ocupe-se de várias idas ao campo, para suposição da provável dinâmica do *setting* onde se desenvolverá a coleta de dados”, cuja etapa da pesquisa é definida por ele como ambientação. Nesta fase ocorre adaptação às condições do lugar onde será realizado o estudo, o que implica em ajustamentos pessoais com relação aos arranjos cronológicos, à distribuição das tarefas desenvolvidas, às atividades rotineiras e aos indivíduos presentes neste ambiente.

Após essas visitas foi elaborado o projeto de dissertação referente à pesquisa em questão, sendo este encaminhado à Gerência do EAPI e submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA), o qual foi apreciado e aprovado na reunião do dia 20 de maio de 2008, sob o Protocolo de nº 050/08CEP-ICS/UFPA, de acordo com o anexo 3.

É importante esclarecer que a participação dessas crianças na pesquisa ocorreu por meio do consentimento do Juizado da Infância e Adolescência, por este ser o responsável legal das crianças abrigadas, cabendo a ele assegurar que elas sejam respeitadas e adotadas verdadeiramente por uma família substituta. A autorização foi concedida pelo Juiz Titular José Maria Teixeira do Rosário, da 1ª Vara da Infância e Juventude – Comarca da Capital, mediante o Ofício nº304/2007/JIJ-Gabinete, apresentado no anexo 4, o que justifica a ausência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As considerações éticas desta pesquisa também se referem ao fato de João e Maria terem sua identidade assegurada; as informações colhidas serão de acesso exclusivo dos pesquisadores e serão mantidas em sigilo, uma vez que estes e seus familiares serão identificados por nomes fictícios, bem como, todas as demais crianças e funcionários que são citados em algum recorte de observação.

3.3.2 Procedimentos

Os procedimentos, que incluíram a leitura dos prontuários de João e Maria, que foram disponibilizados pela instituição com autorização da gerência, e os relatos das 44 observações e 44 supervisões, oportunizaram um contato direto com as experiências infantis neste contexto e a sua compreensão a partir da perspectiva winnicottiana.

Cabe salientar que o método qualitativo também possibilita a obtenção de dados objetivos, que são encontrados em fontes de registros, porquanto a leitura do prontuário é uma técnica qualitativa. Os prontuários permitiram o levantamento de informações superficiais sobre a história de vida de João e Maria, porque os dados apresentaram-se fragmentados. Geralmente isso ocorre nos casos de crianças em situação de abrigo, em que os pais perdem o pátrio poder dos filhos e o abrigo não tem a prática, por inúmeros motivos institucionais, de coletar informações mais aprofundadas com os genitores e de fatos ocorridos no próprio contexto.

Com relação às observações, inicialmente foram propostas 48 sessões, sendo 24 de cada criança, as quais ocorreram num período sequencial, sendo as 24 iniciais de João, ocorridas durante dois meses e meio, de 14 de junho a 03 de setembro, e as da Maria ocorreram nos dois meses finais, de 14 de setembro a 19 de novembro, somando 20 sessões (25^a à 44^a). Contudo, não foi possível realizar as 24 sessões de observação de Maria, em função de sua adoção em novembro de 2008, o que reduziu o período de duração da coleta de dados de seis para cinco meses (junho a novembro de 2008), mas que não interferiu nos resultados, uma vez que as informações já coletadas representavam consistência de conteúdo para análise.

Desta maneira, foi realizado um total de 44 observações, em turnos alternados, que ocorreram duas vezes na semana: toda as quartas-feiras (22 sessões) e a outra, no final de semana, preferencialmente aos domingos (16 sessões), havendo apenas 6 sessões no sábado. Em função disso, algumas observações ocorreram em datas comemorativas como: dia dos pais (17^a) e dia das crianças (33^a), em feriados como o de finados (39^a) e durante as férias do mês de julho (6^a-14^a).

As sessões de observação ocorreram em diversos ambientes do abrigo, dentre eles: área de entrada, recepção, refeitórios infantil e dos funcionários, sala de TV e vídeo, corredor, área do barracão, área livre com brinquedos, dormitórios, brinquedoteca, área de recreação externa (presença de uma “casinha velha”), sala de enfermagem, sala dos técnicos, sala de atividades pedagógicas, despensa para roupas e calçados, depósito de produtos de limpeza e secretaria. Essa quantidade de “cenários” em que ocorreram as observações, está associada à

fase de desenvolvimento de João e Maria, pois ambos deslocavam-se livremente pela instituição, sem necessariamente terem um adulto por perto.

As observações ocorreram principalmente em dois dormitórios, no D4 e D5, pois no início da pesquisa Maria fazia parte do D4, contudo, na 40ª sessão de observação (sua 16ª sessão) a menina já havia completado três anos e por isso mudou de dormitório, então passou a ser observada no D5 até o término da coleta dos dados.

Após cada sessão de observação, foi feita a transcrição, isto é, o registro por escrito do que foi observado, tendo em vista que não é permitido qualquer tipo de anotação durante as sessões. Nesses registros constaram os comportamentos das duas crianças, as suas falas, brincadeiras, interações com seus pares e monitoras, bem como, as percepções da observadora, enfim, “todos os detalhes lembrados e, especialmente, os afetos (...) experimentados (pelo observador)” (OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006, p. 79), e quando possível, os fatos ocorridos com detalhes, cultivando a atenção flutuante, de modo a seguir as recomendações que norteiam o método.

Essas anotações foram lidas e discutidas nas 44 supervisões em grupo, cujos encontros ocorreram duas vezes por semana (terças e quintas-feiras), com duração de uma hora, na indispensável presença do coordenador com experiência como supervisor no Método Bick de Observação de Bebês, o qual, também é, orientador da referida pesquisa, além da participação média de três a quatro profissionais discentes.

3.3.3 Instrumento

O instrumento utilizado na coleta dos dados foi a aplicação do Método Bick de Observação de Bebês adaptado para a realidade de abrigo, cujos ajustes foram descritos posteriormente. Este método foi desenvolvido pela psicanalista inglesa Esther Bick (1902-1983) com a finalidade de auxiliar na formação de psicoterapeutas infantis. Em 1948, a prática de observação de bebês foi incluída como parte do curso de formação da Clínica Tavistock/Londres e, em 1960, foi introduzido ao plano de estudos no Instituto de Psicanálise Britânico (KOMPINSKY, 2000).

No Brasil, a disciplina Observação de Bebês teve início em 1974, sendo ministrada pioneiramente no Instituto de Psicanálise do Rio de Janeiro. Desde 1986, em Porto Alegre, foi oferecida em cursos de formação de psiquiatras e psicólogos e fez parte do currículo de formação de psicoterapeutas do Centro de Estudos, Atendimento e Psicoterapia na Infância e Adolescência (CEAPIA), enquanto que na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre foi ofertada como optativa. Na Sociedade de Psicanálise de São Paulo a disciplina foi

denominada de Observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB), a qual constituiu parte obrigatória do curso de Formação Analítica de Crianças.

Dessa maneira, o método tem angariado reconhecimento, sendo cada vez mais valorizado enquanto recurso de formação de psicoterapeutas e psicanalistas infantis, de modo a convergir com a proposta original de Bick (1964). Além disso, já se verifica uma abundante aplicação do método no âmbito terapêutico/preventivo e também como instrumento de pesquisa, embora essas experiências sejam recentes.

O Método Bick tem sido utilizado em contextos distintos ao ambiente familiar, conforme sugerido por Bick (1964), como a aplicação no contexto hospitalar: ambiente intrauterino (PIONTELLI, 1995; CARON, 2000a; FONSECA et al., 2000; CARON, FONSECA, KOMPINSKY, 2000), sala de parto (DONELLI, 2005 *apud* OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006), Unidade de Tratamento Intensivo – UTI Neonatal (DRUON, 1997 *apud* OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006; WIRTH, 2000), enfermaria pediátrica (CRESTI, LAPI, 1997 *apud* OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006; MARTINI, 2000a), setor de psiquiatria infantil (JARDIM et al. *apud* OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006) e no ensino médico (BERTOLDI, 2000); no contexto institucional: creche (JARDIM et al. *apud* OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006; LEJDERMAN, KOMPINSKY, 2000) e abrigo (APPELL, 1997 *apud* OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006).

Isso comprova o interesse crescente pelo método como fonte de achados científicos sobre o desenvolvimento infantil, bem como, o potencial das contribuições dos relatos de observação para a pesquisa psicanalítica. Cabe destacar, que o princípio fundamental do método é favorecer uma convivência direta a partir de visitas semanais com duração de uma hora, com as primeiras experiências e interações do bebê em seu grupo primordial – a família, proporcionando um mergulho profundo na alma humana (MÉLEGA, 2001; CARON, 1995). Assim, este método capacita para análise das ações da dupla mãe-bebê, identificando os padrões de vínculo que se estabelecem nessa díade, além de propiciar a compreensão do desenvolvimento emocional da criança (KOMPINSKY, 2000).

Vale ressaltar que houve algumas adaptações no método original. A principal foi com relação à mudança do contexto em que foram realizadas as observações: deixou de ser familiar e passou a ser institucional. Em função disso, foram feitos ajustes quanto ao número de visitas semanais, que, ao invés de uma, ocorreram duas vezes por semana, e, ao período de observação, que, segundo o método, é efetivada durante aproximadamente doze meses, neste caso, ocorreu em cinco meses. Isso, em virtude das atividades desenvolvidas, dos atendimentos disponibilizados e do número de funcionários em serviço no abrigo durante a

semana ser diferente aos finais de semana, além da necessidade em atingir um número considerável de sessões, que pudessem garantir o alcance dos objetivos da pesquisa.

Uma outra adaptação foi com relação à faixa etária. No método original, as crianças são observadas, semanalmente, até o primeiro ano de vida. Neste caso, foram observadas crianças a partir dos 2 anos de idade, as quais não dependem da presença constante de um adulto e podem explorar o ambiente mais livremente. Por último, destaca-se o ajuste com relação ao foco de observação, que deixou de ser na relação mãe-bebê, em função da peculiaridade do *setting*, e passou a focar a relação criança-monitora, criança-criança e criança-observadora.

Nesta pesquisa foram observadas duas crianças abrigadas, isto é, foram realizados dois estudos de caso, cuja técnica, segundo Oliveira-Menegoto et al. (2006), baseada na observação de bebês tem sido pouco valorizada como instrumento de pesquisa. As autoras, de certo modo, defendem a importância desse tipo de técnica:

O estudo de caso proveniente da observação de bebês seria uma excelente ferramenta de pesquisa, e a própria observação de bebês pode ser reconhecida como equivalente a estudos de casos psicanalíticos em seu potencial de gerar novas idéias e influenciar a técnica clínica (OLIVEIRA-MENEGOTO et al., 2006, p. 85).

Esse potencial advém da possibilidade, que o estudo de caso propõem com relação ao aprofundamento qualitativo de cada caso estudado. Destacando ainda, um aspecto que o método privilegia, que é o olhar, cuja atividade deve voltar-se a tudo que ocorre com o bebê, mantendo uma postura de atenção flutuante. Contudo, Chbani e Pérez-Sánchez (1998, p. xvii, grifos nosso) destacam que:

a observação de *bebés* não é apenas uma atividade visual. Se assim o fosse, não seria ética, já que nada nos autoriza a sermos *voyeristas*. A observação de *bebés* é uma *actividade* que envolve todos os sentidos, todo o nosso ser. É uma disciplina, uma necessidade de estarmos ali, vigilantes, para não perdermos a riqueza de momentos que não se repetem ao longo da vida, donde que só os olhos seriam completamente insuficientes.

Nesta perspectiva, percebe-se que o observador assumirá um “papel subjetivo de participante, ao mesmo tempo em que desempenha o papel objetivo de observador, o que o coloca numa posição privilegiada para compreender e explicar o comportamento humano” (SOUZA; MATOS, 2004, p. 194). Esta técnica tem sua ênfase na ação coletiva que envolve tanto o pesquisador quanto os sujeitos pesquisados, de modo que essa experiência:

contribui para aprender a estar com o outro, num mesmo campo emocional, (...) elaborando “silenciosamente” as emoções despertadas pelas cenas (...) Isso quer dizer aprender a abster-se de julgamentos e intervenções, no campo de observação, e quer dizer, também, treinar-se a permanecer na difícil posição de “estar de fora” (...), sem, porém, sentir-se excluído (MÉLEGA, 2001, p. 76).

Em virtude dessa dificuldade em ter que se abster diante do que é observado, a técnica possibilita um certo treino, que segundo Mélega (2001, p. 71, grifo nosso) “oferece a oportunidade, supervisionada, de apenas observar e observar-se, (...), propicia um tempo de ‘estar com’, ‘de escutar’ e de ‘conter emoções’(...)”. Assim, chegar-se-á às duas etapas seguintes do método Bick, que consistem na transcrição das sessões de observação e na supervisão em grupo, momento em que deverão ser lidas as anotações junto com o supervisor.

Mélega (2001) afirma que, na supervisão, o observador recebe orientações do supervisor quanto ao seu estado de continência diante do que está sendo observado, sem expectativas e sem idéias pré-concebidas. É neste momento que o observador tem a possibilidade de “compreender, organizar e dar sentido a estas vivências” (OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006, p. 79), pois, pode rever sua postura, resgatar sua função e obter um aprendizado psicanalítico da experiência de observação.

Cabe salientar a importância, preconizada pelo método (BICK, 1964), de o observador estar em análise pessoal. Pois, durante as sessões de observação, muitos afetos serão mobilizados, os quais necessitam ser compreendidos e trabalhados, o que não compete ao supervisor, mas sim, ao analista.

3.4 Análise dos dados

Os dados foram analisados a partir dos relatos das observações e das supervisões em grupo. As 44 horas de observações resultaram em 267 páginas de texto, que foram organizados e relidos, a fim de destacar as experiências de João e Maria. Foram utilizadas, também, as anotações do grupo de supervisão. Segundo Bick (1964), esses relatos de observação e de supervisão relevam repetições que podem ser identificadas como temas recorrentes, norteando o entendimento da situação apresentada.

Nessa análise, foram usados os recortes dos relatos de observação, em que foi indicado o número da observação, a data em que foi realizada e a idade da criança. Com base nesse material e no referencial teórico winnicottiano, que norteou a interpretação e discussão dos resultados, foi possível definir três categorias de análise, que foram transformadas em capítulos desta dissertação: *O ambiente de cuidado de João e Maria*; *João e Maria revelados por suas peripécias* e *Encontros com a observadora-narradora*.

Na primeira categoria, *O ambiente de cuidado de João e Maria*, os aspectos destacados em relação aos comportamentos de João e Maria, peculiares ao contexto de abrigo, foram: maneira de interagir neste ambiente; capacidade e criatividade para lidar com sentimentos como: ansiedade, angústia, medo; busca incessante de colo, carinho e atenção; e criação de laço afetivo com determinadas monitoras.

Na segunda categoria, *João e Maria revelados por suas peripécias*, ressaltou-se a interação das duas crianças com seus pares e com a observadora, nas quais as crianças manifestaram: capacidade de simbolização, notório interesse pelas brincadeiras envolvendo contato corporal e práticas de cuidados, principalmente de alimentação e higiene.

Na terceira e última categoria, *Encontros com a observadora-narradora*, foram apontados elementos presentes na relação das crianças com a observadora, como: facilidade para estabelecerem vínculo afetivo e presença da relação de transferencial¹⁰. Além disso, foram revelados aspectos referentes às sensações da observadora diante das particularidades do ambiente e da relação com as duas crianças, bem como, a sua mobilização interna.

Na discussão e interpretação dos resultados foram considerados os aspectos de relevância, os que não foram necessariamente apresentados pelas duas crianças, mas que se constituíram em um rico material em conteúdo, e, os de repetição, aqueles que demonstraram o que João e Maria têm em comum. Para tanto, foram utilizados alguns conceitos básicos da psicanálise que embasaram a discussão e interpretação dos capítulos subseqüentes.

¹⁰ Este termo será definido e discutido no capítulo 5.

O AMBIENTE DE CUIDADO DE JOÃO E MARIA



4 O AMBIENTE DE CUIDADO DE JOÃO E MARIA

O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes.

Donald Winnicott

Neste capítulo serão apresentados os resultados das observações referentes às características do ambiente e aos cuidados recebidos por João e Maria no abrigo, que foram interpretados com vistas ao referencial teórico psicanalítico e com a contribuição da supervisão em grupo. Tendo em vista, a importância do ambiente de desenvolvimento da criança, Winnicott (1975, p. 79) afirma que:

não se pode fazer uma descrição do desenvolvimento emocional do indivíduo inteiramente em termos do indivíduo, mas considerando que em certas áreas – e essa é uma delas, talvez a principal – o comportamento do ambiente faz parte do próprio desenvolvimento pessoal do indivíduo e, portanto, tem de ser incluído.

O autor refere a importância de valorizar o aspecto do ambiente como elemento constituinte da experiência infantil, por isso foi destinado um capítulo específico para se tratar dessas vivências e das peculiaridades desse ambiente. Todavia, antes de falar sobre esse contexto de desenvolvimento, primeiramente serão descritos alguns fragmentos da história de vida de João e Maria, a fim de conhecer o motivo pelo qual ambos foram viver em condição de abrigo. Esses dados foram colhidos nos prontuários da instituição, com autorização da gerência, além de informações fornecidas espontaneamente por algumas monitoras.

Vale destacar a escassez dos dados encontrados nestes documentos institucionais, que segundo Cavalcante (2008), está relacionada ao fato deste procedimento, relativo ao preenchimento dos dados de ingresso e desligamento da criança do abrigo, ser visto apenas como protocolo administrativo e não como um momento especialmente difícil em termos emocionais e de relevância para compor a história de vida da criança.

Portanto, informações sobre o crescimento e desenvolvimento da criança, que seriam de extrema relevância para um acompanhamento mais adequado tanto dentro do abrigo como no caso de retorno à família de origem ou inclusão em família substituta, apresentam lacunas. Mas, mesmo com essa carência de elementos foi possível ter uma breve noção acerca da história de João e Maria, conforme descrito a seguir.

4.1 Fragmentos da história de João e Maria

João, sexo masculino, paraense, nasceu no dia 2 de julho de 2006, na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Belém (PA), cuja Certidão de Nascimento (2ª via) foi providenciada pelo abrigo no dia 10 de janeiro de 2008. O menino é filho de José¹¹, 42 anos de idade, autônomo, analfabeto, fumava e ingeria bebida alcoólica e de Rita, 22 anos, com suspeita de transtorno mental, e é irmão de Levi, de 3 anos, que também estava abrigado. Tais informações foram confirmadas voluntariamente por uma funcionária do abrigo:

(...) a monitora também comentou um pouco sobre os pais de João. Ela disse que seus pais têm amor, mas não têm condições de criá-los (João e Levi), complementando que o pai é alcoólatra e a mãe parece ter algum problema mental, pois ela tem atitudes e fala como uma criança (29ª observação, 28/09/08, 2 anos, 10 meses e 16 dias).

De acordo com as informações do prontuário e o comentário da monitora, foi possível constatar uma situação sócio-econômica desfavorável, que permeou a vida de João antes de seu ingresso no abrigo, cujos dados reforçaram a sua estada neste ambiente. De acordo com os registros, a situação habitacional dessa família era precária: casa cedida, de madeira, com péssimas condições de higiene, piso de terra e com móveis aglomerados, banheiro externo e água de poço. Contudo, cabe salientar a relação afetiva desses pais para com a criança e seu irmão mais velho, tal interação foi constatada em uma das sessões de observação, que coincidiu com a visita dos pais, bem como, a partir de relatos de funcionários.

João estava com um mês e seis dias de vida quando foi encaminhado ao EAPI, no dia 8 de agosto de 2006, pelo Conselho Tutelar II de Belém da 1ª Vara da Infância e da Juventude da Comarca da Capital. Sua requisição citava que “a criança passou por situação de violência doméstica junto com a mãe e outro irmão; a mãe estava em cárcere privado, foi abusada sexualmente, sendo agredida e ameaçada de morte pelo marido; (...) foi feita ocorrência e IML¹² (...)”. Esses elementos demonstraram a estruturação precária da família do menor.

Este foi o primeiro abrigamento de João, cujo encaminhamento foi efetuado com intervenção junto à família visando a reinserção da criança, que recebia visita dos pais. Entretanto, em um ofício encaminhado pela equipe técnica do EAPI ao Ministério Público, no dia 3 de dezembro de 2007, os técnicos consideraram necessário e de direito que esta criança tivesse um convívio em família e em comunidade (art. 19 - ECA), sendo favoráveis à destituição do pátrio poder e por conseguinte, que a criança fosse colocada numa família substituta (art. 24 - ECA), tendo em vista as inúmeras tentativas de estruturar sócio-

¹¹ Como citado anteriormente, todos os nomes citados aqui são fictícios.

¹² Instituto Médico Legal.

economicamente, sem sucesso, esta família. Até o final das observações, João e seu irmão Levi se encontravam abrigados e ainda recebiam visita dos pais, mesmo que esporadicamente.

Essas informações revelaram as primeiras experiências de vida de João, permeadas principalmente pela falta de condições sócio-econômica dos genitores e também de violência doméstica, em função de o pai fazer uso abusivo de bebida alcoólica.

Com relação à Maria, foram desvelados os seguintes dados: sexo feminino, paraense, também nasceu na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Belém (PA), no dia 2 de novembro de 2005, cuja Certidão de Nascimento (2ª via) foi providenciada pelo abrigo no dia 31 de janeiro de 2008. A criança é filha de Carlos, 26 anos, e de Socorro, 37 anos, ambos são ambulantes, e é irmã de Vanderson, de 4 anos, que também estava abrigado no momento de realização da pesquisa.

De acordo com as informações do prontuário, a menina chegou ao EAPI no dia 17 de abril de 2006, em função de maus tratos e estava com 5 meses e 15 dias de vida. Foi encaminhada pelo Conselho Tutelar V de Outeiro, cuja requisição citava que “a criança encontrada abandonada pela genitora, na companhia de um adolescente, que é viciado em cheirar *thiner*, a criança apresenta características de maus tratos”, o que foi ratificado por uma funcionária de maneira espontânea:

(...) a monitora (...) informou-me que Maria foi a criança mais mal tratada que ela já viu chegar no abrigo, a sua cabeça era cheia de feridas e o corpo tomado de escabiose. Ela disse que os pais nunca foram lá vê-la e que quando foi denunciada, ela estava sozinha na casa com o irmão Vanderson e um outro adolescente que é drogado (29ª observação, 28/09/08, 2 anos, 10 meses e 16 dias).

Conforme a descrição da chegada de Maria ao abrigo, foi possível constatar aspectos de maus-tratos, referentes aos cuidados recebidos pela criança, possivelmente entremeados pela ausência de afeto. Assim como no caso de João, este também foi o primeiro abrigamento de Maria, a qual nunca recebeu a visita dos genitores. A mãe esteve uma única vez no abrigo, oito dias após a sua entrada no EAPI.

A equipe técnica fez várias tentativas de sensibilização junto à família materna, porém, não obteve sucesso, pois os familiares não demonstraram interesse e nem condições financeiras para assumir a guarda da menina. Portanto, Maria e seu irmão foram destituídos do poder familiar e foram colocados em adoção, mediante Ação de Destituição do Poder Familiar, os quais foram adotados por uma família substituta em novembro de 2008, cujo fato acarretou o encerramento antecipado das observações da menina.

Enfim, essas informações possibilitaram conhecer um pouco da história de Maria, o que evidenciou abandono, negligência e maus tratos presentes nas suas primeiras experiências de vida. Dados estes que chamaram atenção de quem tomou conhecimento, como foi o caso desta monitora:

Jamily (monitora) (...) passou por mim (observadora) e disse: *Eu me identifico com a história dela (Maria), minha vontade é levar ela para passar o dia na minha casa, mas a casa é pequena e tá em reforma, mas quando tiver tudo organizado vou levar ela pra passar o dia com a gente* (26ª observação, 17/09/08, 2 anos, 10 meses e 15 dias).

Possivelmente, essa identificação da monitora estivesse relacionada aos cuidados recebidos em sua infância e que podem estar sendo revividos a partir da constatação da história da Maria. Talvez por isso, a monitora almejasse proporcionar à menina momentos em um lar afetivo, algo que Maria nunca teve, até aquele momento. Nesta mesma observação, a monitora perguntou para a menor se ela havia trocado-lhe pela observadora e, ainda, questionou à esta última sobre o interesse em levar Maria consigo. A monitora foi informada sobre as sessões de observação que estavam sendo realizadas com a criança.

Diante disso, foi possível verificar que conhecer e se aproximar dessas realidades, implicou em uma “escuta” do contexto de suas vidas, desde o nascimento, considerando suas histórias pessoais, familiares e o lugar em que viveram antes de chegar ao abrigo. O acesso ao conteúdo dos prontuários e a leitura das 44 observações de João e Maria propiciaram a compreensão de algumas características presentes em suas vivências neste ambiente, que por sua vez também desenvolveu influência nas experiências dessas crianças.

4.2 Peculiaridades do ambiente

Durante as 44 observações foi possível constatar algumas características referentes ao ambiente, incluindo não só a dinâmica institucional, mas também, e não menos importante, a relação das monitoras com as duas crianças, ou seja, os seus cuidados destinados ao João e à Maria, neste contexto. Desta forma, advém a importância de considerar a rotina do abrigo, uma vez que esta refletiu experiências de vida de João e Maria, em sua maioria, relacionadas às condições em que se efetivaram os cuidados básicos de higiene, alimentação, sono/descanso e vestuário.

Diante disso, vale reforçar a importância desses cuidados nos primeiros anos de vida, os quais foram destacados por Winnicott (1960/2005) e Spitz (1979/1983). De acordo com este último, o indivíduo ao nascer depende de uma outra pessoa para satisfazer suas

necessidades de alimento e conforto, pois não apresenta condições biológicas para sobreviver sozinho, sendo por isso, marcado pelas vivências com o outro. Portanto, o bebê se torna interessado nessa figura humana disponível que sacia suas necessidades, desempenha o papel da mãe e estabelece o vínculo, cuja função Winnicott (1960/2005) denominou de materna ou maternagem.

Esse termo está relacionado ao atendimento das necessidades básicas do bebê, que tem uma tendência inata para crescer e cujo crescimento depende dos cuidados primários recebidos pela pessoa mais previsível e confiável para ele (WINNICOTT, 1960/2005). A pessoa responsável em desenvolver tais cuidados pode ser um cuidador substituto, não obrigatoriamente a mãe. Esta relação cuidador-bebê, durante os primeiros anos de vida, terá um papel importante na saúde mental dessa criança.

Pode-se dizer que a formação de uma criança saudável é favorecida pelos estágios de dependência descritos por Winnicott (1963/2007). Este autor destacou que o desenvolvimento emocional primitivo perpassa por estágios de dependência à independência, onde se observa três fases: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência.

O autor define como dependência absoluta os estágios iniciais do desenvolvimento emocional do lactente, que vai do nascimento até, aproximadamente, os cinco ou seis meses de idade. Neste período, se observa a completa dependência dos cuidados maternos, em que a relação entre o bebê e a mãe denota um estado simbiótico¹³, pois um parece fazer parte do outro.

No 2º estágio, o de dependência relativa, o lactente, que se encontra por volta dos dois anos e meio de idade, já é capaz de “se tornar *consciente dessa dependência*” (WINNICOTT, 1963/2007, p.84, grifo do autor); ele passa a perceber os cuidados recebidos e a necessidade que tem do outro por ainda não ser capaz de realizá-los sozinho. Em outras palavras, o lactente se percebe como um ser total, diferenciado da mãe, identificando necessidades e mecanismos indispensáveis para que as mesmas sejam atendidas. De acordo com Caldasso (1997) é por meio dos processos intelectuais do indivíduo, nesta fase, que os fracassos do meio ambiente são gradualmente tolerados, compreendidos e até preditos.

O 3º estágio é definido pelo autor como rumo à independência, denominado assim, por nunca estar completo. Essa fase é caracterizada pelos esforços da criança acima dos dois anos de idade (fase pré-escolar e puberdade), pois já há uma maior possibilidade de cuidar de si mesmo, acompanhada por uma situação de interdependência com os que constituem o

¹³ Termo já tratado por Mahler no capítulo *Há muitos anos atrás...*

ambiente humano. Assim, o que ocorre é uma progressão gradual dos processos anteriores, levando a criança a este estágio.

Portanto, a criança de dois anos de idade, foco desta pesquisa, encontra-se no estágio de transição entre dependência relativa e rumo à independência, cuja faixa-etária é caracterizada pela capacidade de se movimentar com mais facilidade de um lado à outro, comunicar-se com maior clareza, se perceber enquanto uma pessoa separada, com qualidades específicas e apresentando habilidades cognitivas e sociais, que lhe permitem interagir de modo mais completo e bem sucedido com as outras crianças. Além disso, de acordo Winnicott (1941/2000), as crianças de dois anos de idade são ricas emocionalmente e em conteúdos, o que foi confirmado a partir das observações de João e Maria.

Alguns aspectos observados acerca da rotina deste ambiente, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento das crianças em situação de abrigo. Muitas vezes, não foi possível valorizar a singularidade de cada criança, no sentido das suas necessidades específicas que acabavam por serem deixadas de lado, em detrimento ao aspecto institucional.

Com relação à higiene corporal e bucal, foram constatadas situações em que estas necessidades não eram priorizadas, configurando-se como riscos iminentes para saúde das crianças, como por exemplo: demora significativa na troca de fraldas, ausência de um adulto quando a criança necessitava ir ao banheiro, desatenção durante a higiene bucal, entre outros aspectos. A seguir, são destacados dois momentos em que há demora no atendimento das necessidades básicas de João e Maria:

ao chegar no abrigo (...) enxerguei (observadora) João próximo ao palco do barracão (...) logo percebi que ele estava com o short sujo de cocô (...) de repente, vi escorrer pela sua perna um líquido meio amarelado (...) João olhou para trás em direção às monitoras, talvez (...) na esperança de finalmente irem lhe trocar. Só então, uma terceira monitora apareceu chamando-o para tomar banho (...). Quando a monitora foi jogar as peças de roupa no cesto, percebi que João estava com a virilha avermelhada, provavelmente já estivesse assada (23ª observação, 31/08/08, 2 anos, 1 mês e 29 dias).

Maria veio sentar no meu (observadora) colo, percebi e comentei que ela havia feito xixi. (...) Uma das monitoras comentou que ela estava de calça enxuta, mas mesmo assim, percebi seu short molhado. Ela chamou Maria e mesmo constatando que ela estava molhada orientou a menina para ir deitar (29ª observação, 28/09/08, 2 anos, 10 meses e 26 dias).

Nestas duas observações, os cuidados dispensados que deveriam ter sido realizados de imediato foram adiados, uma vez que João passou praticamente toda a sessão de observação com a fralda suja, quase uma hora, sem que houvesse alguém atento à sua necessidade básica.

Para Winnicott (1975), o ambiente suficientemente bom é traduzido em termos de segurança e continência, desenvolvido pelo cuidador atento às necessidades da criança.

No caso de Maria, a sua necessidade de higiene foi percebida pela monitora, mas esta optou em deixá-la como estava, o que denotou a falta de continência por parte da funcionária. A menina não fazia mais uso de fralda, esse foi um dos raros momentos, pois quando sentia tal necessidade era orientada para ir ao banheiro, normalmente fazia isso sozinha, porém, houve um momento em que foi acompanhada por uma monitora.

Maria referiu que queria fazer cocô (...) Elaine (monitora) (...) disse: *Bora logo Maria porque tu tá sem fralda.* (...) Foi só o tempo da menina sentar e a monitora disse: *Maria, vou tomar água e já volto, viu?* Quando ela terminou de fazer cocô, levantou-se do vaso, levantou seu short, abaixou a tampa do vaso, subiu neste e puxou a descarga (...). Até que Elaine retornou e perguntou-me se ela havia se limpado e eu respondi que não. Ela então disse para Maria: *Bora logo tomar banho, porque senão podes ficar assada.* Novamente a monitora se ausentou, após tirar a roupa da Maria, colocá-la debaixo do chuveiro e entregar-lhe a saboneteira, Elaine disse: *Vou lá no dormitório buscar tua toalha e o xampu* (30ª observação, 1º/10/08, 2 anos, 10 meses e 29 dias).

Cabe ressaltar que as duas e significativas ausências da funcionária, possivelmente estariam associadas à presença da pesquisadora, que poderia representar um incômodo, pois ela seria observada e possivelmente avaliada ao realizar suas atividades, ou ainda, representar tranquilidade, em função de estar ali para auxiliar a menina caso fosse necessário. Apesar das suas ausências, ela demonstrou preocupação em relação a uma possível assadura em Maria.

Vale salientar que ao serem satisfeitas tais necessidades, nem sempre essas relações de cuidado estavam associadas ao aspecto afetivo. O que se observou, na maioria das vezes, foram monitoras mais preocupadas em cumprir a programação das rotinas diárias, sem que essas tarefas fossem efetivadas com uma aproximação mais gratificante para as crianças, uma vez que essa relação era predominantemente superficial, com pouco contato afetivo e corporal, como pode ser percebido nesta breve vinheta:

(...) a mesma (monitora) não estava utilizando luva para higienizá-los, algo raro de se ver (38ª observação, 29/10/08, 2 anos, 11 meses e 27 dias).

Nesse recorte foi destacado um aspecto que chamou atenção da observadora, possivelmente em função da maioria das monitoras utilizar luva cirúrgica para higienizar as crianças durante o banho e após terem feito cocô, isso quando não era utilizada luva emborrachada de lavar banheiro. Isso denota a ausência ou quase nenhum contato afetivo e corporal no momento da prática de cuidados junto às crianças: o que deveria ser um momento

de prazer, acaba se transformando em um verdadeiro incômodo e insatisfação por parte das crianças. Talvez isso justifique o comportamento de choro de algumas delas durante o momento do banho.

Toda criança necessita passar por essas experiências de contato corporal, para tanto, não se faz imprescindível que o cuidador detenha conhecimento e sabedoria, mas, acima de tudo que, seja uma pessoa dedicada e afetuosa (WINNICOTT, 1950/2006). Pois, segundo Winnicott (1951/2000, p. 326) “o sucesso ao cuidar de um bebê depende mais da devoção do que da inteligência”, ou seja, uma pessoa que seja capaz de compreender e atender aos sinais que a criança emite referentes às suas necessidades.

A criança precisa desse contato físico desde o momento em que nasce, uma vez que sua primeira ligação com o mundo ocorre por meio do contato corporal com a pessoa responsável em satisfazer suas necessidades. De acordo com Montagu (1988, p. 102) “é este contato corporal com o outro que fornece a fonte essencial de conforto, segurança, calor e crescente aptidão para novas experiências”. Daí a significativa importância do toque, o que não é recente, pois:

no século XIX, mais da metade dos bebês morriam durante o primeiro ano de vida, geralmente de uma doença chamada *marasmu*, palavra grega que significa “definhar”. (...) na década de 20, a taxa de mortalidade para bebês com menos de um ano, em diversas instituições e orfanatos espalhados pelos Estados Unidos, rondava perto dos 100% (MONTAGU, 1988, p. 104).

Dessa maneira, foi constatada, de acordo com o relato abaixo, a necessidade das crianças abrigadas em relação ao toque e ao carregar, cuidados estes pouco explorados no abrigo, o que ratifica as citações anteriores.

Bastou Cecília (monitora) carregar uma criança para que as demais fossem até lá (...). Ela carregou uma única vez cada um (João, Maria, William e Jaime), dizendo: *Vai ser só uma vez pra cada*. Em seguida, Cecília (...) deitou-se numa das camas e João logo correu, subiu na cama e se jogou por cima dela (26ª observação, 17/09/08, 2 anos, 10 meses e 15 dias).

Winnicott (1968/2006) afirma que, em termos vitais dos cuidados prestados a um bebê, o ato de manipular e segurá-lo é mais importante do que a experiência concreta da alimentação. Entretanto, o que se verificou no abrigo foi que, por uma questão institucional, ou mesmo pessoal, algumas monitoras evitavam tocar, carregar, manter contato próximo com as crianças, pois assim, não haveria apego de ambas as partes e conseqüentemente, não haveria sofrimento quando um dos componentes dessa dupla necessitasse ir embora.

Um outro aspecto observado, ainda em relação à higiene corporal das crianças, foi que, algumas monitoras demonstravam maior preocupação quando não estavam responsáveis pelo dormitório de João e Maria.

A monitora constatou que era ela (Maria) quem tinha feito cocô. A monitora Suely, que passava por lá, tomou conhecimento de que ela estava suja e, no mesmo instante, a levou para tomar banho, embora naquele dia estivesse responsável pelo D5. (...) Chegando no banheiro, a menina foi direto para área dos chuveiros (...) aguardando Suely que, depois de despi-la, foi jogar a fralda descartável no cesto. Enquanto isso, a outra monitora do D5 foi buscar um pedaço de papel higiênico, pois ela estava muito suja, ao retornar retirou o excesso de cocô do bumbum de Maria (26ª observação, 17/09/08, 2 anos, 10 meses e 15 dias).

Talvez isso ocorresse porque a funcionária estando em um outro dormitório acabava por realizar os cuidados sem uma obrigatoriedade, conforme foi verificado no comportamento das monitoras no trecho acima. E assim, elas foram percebidas como disponíveis e continentas ao realizarem tal cuidado. Para Winnicott (1990) a continuidade do ser é construída a partir do cuidado que o bebê recebe de sua mãe (ou cuidador substituto), o que também o torna capaz de ter uma existência pessoal, o que nem sempre foi constatado durante os cuidados recebidos pelas crianças no abrigo.

Em se tratando da higiene bucal, percebeu que, em determinadas situações, havia pouca preocupação com esse cuidado básico, o qual às vezes não ocorria por motivos relativos à dinâmica institucional, de acordo com a vinheta abaixo. Em determinados momentos da escovação dos dentes, não se observava atenção ao fato de as crianças não poderem engolir pasta e água, e, além disso, algumas escovas eram compartilhadas entre as crianças.

No caminho, a monitora (...) informou que iriam escovar os dentes. (...) a monitora, que entrou primeiro no dormitório, logo percebeu que as escovas não estavam em número equivalente ao de crianças. Ela comentou com a outra, que chegou logo em seguida: *Só tem quatro escovas de dente aqui, ainda não vieram trazer as outras.* E assim ficaram todas as crianças sem escovar os dentes (29ª observação, 28/09/08, 2 anos, 10 meses e 26 dias).

Nesse momento, as crianças estavam retornando do refeitório e iriam escovar os dentes para dormirem após o almoço, mas como isso não foi possível em função de uma questão institucional, a monitora colocou as crianças para dormirem mesmo sem terem feito a higiene bucal. Embora anteriormente tenha sido citado o compartilhamento de escovas entre as crianças, que poderia ter sido uma atitude assumida pelas monitoras para solucionar tal situação, neste trecho isso não foi evidenciado, mas essa questão do compartilhar será retomada mais adiante.

Com relação à alimentação, as crianças tinham horários pré-definidos para comer, os quais estavam relacionados ao uso do refeitório infantil por dormitório, de modo que cada grupo de crianças tinha um horário determinado para fazer suas refeições. Isso denota, o que foi constatado anteriormente, a respeito da não consideração das particularidades de cada criança, em detrimento à dinâmica do ambiente, o que também foi evidenciado em relação ao tempo (momento de início e duração) destinado ao descanso, com horários programados para deitar e levantar.

Logo percebi (observadora) que Maria não parecia estar com sono, pelo contrário, estava bem agitada. (...) a monitora a orientou para ir deitar (...) Maria não sossegava, mexia-se de um lado para outro, até chegou a sair da cama algumas vezes (...) Quando Maria deixou a sandália de lado, foi a vez de João, que também brincou com a minha sandália. Interessante que os dois passeavam pelo dormitório como se nem fosse o horário de descanso, as monitoras não chamaram atenção de nenhuma das duas crianças, diferentemente de um outro momento em que estive presente (29ª observação, 28/09/08, 2 anos, 10 meses e 26 dias).

Enquanto João e Maria brincavam pelo dormitório de um lado para outro, as outras crianças estavam deitadas, algumas já haviam dormido, outras estavam “procurando” o sono, mas nenhuma se atrevia a levantar da cama, pois já sabiam que seriam advertidas por uma das monitoras, conforme foi presenciado em uma outra observação. Provavelmente as atitudes de João, de Maria e das monitoras estivessem diretamente ligadas à presença da observadora, que estaria tirando a “concentração” das crianças para dormirem e talvez “inibindo” uma possível proibição das funcionárias.

Nessa perspectiva, o ambiente não parece contribuir na estruturação da criança, pois não prioriza a sua necessidade real e não se apresenta como um ambiente estável e saudável. Para Winnicott (1990) o ambiente deve ser suficientemente bom, que proporcione à criança o estabelecimento de uma relação afetiva, sendo esta a base de envolvimento potencialmente rico ao desenvolvimento emocional infantil (WINNICOTT, 1975).

Um outro aspecto que merece destaque, ainda referente aos cuidados pessoais, foi o fato de haver compartilhamento de peças do vestuário como calçados e roupas, inclusive de peças íntimas entre as crianças do mesmo sexo. Novamente foi constatada a falta de valorização das particularidades, uma vez que nem sempre era possível considerar as preferências pessoais. Contudo, a seguir, é possível constatar tal atitude por parte de duas monitoras para com a Maria.

Eduarda (monitora), após colocar as sandálias em todos eles, comentou com Maria: *Acho que não vai ter chinela pra ti, esta aqui é muito pequena.* A monitora foi até o armário e pegou uma chinela bem maior que o tamanho do pé da menina e perguntou: *Maria, tu calças essa aqui?* A menina respondeu que não. Eduarda retornou, pegou a chinela anterior e disse: *É, vai ser essa mesma.* Porém, ao tentar colocar no pé de Maria, percebeu que estava muito pequena e afirmou: *É melhor tu ir descalça mesmo, o elástico dessa aqui vai apertar muito o teu pé* (33ª observação, 12/10/08, 2 anos, 11 meses e 10 dias).

(...) após deitar a menina, a cuidadora perguntou: *Não quer mesmo que eu coloque fralda Maria? Olha lá hein, vê se não vai fazer xixi na calcinha* (38ª observação, 29/10/08, 2 anos, 11 meses e 27 dias).

O interessante nestas vinhetas, foi a possibilidade de Maria expressar sua preferência, algo raro para as crianças que vivem nesses ambientes. Porém, isso só ocorreu devido à postura afetuosa e continente das monitoras, inclusive durante toda a sessão da observação. Como já foi citado em quase todos os aspectos referentes à rotina diária da instituição, dificilmente foram constatados momentos em que as crianças exerceram suas próprias escolhas.

Winnicott (1950/2005) afirma que a possibilidade de sentir-se pertencente à um lar é condição fundamental para o saudável desenvolvimento da personalidade de um indivíduo, o que vem corroborar para a importância dessas práticas em ambientes de cuidado coletivo, como é o caso do abrigo. Essa necessidade de pertencimento talvez justifique o fato de algumas crianças realizarem tarefas que são de responsabilidade das monitoras. Quando isso ocorria, as crianças pareciam sentir-se bem, pois afinal estavam sendo úteis e contribuindo, de alguma maneira, com a funcionária, que normalmente era quem solicitava a execução de tais atividades, como pode ser constatado no trecho a seguir:

(...) a monitora pediu que esta mesma menina (criança do D7) embalasse o bebê que estava no carrinho, o qual estava choramingando. Enquanto embalava, a menina dizia: *Ele chora muito né?* E a monitora disse: *É, ele deve tá com sono* (38ª observação, 29/10/08, 2 anos, 11 meses e 27 dias).

É importante destacar, que, neste dia, a monitora estava responsável pelo dormitório dos bebês. Mas que, no momento em que fez tal solicitação para a “menina do D7”, a funcionária estava fazendo um penteado no cabelo de Maria. Percebeu-se, nesta situação, que Maria estava envolvida por esse cuidado afetuoso e, a monitora, disponível e continente.

A execução de tarefas de responsabilidade das monitoras que eram realizadas pelas crianças, também foi observada no caso de Maria. Mas, neste caso não houve solicitação por parte de nenhuma funcionária do abrigo, a menina reproduziu uma atitude das monitoras por iniciativa própria:

(...) ela (Maria) sentou numa cadeira plástica (...) começou a empurrar com os pés o carrinho, semelhante ao movimento que as monitoras costumam fazer. Provavelmente ela já deve ter observado e naquele momento era como se estivesse reproduzindo tal gesto (36ª observação, 22/10/08, 2 anos, 11 meses e 20 dias).

O que chama atenção nestas duas vinhetas é o cuidado desenvolvido pelas meninas para com uma outra criança, cujo aspecto foi muito ressaltado por João e Maria nas brincadeiras, conforme o capítulo seguinte, e em atitudes cotidianas. Além de se mostrarem atraídos pelas atividades relacionadas aos cuidados primários, João e Maria demonstraram interesse pelos prazeres relacionados à oralidade, que, segundo Corso e Corso (2006), é a primeira forma de decodificar o mundo. As crianças apresentaram comportamentos como: chupar dedo, morder, lambe, explorar e levar objetos à boca, entre outros.

Maria, que já havia retomado seu lugar no meu (observadora) colo, ficou numa posição de frente pra mim, como se quisesse deitar, tive a sensação de que estava buscando uma posição de maneira que sua cabeça pudesse coincidir com meu seio. Será que a intenção de Maria era ficar numa posição de amamentação? (34ª observação, 17/10/08, 2 anos, 11 meses e 15 dias).

João também demonstrou interesse pelo seio da pesquisadora-observadora, o que foi verificado na 14ª sessão de observação. Ambos se remeteram, ou parece terem se remetido, à uma fase primária, era como se eles utilizassem o corpo da observadora como um recurso para lidar com angústias remanescentes, pois o ato de ser amamentado foi uma atividade pouco presente ou até ausente, durante o seu desenvolvimento. Conforme Montagu (1988, p. 91):

não são apenas as vantagens nutritivas e imunológicas (...), que estão envolvidas na amamentação, e sim, muito mais, as experiências interacionais humanizadoras vividas pela dupla de amamentação, assim como a satisfação de suas necessidades emocionais e psicológicas.

Possivelmente, essas eram as necessidades de João e Maria para com a observadora. Talvez eles estivessem buscando satisfações como calor, apoio, segurança, conforto, bem-estar, cujos elementos foram descritos por Montagu (1988) como contentamentos vividos pela criança ao sugar o seio da mãe.

Winnicott (1950/2006, p. 17) complementa que: “é muito comum que uma criança (...) precise retroceder e voltar aos estágios iniciais”, na tentativa de elaborar situações conflitantes. Algumas vezes, as crianças regridem ao estágio de dependência absoluta por não darem conta de cuidarem de si mesmas (o que não é obrigação delas), demonstrando como

são frágeis, talvez na espera de serem cuidadas, cujo aspecto estava sendo denunciado nestes movimentos.

Klein (*apud* Winnicott, 1941/2000, p. 121) afirma que “uma das características da criança de dois anos é que as fantasias orais primárias, bem como as ansiedades e as defesas a elas associadas, podem ser (...) altamente elaboradas”. Diante do exposto, é possível pensar nesse movimento de regressão como saudável, pois “(...) traz consigo a possibilidade de corrigir uma adaptação inadequada à necessidade (...) na sua infância precoce” (WINNICOTT, 1954/2000, p. 354), disponibilizando, neste caso, os recursos próprios da criança.

Um outro aspecto observado referente aos cuidados destinados às crianças, foi o paradoxo presente na realização destes. Houve momentos em que as crianças estavam em situação de risco e algumas monitoras pareciam nem perceber; em outros, elas estavam brincando sem um aparente risco, mas eram “castradas” pelas monitoras:

María (...) foi brincar de passar a mão na terra, molhar na “lama” e esfregar na parede, pintando-a de marrom, ela parecia satisfeita em ver a parede mudar de cor. (...) Marta (monitora) pegou uma bolinha da mão de Maria e de uma outra criança, comentando que poderiam colocar na boca e isso seria arriscado. Fiquei (observadora) pensando: A criança anteriormente estava sujeita a um risco mais evidente à saúde e não apareceu ninguém para impedi-la, enquanto que aquela bolinha era impossível de ser engolida por Maria, mas logo surgiu alguém para “castrá-la” (27ª observação, 21/09/08, 2 anos, 10 meses e 19 dias).

O oposto ocorreu em uma brincadeira com água, realizada por João e Maria, os quais estavam inteiramente concentrados e se divertindo com a atividade de molhar um ao outro, contudo, uma das monitoras foi até eles e interrompeu a diversão alegando que ficariam molhados até a hora do banho.

Com relação ao estar disponível ao cuidar de uma criança, vale destacar que não é qualquer pessoa que consegue se colocar desta maneira diante de quem necessita de seus cuidados. No abrigo, essa disponibilidade não foi observada com frequência, pelos motivos já citados, mas, como esteve presente em algumas situações, merece ser referida:

(...) terminado o agradecimento, as crianças foram servidas. Maria (...) logo perguntou: *Tia, ti isso?*, mostrando a caneca para monitora, a qual respondeu: *É suco*. (...) quando a outra monitora cheirou o que tinha na caneca (...) e completou: *É suco de acerola*, Maria repetiu: *Suto de celora*. Achei (observadora) interessante a preocupação da monitora em fornecer a informação precisa, demonstrando disponibilidade para com a criança, cuja atitude foi verificada no decorrer da observação (25ª observação, 14/09/08, 2 anos, 10 meses e 12 dias).

Percebi (observadora) o clima dentro do dormitório muito tranquilo, as crianças estavam todas brincando harmoniosamente, não me recorde de ter visto ou escutado alguma criança chorar. Não posso deixar de enfatizar que as monitoras que estavam responsáveis pelo D4 (...) demonstraram estarem (...) atentas às demandas das crianças (33ª observação, 12/10/08, 2 anos, 11 meses e 10 dias).

No primeiro recorte, a monitora se colocou disponível no sentido de se preocupar em fornecer uma informação completa, correta e precisa à Maria, auxiliando assim no desenvolvimento da criança. Não eram todas que se colocavam desta maneira. No segundo, houve a presença de um adulto disponível e atento às demandas das crianças, o que refletiu na diferença do comportamento das crianças e da dinâmica do próprio ambiente.

Caldasso (1997) cita uma outra função de cuidado a de *holding*, cujo termo é utilizado por Winnicott (1960/2007) para significar não só um ato físico, mas também a percepção e atendimento da necessidade específica da criança por parte da mãe. Em outras palavras, é tudo que no ambiente fornecerá à pessoa, experiência de continuidade, de constância, tanto física quanto psíquica.

Vale destacar que é importante que o cuidador esteja atento às reais necessidades da criança. Porém, nem sempre isso era conseguido pelas monitoras. Nem mesmo a futura mãe adotiva de Maria, a qual será comentada posteriormente, conseguia perceber as reais necessidades da menina, provavelmente por desejar agradá-la, acabava não se atendo ao que, de fato, Maria necessitava naquele momento.

(...) E ela (futura mãe adotiva) dizia: *Eu vou embora tá, no domingo eu volto e vou trazer tudo que te falei: palhaço, bombom, pipoca, picolé...* Maria não parecia interessada em nada disso (40ª observação, 5/11/08, 3anos e 3dias).

No caso das monitoras, não se pode deixar de ressaltar que, o número de crianças para serem cuidadas era sempre superior ao número de funcionárias por dormitório, o que, obviamente, contribuía de maneira negativa para uma postura mais atenta. O relato seguinte, o qual foi citado em um momento anterior, denota tal atitude.

O cabelo de Maria ficou lindo. Ela parecia satisfeita com o penteado, mas percebi (observadora) que, sua satisfação maior era principalmente, em função do cuidado dispensado à ela (38ª observação, 29/10/08, 2 anos, 11 meses e 27 dias).

O que chama atenção, no caso desta cuidadora, é que ela não estava escalada para o dormitório de Maria, mas sim dos bebês. O fator obrigatoriedade poderia ser uma influência negativa na conduta das cuidadoras para com as crianças.

Os adultos que possuem todas essas qualidades de cuidado, possivelmente assumirão um papel organizador na vida de uma criança. Nos relatos abaixo, foi possível verificar adultos que apresentaram tal atitude ao lidar com as crianças abrigadas.

A monitora Odete (...) chamou as crianças para irem jantar, orientando-lhes para deixarem as revistas no dormitório, que depois que comessem poderiam olhar novamente. Ela disse isso, pois algumas crianças queriam levá-las para o refeitório. Maria era uma delas. Até que todos saíram sem as revistas, sem fazer escândalos ou birra. Percebo (observadora) que sempre que há uma monitora que esclarece à eles os porquês de não poderem fazer tal coisa, ficam tranquilos e obedecem ao que lhes é orientado. Infelizmente nem todas as monitoras têm clareza disso. (41ª observação, 9/11/08, 3 anos e 7 dias).

(...) Maria subiu na cômoda e conseguiu pegar o pó compacto da monitora Marcilene. A menina tentou descer e deixou o objeto cair (...). Quando Maria se deu conta de que havia derramado todo o pó da monitora, começou a chorar e ao mesmo tempo tentou ajuntar e colocar de volta ao pote de modo que ela não percebesse. (...) ao escutar o choro de Maria (...) Marcilene olhou para dentro e viu sua maquiagem espalhada pelo chão (...), virou para Maria sorrindo e disse: *Tu estás chorando Maria?! Era para eu estar chorando e não tu!* (...) a monitora se abaixou, ajuntou a embalagem e pediu para o rapaz com que estava conversando que trouxesse um pano para limpar o que estava sujo (44ª observação, 19/11/08, 3 anos e 17 dias).

As monitoras – Odete e Marcilene – demonstraram uma postura positiva diante das situações descritas. São atitudes como estas que efetivamente contribuem satisfatoriamente para o desenvolvimento dessas crianças, pelos inúmeros motivos já citados. Infelizmente, essa não é uma prática habitual dentro da instituição.

Durante a supervisão da 2ª sessão de observação (18/06/08, 1ano, 11meses e 16dias), foi destacada a possibilidade de João apresentar um falso-*self*, cujo termo é definido por Winnicott (1996) como algo comum e considerado normal; ele diz que toda pessoa apresenta um *self* educado ou socializado e um *self* privado, que só aparece na intimidade. O *self* privado pode ser utilizado como uma forma de defender e proteger o *self* socializado. Em outras palavras, o falso-*self* representa uma falsa autonomia, a criança realiza o que não é sua função, aparentando ser independente, é como se ela agisse como um adulto.

(..) João e Rosa (criança), que pareciam ter percebido a intenção de Maria, sentaram-se cada um numa cadeira, enquanto William (criança) as empurrava como se não quisesse que brincassem ou quisesse chamar atenção. (...) João começou a ralar com William, repetindo a palavra “não” sempre que o menino empurrava alguma cadeira (4ª observação, 1 ano, 11 meses e 23 dias).

William (criança) ameaçou jogar a bola em Maria, que não saiu de perto de mim (observadora), permanecendo encostada em minhas pernas por algum tempo. Em uma de suas arremessadas, acertou Maria, que ficou choramingando, enquanto João se aproximou como se estivesse “tomando satisfação” com William, mas apenas o ameaçou, nem chegou a encostar nele (26ª observação, 17/09/08, 2 anos, 10 meses e 15 dias).

No caso de João, em algumas situações, era como se ele fizesse a tarefa que competia às monitoras, mas talvez estivesse tentando agradá-la, pois parecia ter conhecimento de que elas toleravam muito pouco as coisas que lhe desagradavam. Todavia, ele não dava conta de tudo e necessitava de um adulto que fizesse por ele. Como nem sempre era possível ter essa pessoa disponível ou atenta às necessidades dele, acabava por fazer pelo outro, cuidando de si próprio ou de uma outra criança.

Determinados comportamentos das crianças perpassam pela questão do impulso criativo, que Winnicott (1975, p. 100, grifo do autor) define como aquilo que está “presente quando *qualquer* pessoa (...) se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical”. Em outras palavras, é uma expressão subjetiva espontânea e singular.

João se dirigiu ao barracão, (...). Uma das monitoras percebeu que eu (observadora) estava saindo do refeitório, foi então que comentou: *Cadê o “João”? Já saiu daqui?* Quando o avistei estava parado olhando para a grama, parecia estar pensando. Suely se aproximou e disse: *O que estás fazendo aqui João?* Ele se assustou e olhou para trás, olhou para mim, talvez tenha achado de início que eu havia falado com ele e então percebeu a monitora atrás de mim. (...). Ao passar por mim, ele sorriu e acenou com a mão, como se estivesse me avisando que estava indo embora, eu sorri, a monitora também e fez o seguinte comentário: *João tu és “cheio de nove horas”* (8ª observação, 09/07/08, 2 anos e 7 dias).

Um desses meninos passou pela mesa em que estavam as crianças do D4 e girou a bandeja que estava no centro (...). Logo em seguida, Maria repetiu o gesto, sorriu e olhou para as monitoras (...). Uma delas comentou: *Isso tu aprende rapidinho né?! Fiquei (observadora) lembrando dos apelidos destinados à João, os quais considero que cabem perfeitamente para Maria também – “cheio de nove horas” e “arteiro”. Será essa uma característica comum às crianças que já vivem no abrigo desde os primeiros meses de vida?! (...) percebo, que normalmente, as crianças que têm pouco tempo de abrigamento costumam delongar a realização de suas atividades e se apresentam pouco criativas, necessitando passar por um processo de adaptação; tudo é novo e estranho, diferente do que estão habituadas. Talvez por isso, algumas monitoras considerem as que estão com permanência prolongada no abrigo como, crianças arteiras* (25ª observação, 14/09/08, 2 anos, 10 meses e 12 dias).

Maria me (observadora) olhou, sorriu e jogou língua, ficou na espera que eu também mostrasse a minha (...), esta logo perguntou: *Tadê tua?* (34ª observação, 17/10/08, 2 anos, 11 meses e 15 dias).

Essas três vinhetas retratam comportamentos de João e Maria, que normalmente não eram observados nas outras crianças, demonstram como eles dois lidavam com as situações ao seu redor e, como eram criativos em suas experiências dentro do abrigo. Certamente isso ocorreu em função dessas crianças já terem adquirido confiança neste ambiente, pois, embora se tenha conhecimento de que a criatividade é uma característica inata, ressalta-se que o

ambiente necessita oferecer suporte para que ela seja transformada em experiência (WINNICOTT, 1975). Este mesmo autor, ainda, afirma que o sentimento de existência é fortalecido pela criatividade e esta também interfere na maneira como o sujeito experiencia a vida.

Em função do tempo prolongado que João e Maria estavam abrigados, alguns aspectos destacados os diferenciavam das demais crianças, de acordo com o comentário da monitora, no trecho a seguir.

A monitora (...) comentou que tem crianças em casa e percebe diferença no desenvolvimento de João e Maria comparado com o de seus filhos. Ela considera as duas crianças abrigadas mais inteligentes que seus filhos de mesma faixa etária, têm coisas que eles fazem que seus filhos não fazem (29ª observação, 28/09/08, 2 anos, 10 meses e 26 dias).

Acredita-se que, o tempo de permanência no abrigo faz com que eles se distingam das demais crianças, as quais muitas vezes estavam em processo de adaptação, enquanto que o João e a Maria já estavam habituados aquele contexto, que passou a ser de criação de vínculos com algumas monitoras.

João ficou observando Suzana calçar a luva cirúrgica na mão direita. Ela estava sempre conversando algo com ele. Durante o asseio, ele repetiu muitas vezes o nome do Talles (...) ela perguntou para ele onde estava o Talles e João respondeu: *Foi booora*, ela perguntou: *Para onde?* Não obtendo resposta, ela mesma respondeu: *Para casa da avó* e ele repetiu: *Vó*. João, de repente, falou: *Au-au*, e a monitora perguntou: *Cadê o cachorro João?* Ele respondeu: *Foi boooora*. O menino olhou para a janela que fica para a área livre e repetiu: *Au-au*, ela perguntou, olhando na mesma direção que ele: *Mas onde estás vendo esse au-au, já?* Em seguida, a monitora comentou que amanhã João completa dois aninhos e pediu que ele repetisse a palavra dois, fazendo-o com o dedo, Suzana disse: *Mostra o dois pra tia, João*. (...) O asseio foi recheado de diálogos e para João tal atividade estava sendo muito prazerosa. Deitado ao colchonete, Suzana continuava conversando com João (...) Perguntou meu nome e disse para João: *O nome dela é Cláudia*, pediu que ele repetisse até pronunciá-lo corretamente (6ª observação, 02/07/08, 2 anos).

Percebe-se, através deste recorte, o vínculo estabelecido entre João e a monitora, bem como, o afeto e a disponibilidade com que ela lida com a criança. Indubitavelmente, essa atitude assumida pela cuidadora, que parece ser constante, contribui positivamente para capacidade do menino em, futuramente, estabelecer laços de afetividade. Pois, segundo Bowlby (1984/2002), a capacidade de estabelecer vínculos afetivos, embora seja inata, pode ser diminuída devido a fatores externos impedindo a criança de desempenhar esse potencial com as pessoas que a cercam.

São esses exemplos de cuidados recebidos, em um contexto institucional, que fazem acreditar na possibilidade desses ambientes assumirem um papel organizador e estruturante, em termos afetivos e emocionais, na vida de uma criança em situação de abrigo.

Com relação à Maria, é importante destacar que houve algumas alterações na sua vida durante o período de observação que, certamente, interferiram na mudança de seu comportamento. Dentre essas modificações ocorridas, foi ressaltada a troca de dormitório, pois como ela completou três anos de idade, foi transferida para o dormitório 5.

Ela (coordenadora) esclareceu-me (observadora): *A Maria agora faz parte do D5, ela completou 3 anos, está ficando uma mocinha* (40ª observação, 5/11/09, 3 anos e 3 dias).

O comentário da coordenadora, provavelmente estaria relacionado ao fato dos cuidados não mais dependerem exclusivamente das monitoras, uma vez que as crianças do D5 encontram-se na fase que Winnicott (1963/2007) chama de rumo à independência, ou seja, já se preparam para realizarem, sozinhas, determinados cuidados, como vestir-se e despir-se.

Uma outra transformação na vida de Maria foi referente a sua mãe adotiva: uma senhora, funcionária de uma agência bancária, que esteve no abrigo para adotar um bebê, gostou muito da menina e se mostrou interessada em adotá-la. Desde que se cogitou essa possibilidade de Maria ir embora do abrigo e viver com uma família substituta, foi verificada uma mudança em seu comportamento, conforme o relato abaixo:

(...) esta (monitora) disse que a menina está assim (...) desde que essa futura mãe adotiva apareceu, Maria tem apresentado um comportamento diferente, está mais pensativa e tem ficado mais isolada das outras crianças. (...) é como se a Maria passasse mais tempo observando as outras crianças, demonstrando estar com o pensamento distante, sempre muito reflexiva (44ª observação, 19/11/08, 3 anos e 17 dias).

Cabe salientar que, durante as sessões de observação subsequentes à chegada ao abrigo, dessa possível mãe adotiva de Maria, não se percebeu nenhum trabalho preparatório em termos psico-emocionais por parte da equipe junto à criança. Isso com certeza amenizaria esse possível sofrimento frente à separação entre a menina e as pessoas com quem ela criou vínculos afetivos no decorrer desses anos de abrigo.

Considerando que este capítulo trata de cuidados, não poderia deixar de falar do pai, da figura masculina, dessa terceira pessoa que aparece na vida de um bebê. Winnicott (2008) define a triangulação como o momento em há perda da relação dual e a chegada de um terceiro, em que cada um dos componentes do triângulo é uma pessoa total. Essa terceira pessoa desempenha um papel importante no desenvolvimento da criança, pois é quem vai lhe

dar o primeiro elemento de integração e totalidade pessoal, tornando-se um elemento imaginário e real do ambiente facilitador.

Durante as observações, foi percebido que a figura masculina se restringe aos funcionários da limpeza e aos seguranças noturnos, que são praticamente os únicos deste gênero no abrigo. Nos trechos abaixo, foi constatado como tal figura se tornou foco de atenção das crianças:

(...) Maria enxergou (...) um senhor que estava limpando a área de trás, e disse: *Titio!* (...). As outras crianças também olharam e viram o senhor que estava com uma vassoura na mão. (...) ela veio ao meu encontro, apontando para janela, pois havia visto novamente o senhor passar (...). Ela pegou minha mão e me levou até a janela, queria ver de perto o homem, esticou os braços, como se quisesse que eu a carregasse para vê-lo (26ª observação, 17/09/08, 2 anos, 10 meses e 15 dias).

Viviam (monitora) brincou com Maria ao dizer que era para ela dar seu pirulito ao seu Camilo, um dos senhores responsáveis pela limpeza do abrigo, mas a menina logo negou. Ela ficou olhando para o funcionário como se estivesse com medo dele, à medida que ele se aproximava dela, ela andava apressada em direção à monitora. (...) todos pareciam olhar na mesma direção, observando seu Camilo limpar a piscina. (...) Viviam (...) disse: *Tá vendo como o seu Camilo é uma pessoa boa, ele tá limpando a piscina pra vocês. Ele é meu amigo, é amigo da Érika* (monitora), *né Érika?* (esta balançou a cabeça afirmativamente). Maria escutava atentamente o que era lhe dito e perguntava: *É?* E Viviam respondia: *Tá vendo só como ele é uma pessoa boa?!* Maria ficou um bom tempo observando ele limpar a piscina, seus pensamentos pareciam estar bem distante (36ª observação, 22/10/08, 2 anos, 11 meses e 20 dias).

Embora esteja claro que essas figuras masculinas não desempenhavam papel de pai para as crianças do abrigo, vale destacar a importância da função paterna e/ou sua representação para elas. Os sentimentos que são despertados na menina diante desses funcionários são vistos de maneira positiva para o desenvolvimento da criança, pois, segundo Winnicott (1990; 2008), é nessa fase, entre os 2 e 5 anos de idade, que ocorre a organização do primeiro relacionamento triangular; a criança consegue perceber a existência de três pessoas e vivencia com intensidade essa relação a três, com o tempo tornar-se capaz de experimentar outros tipos de relacionamento, ainda mais complexos.

Portanto, diante de todas as vinhetas aqui apresentadas, bem como de outras observações e das discussões no grupo de supervisão, foi constatado que os cuidados no abrigo, em sua maioria, eram realizados, pelas monitoras, como tarefas carentes de afeto, sem priorizar a necessidade, o tempo e o ritmo das crianças. Além disso, não era destinada uma atenção integral à cada criança, o que é necessário para o seu pleno desenvolvimento, principalmente em função do número desproporcional de monitora por criança. Carvalho (2002) salienta que a experiência no ambiente institucional pode acarretar inúmeros prejuízos à criança, relacionados principalmente aos aspectos da rotina e dinâmica da instituição.

Mesmo diante de tal dinâmica institucional, João e Maria encontraram meios próprios para lidarem com as particularidades deste contexto presente em suas vidas desde os primeiros meses de vida. Muitas vezes foram verificadas as diferentes maneiras com que eles vivenciavam determinadas experiências em relação às demais crianças com menos tempo de permanência no abrigo. Possivelmente isso foi constatado em função do longo tempo de abrigamento que permeou o seu desenvolvimento, o qual também está relacionado às suas histórias de vida.

JOÃO E MARIA REVELADOS POR SUAS PERIPÉCIAS



5 JOÃO E MARIA REVELADOS POR SUAS PERIPÉCIAS

A criança que brinca habita uma área que não pode ser facilmente abandonada, nem tampouco admite facilmente intrusões.

Donald Winnicott

Depois dessa aproximação ao ambiente de cuidado de João e Maria, serão focalizadas, neste capítulo, as brincadeiras dessas duas crianças, denominadas de “peripécias”, pois, segundo Ferreira (2004, p. 624), este termo é definido como “sucesso imprevisto; aventura”, cujo conceito favoreceu a analogia com as brincadeiras de João e Maria, que por sua vez revelaram comportamentos inesperados e acarretaram uma vivência positiva de situações experienciadas.

Considerando a perspectiva psicanalítica winnicottiana, que concebe a brincadeira infantil como uma manifestação de processos inconscientes da criança, e, compreende o brincar não apenas como um ato espontâneo, mas como revelador de aspectos singulares da história de vida e conflitos interiores da criança (WINNICOTT, 1975), não se poderia deixar de retratar as brincadeiras dessas duas crianças, uma vez que se fizeram presente na maioria das experiências observadas.

Segundo Anna Freud (1968/1987, p. 24) “a observação das atividades lúdicas típicas de uma criança, (...) produz informações de natureza íntima”, além de ser uma atividade em que a criança despende muita emoção (FREUD, 1920/1996). Winnicott (1975), ainda reforça que o brincar assume uma posição fundamental da criança e um sinal de saúde, além de ser uma atividade eminentemente infantil (REZENDE, 2008). Esses autores ratificam a necessidade e importância de descrever, discutir e interpretar as brincadeiras de João e Maria, principalmente por serem reveladoras de subjetividade.

Compete salientar que tal atividade está intimamente ligada à formação acadêmica da pesquisadora, visto que o brincar, na Terapia Ocupacional, é considerado como objeto de estudo e de intervenção (REZENDE, 2008). Compreender essa atividade pela perspectiva psicanalítica foi um verdadeiro ganho profissional, e pessoal, além de ter ampliado a visão acerca das possibilidades do brincar, de modo a compreendê-lo como um valioso meio de expressão da dinâmica inconsciente de um sujeito.

Nesse sentido, foram descritas as interações de João e Maria durante o brincar com as outras crianças e com a observadora, contemplando a dimensão afetiva presente nestas relações, o que forneceu uma compreensão dessas experiências infantis no contexto de abrigo.

5.1 Na interação com seus pares

As brincadeiras de João e Maria com as outras crianças em situação de abrigo envolveram principalmente a temática de cuidados e/ou proteção para com o outro. Dentre as brincadeiras que serão descritas neste item, foram destacadas as de casinha, comidinha e as de contato com o outro.

A seguir, serão descritas algumas brincadeiras que envolveram objetos (revista, cesto de lixo) e/ou brinquedos (carrinho, panela, boneca) utilizados principalmente por João:

(...) João começou a brincar com um carrinho de bebê, (...) realizava movimento de vai e vem, (...) tentou por várias vezes desatar o cinto de segurança do carrinho, mas como não obteve sucesso, acabou desistindo. Empurrou-o pelo corredor dos dormitórios, até que encontrou uma revista e a colocou dentro do carrinho. Foi ao final do corredor, (...) o carrinho parece ter encontrado um obstáculo (...). Até que uma funcionária, (...) pegou a revista e entregou à João, em seguida, ela virou o carrinho em direção novamente aos dormitórios (1ª observação, 14/06/08, 1 ano, 11 meses e 12 dias).

João brincou com a revista, a colocou num carrinho e passeou pelo corredor. Este objeto poderia representar um bebê (ou ele mesmo), uma vez que objetos utilizados nas brincadeiras podem “substituir” pessoas, como é o caso da brincadeira do carretel citada anteriormente. Aberastury (1992, p. 15) afirma que “o brinquedo é substituível e permite que a criança repita, à vontade, situações prazerosas e dolorosas que, entretanto, ela por si mesma não pode reproduzir no mundo real”, como foi o caso de João, que utilizou o objeto como um instrumento que o auxiliou a exteriorizar sentimentos; ele possivelmente estaria expressando sua necessidade em relação aos cuidados não atendidos, momentos antes desta situação.

A partir dessa brincadeira, João fez uso de um recurso próprio para expressar sua insatisfação, em função de ter ido buscar atenção no dormitório junto a uma monitora, a qual não deve ter percebido tal necessidade e por isso acabou por não fornecer o que ele havia procurado. Na supervisão, foi comentado que João utilizou a brincadeira para demonstrar um descontentamento e assumiu um comportamento regredido.

(...) João começou a brincar com o cesto de lixo (...). Empurrou-o pelo corredor até a rampa de cimento, depois o carregou para o gramado, próximo a casinha, mas logo em seguida retornou para rampa, empurrando-o de volta ao corredor, como se fosse um carrinho. Até que Luciana (monitora) disse tranquilamente: *Deixa essa lixeira aí, vai brincar lá no parquinho com o Paulo vai* (6ª observação, 2/07/08, 2 anos).

Vários fatores externos podem dificultar o desenvolvimento da atividade lúdica de uma criança. Neste caso, o que ocorreu foi uma interrupção por parte da monitora que não percebeu que aquele ato de empurrar o cesto de lixo estava sendo prazeroso para João. A

monitora não concebeu este momento como uma brincadeira, o que é compreensível, e muito menos, o cesto como representando um brinquedo; considerou o risco que a criança estava submetida ao explorar tal objeto.

Outros objetos apareceram nas brincadeiras de Maria, com uns, ela brincou e, em outras situações, apenas observou alguém brincando, com evidente interesse e prazer, conforme os trechos abaixo:

Maria (...) observava atentamente o menino brincar com as panelinhas e duas meninas, cada uma com uma boneca no braço (27ª observação, 21/09/08, 2 anos, 10 meses e 19 dias).

(...) Maria, estava observando a brincadeira do balanço (...) permaneceu ali por um tempo, pois certamente esta brincadeira estava sendo prazerosa para ela. Maria ficou aguardando sua vez para ser balançada pela monitora (...) Depois que terminou seu tempo no balanço, ficou olhando as demais serem balançadas (...) Maria, que já não estava mais envolvida com o balanço (...) ficou alguns minutos parada encostada numa coluna, olhando para Alexandre e outras crianças, que brincavam com um carrinho de carregar roupa (...) após ter observado a brincadeira do carrinho, voltou para a brincadeira do balanço. Nessas duas brincadeiras é possível perceber cuidado ao outro, numa o embalar e, na outra, o empurrar. Será que foi isso que fez Maria ficar tanto tempo concentrada? (35ª observação, 19/10/08, 2anos, 11 meses e 17dias).

Com frequência, Maria observava as outras crianças brincando, principalmente quando essas atividades envolviam cuidados primários. Ela parecia ficar hipnotizada com o que presenciava. Esse mesmo comportamento era assumido pela menina, diante da troca de carinho de um adulto e uma criança, certamente, esse era um dos motivos que a fazia permanecer, por tanto tempo, no barracão em dias de visita dos pais das outras crianças. Bettelheim (2006, p. 72) fala desses cuidados na brincadeira:

uma criança pode dar forma a desejos profundos, (...) indiretamente tomando conta de um bichinho real ou de um brinquedo como se fosse um bebê. Ao fazê-lo, a criança está satisfazendo uma necessidade experimentada profundamente pela externalização do desejo (...) Brincando com uma boneca ou animal, uma criança pode satisfazer substitutivamente o desejo de dar à luz e cuidar de um bebê, e um menino pode fazê-lo tanto quanto uma menina.

Algumas brincadeiras de Maria envolveram objetos, tais como bonecas, que de acordo com Bettelheim (2006, p. 71) “são usados para incorporar vários aspectos da personalidade da criança que são muito complexos, inaceitáveis e contraditórios”.

Maria pegou uma outra boneca, bem maior que a anterior. Foi até um carrinho (...) retirou os objetos que estavam lá dentro (...). Novamente, tentou colocar a boneca no carrinho, na primeira tentativa a boneca caiu no chão, na segunda e última foi o carrinho que virou. Ela acabou desistindo (...), entregou-me (observadora) dizendo: *Toma ta filha* (28ª observação, 24/09/08, 2 anos, 10 meses e 22 dias).

Maria foi até as formas geométricas. Os círculos, que pareciam copinhos, colocou um do lado do outro, (...). O “copo” maior era como se tivesse algum líquido, ela virou à boca e fez de conta que bebeu, informando-me: *Ádua!* (...) Depois este mesmo copo passou a ter café (...). Maria “despejava” um pouco do líquido em cada um deles e em seguida dizia: *Tá tente* (30ª observação, 1º/10/08, 2 anos, 10 meses e 29 dias).

Maria (...) brincou bastante com as bonecas, as penteava, tirava-lhes a roupa, depois colocava de volta. Foi muito bom perceber que Maria também brinca dessa maneira, pois parecia uma brincadeira organizada, em que ela se mostrou inteira. Vale ressaltar a presença do adulto disponível, cujo elemento parece indispensável para que isso ocorra (33ª observação, 12/10/08, 2 anos, 11 meses e 10 dias).

Essas vinhetas comprovam a afirmativa de Pérez-Sánchez (1998), que um ambiente atento e respeitoso com a criança, que a deixe experimentar livremente, propicia que ela reaja de uma forma adequada e ensaie várias habilidades com boa capacidade. Além disso, observa-se, nesses relatos, o prazer que essas crianças demonstravam em brincar com cuidados, pareciam ter interesse maior por esse tipo de brincadeira.

A brincadeira da “Cinderela”, assim denominada pela pesquisadora, foi observada somente uma vez, onde foi possível evidenciar um cuidado, atenção e carinho dispensados por um menino para com Maria.

Maria sentou com as pernas em cima da cadeira, deixou seu tamanco no chão, Fernando (criança) o pegou (...) ficou brincando com ele (...) Maria percebeu que estava com Fernando, (...) pegou seu tamanco de volta (...). Ela voltou a sentar com as pernas para cima e ele, (...) foi brincar com ela, tentando colocar o tamancos em seus pés. (...) Fernando parecia verificar se o tamanco cabia nos pés dela, ele colocava-o e depois o retirava novamente. Ele ficou muito tempo brincando com o tamanco e com os pés de Maria (41ª observação, 9/11/08, 3 anos e 7 dias).

Tanto esta brincadeira como a próxima – brincar de beijar na boca – foram destacadas, principalmente, por apresentarem cuidados de uma criança para com outra, aspecto muito presente nas brincadeiras das crianças em situação de abrigo. No caso, do beijo na boca, também foi verificada numa única observação, quando Maria já não fazia mais parte do dormitório 4. A intenção de apresentar um recorte desta atividade lúdica foi no sentido de demonstrar que as mudanças ocorridas também foram com relação aos momentos de divertimento das crianças:

(...) percebi (observadora) ela (Maria) brincar com Levi (irmão de João) de beijar na boca (...). Eles se beijavam, olhavam-me e sorriam. (...) Até que Livia (monitora) percebeu e disse que não era para brincarem de se beijar na boca. (...) Nyara (criança) virou para mim e disse: *Num pode né tia? Só marido e mulher né?* Eu sorri, não esperava aquele comentário (42ª observação, 12/11/08, 3 anos e 10 dias).

No comentário, ficou evidente a noção da menina referente à relação homem e mulher, pai e mãe, ratificando a busca, anteriormente citada, referente à identificação e nomeação dos componentes de uma família. Além disso, não deixa de ser uma brincadeira que envolveu cuidado com o outro, reforçando também a necessidade que eles demonstravam em relação ao toque, ao contato com o outro, que nessa brincadeira foi expresso com o beijo na boca.

No caso da brincadeira do “bicho-papão” frequentemente era acionada por uma criança maior, ou seja, eram meninos de outros dormitórios: William do D5, que fazia de conta que era o “bicho-papão” e no D4, seu irmão do D6 era o “bicho-papão” no D5:

(...) ele (William – criança) começou a brincar de “bicho-papão”, era como se fosse “comer” as criancinhas daquele dormitório, ele entrava no armário, esperava as meninas (Maria e Brenda) irem ao encontro dele, quando isso acontecia, ele saía correndo do armário, fazia uma careta e estendia os braços como se fosse um bicho (31ª observação, 5/10/08, 2 anos 11 meses e 3 dias).

(...) estavam (crianças do D5) brincando de “bicho-papão”, ele (irmão de William) ficava no canto do dormitório e quando as crianças, inclusive a Maria, aproximavam-se o “bicho-papão” corria em direção a elas e estas corriam na direção em que eu (observadora) estava (40ª observação, 5/11/08, 3 anos e 3 dias).

Em ambos os relatos, embora não apareça no primeiro, as crianças corriam e buscavam proteção nas pernas da observadora, a qual já havia se tornado uma referência e foi usada como escudo de proteção contra o tal “bicho”. Além disso, destaca-se o fato das crianças envolverem o corpo da observadora, sendo esta utilizada como lúdico.

Essa “peripécia” retrata uma certa agressividade em seu conteúdo, pois afinal as crianças “seriam comidas” pelo “bicho-papão”. Na supervisão foi feito um questionamento: O que essa brincadeira representaria neste contexto de abrigo? Elas poderiam estar demonstrando uma ansiedade de aniquilamento, ou seja, um medo de serem devoradas por este tal “bicho”, que poderia estar representando a figura da monitora. Vale apontar a busca do cuidado e da proteção junto à observadora, a partir da utilização do contato corporal.

Na brincadeira da “Bruxa” isso não era muito diferente, esse contato corporal também se fazia bastante presente, bem como, a busca pela proteção. Quando essa brincadeira foi acionada por uma menina que se fez passar pela “bruxa”, Maria logo solicitou os cuidados da observadora.

(...) uma das meninas (...) era a bruxa. Ela se afastava da casa e depois retornava e todos corriam em direção ao quarto, era como se ali fosse um único lugar da casa em que ela não podia ter acesso. (37ª observação, 26/10/08, 2 anos, 11 meses e 24 dias).

Na supervisão surgiram questionamentos reflexivos como: mas que casa é essa que tem “bruxa”? De que “bruxa” essas crianças estão “falando”? Nesta brincadeira, a agressividade foi latente, o que talvez tenha proporcionado à Maria um momento de insegurança e medo, o que a fez buscar o colo da observadora. É possível perceber a presença dos afetos e da elaboração destes na relação das crianças ao brincarem de “Bruxa”.

Algumas brincadeiras, como a da “Bruxa”, a da “mutilação”, a do “bicho-papão”, entre outras, demonstram o uso do brincar de faz-de-conta muito presente nas experiências de João e Maria. Stagniti (2000 *apud* Rezende, 2008) considera esse tipo de brincadeira diferente de qualquer outro comportamento de brincar, a autora ressalta a importância dos componentes simbólicos e imaginativos e considera que a criança está de fato brincando quando o faz-de-conta está presente. Ressalta-se ainda, a criatividade, outro elemento muito presente no brincar dessas crianças.

Em se tratando de brincadeira, não se poderia deixar de referir o aspecto criativo que se apresenta, pois “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (WINNICOTT, 1975, p. 71). Nesses termos, afirma-se que João e Maria, a partir da atividade lúdica, demonstraram sinais de um psiquismo saudável e capacidade de um viver criativo (WINNICOTT, 1975), cuja atividade favoreceu a resolução de conflitos e modificação de suas realidades de acordo com suas necessidades.

No brincar de faz-de-conta, percebeu-se que o conteúdo agressivo foi um aspecto comum em todas elas, o que foi encarado como algo positivo no desenvolvimento de João e Maria, tendo em vista que a agressividade é necessária e saudável (WINNICOTT, 1996) e é ela que permite a reivindicação de determinados direitos do ser humano. A partir dessas brincadeiras, tanto João como Maria brincavam repetidamente com o que lhes causava incômodo; eles denunciavam a falta de um cuidado integral e Winnicott (1950/2005, p. 200) já afirmava que “o cuidado de crianças é uma atividade que exige atenção integral”. Vale destacar que as crianças, a partir do brincar, não apenas denunciavam o que lhes faltava, mas também solicitavam, neste caso, cuidados de que necessitavam.

5.2 Na interação com a observadora

Neste item, uma das brincadeiras mais presentes foi a de “esconde-esconde”, que permeou a relação de João e Maria com a observadora, desde as primeiras sessões de observação com cada um deles.

A brincadeira de se esconder e aparecer ou esconder e achar objetos é uma das primeiras atividades lúdicas vividas por uma criança, Freud (1920/1996) mostrou isso a partir do jogo do Fort-Da! (Sumiu. Achou!). Uma criança de dezoito meses brincava com um carretel, o qual representava sua mãe; esta é uma brincadeira de presença-ausência semelhante à de esconder o rosto e mostrá-lo novamente. Através dessa ação a criança elaborava a angústia de desprendimento por um objeto que podia vir a perder, cujo jogo simbólico, propiciou a experiência de perda e recuperação.

A seguir serão explicitados os momentos em que essas brincadeiras foram acionadas pelas duas crianças; ambas ocorreram no primeiro encontro de observação.

Chegando ao refeitório, meu (observadora) olhar encontrou o olhar de João, o qual se escondeu por entre um vão existente entre a parede da copa e a de uma sala. A sensação que eu tive foi a de que ele estivesse se escondendo de mim, como se já “soubesse” que eu havia ido até ali para procurá-lo (...), pareceu, estar novamente se escondendo de mim, ficou atrás de um “redondo” que cobria todo o seu corpo, impedindo-me de enxergá-lo por alguns minutos (1ª observação, 14/06/08, 1 ano, 11 meses e 12 dias).

Maria (...) sabia que estávamos falando dela, pois sorriu e eu perguntei: *Maria, posso ficar olhando você?* Ela sorriu envergonhada (...) e eu perguntei novamente: *Posso, Maria?* Até que ela respondeu sorridente e ainda envergonhada: *Tode!* (...) olhava-me, sorria e escondia o rosto, como se estivesse morrendo de vergonha de ser observada, (...) ela chegou a levantar a toalha de mesa para esconder-se (...) (25ª observação, 14/09/08, 2 anos, 10 meses e 12 dias).

A brincadeira acabou por assumir um papel fundamental na constituição do sujeito ao possibilitar à criança expressar sua vontade, pois, de acordo com as suposições e interpretações surgidas durante a supervisão em grupo, as crianças poderiam estar expressando, a partir da brincadeira, sua vontade de não querer ser observada. Afinal, o que elas teriam para esconder da observadora? O que elas estariam solicitando? Possivelmente, por meio de tal gesto, solicitavam um tempo, sinalizavam que ainda não era o momento, que ainda não estavam à vontade para serem observadas.

Era como se essas crianças estivessem revivendo o desrespeito do seu tempo próprio, o que pode ocorrer com frequência em situações de abrigamento, uma vez que, em função da dinâmica institucional, são levados a fazer coisas que não são de seu interesse: necessitam dormir sem estar com sono, comer sem estar com fome, entre outras coisas. Contudo, ao mesmo tempo, era percebido que João e Maria se sentiam orgulhosos e envaidecidos por terem alguém os olhando com exclusividade.

Toda observação implica a presença de duas “escutas”, isto é, de dois olhares, que podem procurar encontrar-se ou evitar-se, cuja escolha precisa ser respeitada. Dessa maneira,

a pesquisadora precisava ir atrás do que procurava, mas com paciência e respeito ao momento das crianças, pois todo trabalho de observação requer tempo e o observador deve saber esperar. Tal fato é confirmado, depois de passadas algumas observações, pois as crianças já se mostravam mais receptivas à observadora, brincando, literalmente, de “esconde-esconde” com ela:

(...) foi o primeiro momento em que percebi (observadora) João brincando comigo, ele estava observando Karina (voluntária), que (...) me impedia de vê-lo, (...) João me olhava, esticava-se de um lado e depois do outro e sorria, foi então que percebi sua brincadeira (...) É como se ele já me permitisse olhá-lo (7ª observação, 6/07/08, 2 anos e 4 dias).

(...) pegou todas as chinelas espalhadas pelo dormitório e as colocou debaixo da colcha junto com o urso. Em seguida, Maria se deitou e se cobriu, ficando debaixo da coberta junto com o urso e as chinelas. Ela se descobria, olhava em minha direção e sorria, era como se estivesse brincando comigo de “esconde-esconde” (31ª observação, 5/10/08, 2 anos, 11 meses e 3 dias).

Vale destacar que, tanto nas observações de João como de Maria, as brincadeiras para com a observadora tiveram início a partir do sétimo contato. Provavelmente por perceberem a regularidade e a constância das visitas. Pode-se dizer que o brincar de “esconde-esconde” está relacionado com um passo no crescimento de João e Maria, o qual precisa ser valorizado. É como se eles estivessem recuperando sua identidade, mas esta já havia sido estabelecida? Possivelmente, a presença da observadora reforça esse sentimento de identidade.

Um aspecto freqüente, e que chamou bastante atenção, nas brincadeiras de Maria com a observadora, foi o fato de a menina levar a pesquisadora, quase em todas as sessões de observação, para brincar na casinha do *playground*.

(...) Maria se levantou e me (observadora) levou até a casinha. Fomos até lá, ela logo me convidou para entrar, (...) Maria tirou o sapato e começou a “escalar” a parede de madeira, pisava por entre as tábuas, ao subir perguntou se eu também não queria subir (...) Depois de descer, fez de conta que me “trancou” lá dentro, fez menção de que estava puxando algo, depois fez um barulho na boca como se estivesse fechando a porta (...) Ela voltou e entrou na casa, mas logo saiu e me “trancou” novamente (25ª observação, 14/09/08, 2 anos, 10 meses e 12 dias).

(...) Maria então se levantou, (...) apontou para casinha, como se estivesse me (observadora) convidando para ir até lá, repetindo essa mesma sequência da observação anterior. (...) Chegando lá na casinha, Maria logo entrou e eu fiquei do lado de fora, observando-lhe. Porém, ela veio ao meu encontro, pegou na minha mão e me convidou para entrar. Ela novamente tirou a chinela e “escalou” a parede, mas dessa vez em direção à janela, subiu e pulou para fora da casa (...). Maria encontrou um frasco de xampu (...) o pegou e fez de conta que passava na cabeça e por todo seu corpo. Devolveu o frasco para o local, depois o pegou novamente, repetindo o gesto. Até que resolveu oferecer-me, inicialmente “jogou” na minha cabeça, depois “derramou” na palma da minha mão, orientando-me a passar na cabeça (26ª observação, 17/09/08, 2 anos, 10 meses e 15 dias).

(...) a menina (Maria) veio até mim (observadora), pegou na minha mão e me levou direto para casinha. Quando chegamos lá, fiquei na porta, ela disse para eu entrar (...) ela subiu na janela e me disse: *Tchau*. E ao responder, aproximei-me da janela e ela logo retornou. (...) chegou Luiza (criança), carregando uma boneca, referindo ser sua filha. Maria foi brincar lá fora na terra e quando tentei sair de lá de dentro, Luiza colocou-se na porta e disse: *Não vai sair daqui! Pode ficar aí, se sair vai apanhar*. (27ª observação, 21/09/08, 2 anos, 10 meses e 19 dias).

Nesses trechos, evidenciou-se implicitamente a vontade Maria em ter um lar, ter uma mãe, enfim, de receber cuidados, necessidades estas, que foram expressas pelas crianças através da brincadeira. Um outro tipo de cuidado também apareceu nas brincadeiras, em que a observadora foi o foco central desses cuidados, ou apenas a observação destes sendo destinado a outrem:

(...) João que estava atrás de mim, em cima da cama, disse: *Vô tatar piolho, tá?* E eu respondi: *Tá* (32ª observação, 7/10/08, 2 anos, 11 meses e 5 dias).

João ao “catar” a observadora passou a desempenhar uma função maternal para com ela. Essa atitude do menino poderia representar a reprodução de um comportamento observado e vivido neste contexto.

(...) João pegou minhas (observadora) mãos com os dedos esticados e as juntou, (...) lembrei-me da brincadeira “tome esse anelzinho e não diga nada a ninguém”¹⁴. (...) depois de juntá-las e trazê-las para próximo do meu rosto, João começou a dizer: - *Papai do céu, obrigado...* (...) fiquei pensando: o que será que João queria que eu agradecesse ao Papai do Céu? Ou será que ele queria que nós agradecêssemos juntos? (...) Depois, João pegou minhas mãos e as levou até sua cabeça (...) Será que queria que eu o abençoasse? (...) Após ter feito isso, João disse: *Vem cá*. (...) ele veio até mim, pegou uma de minhas mãos e colocou de encontro ao peito com o apoio de seus braços e mãos, puxando-me para lateral do barracão (23ª observação, 31/08/08, 2anos, 1mês e 29dias).

Neste último recorte, João parecia estar se despedindo da observadora, uma vez que esta era sua penúltima sessão de observação. Talvez ele desejasse que ela ficasse ali, que não houvesse essa possível separação, afinal, “toda a atividade simbólica da brincadeira, permite elaborar de uma forma inconsciente toda uma série de sentimentos de perda” (PÉREZ-SÁNCHEZ, 1998, p. 62).

Foi observada a brincadeira “boca de forno”, denominada assim durante uma supervisão, em que as crianças “mandavam” a observadora comer algo; elas pareciam ter necessidade de alimentá-la. Foram muitas as observações em que apareceu esse tipo de

¹⁴ Conhecida como brincadeira de passa-anel, as crianças ficam com as mãos postas a espera de que aquela que esteja com o anel escondido, passe entre as suas mãos e a entregue, porém, somente uma o recebe e as demais deverão tentar adivinhar com quem está o anel.

brincadeira, sendo que, na sua maioria, o alimento era oferecido por João e/ou William, conforme os trechos abaixo:

João estava comendo bolacha e tomando suco, ao mesmo tempo em que lanchava tentava me (observadora) oferecer seu lanche. Olhou-me com um sorriso agradável, esticou o braço, com as mãos “vazias” e disse: *Qué?* Era como se estivesse retomando a brincadeira da comidinha. (...) Viviane veio até mim e também me ofereceu uma bolacha, agradeci e respondi que não queria (21ª observação, 24/08/08, 2 anos, 1 mês e 22 dias).

(...) Maria voltou a brincar com as pedras (...) foi pegar as pedras para me (observadora) entregar, João ao perceber fez o mesmo que ela, (...). João ao me entregar disse: *Come!* (...) enquanto isso Maria pegou uma tampa de panela de brinquedo que estava jogada na grama, colocou uma pedra grande e afirmou ser um bolo, dizendo: *Come!* (25ª observação, 14/09/08, 2 anos, 10 meses e 12 dias).

William (criança) (...) afastou-se em direção à uma coluna próxima e fez de conta que pegou algo (...) e me (observadora) entregou. (...) William então me olhou e disse: *Come!* (27ª observação, 21/09/08, 2 anos, 10 meses e 19 dias).

(...) Ele (William – criança) (...) perguntou-me (observadora): *Qué?... qué?* (...) William passou a mão pelo seu braço e fez de conta que tirou algo e me entregou, (...) ele disse: *Come* (32ª observação, 7/10/08, 2 anos, 11 meses e 5 dias).

Maria começou a fazer de conta que comia algo, passava sua mão em mim (observadora) e depois levava à boca, dizendo: *Bombom*. (...) ela colocava sua boca no meu braço ou na minha mão, chegava a encostar como se estivesse beijando. (...) parecia querer “comer” alguma parte de mim, como se assim passasse a me possuir, a ter algo meu (32ª observação, 7/10/08, 2 anos, 11 meses e 3 dias).

Nestes relatos é percebido, que de uma certa maneira, esse era um recurso utilizado para obter atenção desse adulto disponível, bem como de demonstrar um cuidado. Vale destacar que o fato da observadora ter se deixado “alimentar” pelas crianças, no sentido de fazer de conta que comia o que lhe era oferecido, fez com que, em alguns momentos, a pesquisadora tivesse ânsia de vômito, além de ter vomitado literalmente, nos momentos em que eram feitas as anotações pós-sessão. Além desses cuidados para com a observadora, também foi evidenciada a necessidade das crianças em inserirem a observadora nas brincadeiras:

(...) João foi até a torneira (...). Maria estava brincando de tomar água da torneira, (...), aproximou-se também Viviane (criança). (...) Maria parecia querer beber água, mas logo passou a encher a boca de água e espirrar em João, (...) o qual sorria juntamente com Viviane, que também foi molhada, por João. (...) João percebeu que eu (observadora) estava olhando (...), passou a encher a boca e ao invés de espirrar em Viviane, virou-se em minha direção e tentou me acertar com o “jato” de água, após esvaziar a boca ele sorria. Porém, eu estava numa distância que ele não conseguia me alcançar (15ª observação, 2/08/08, 2 anos e 1 mês).

Um outro aspecto constatado foi o fato de se ter um adulto disponível, mesmo que esteja apenas observando tal brincadeira, isso já era o suficiente para tornar aquele momento mais prazeroso para as crianças, de modo que elas se mostravam mais inteiras nas relações.

(...) Levi (irmão de João) (...) ficou brincando com um carrinho, o qual fazia escorregar pela vala. As demais crianças, inclusive Maria, no início, ficaram apenas observando, até que todos estavam molhando seus pés ali. Teve um momento em que Maria me (observadora) olhou e disse: *Vem*. Eu sorri e disse não (41ª observação, 9/11/08, 3 anos e 7 dias).

Possivelmente, as crianças solicitavam a observadora para brincar, por perceberem e sentirem que havia de fato um adulto disponível, visto que “as crianças brincam com mais facilidade quando a outra pessoa pode e está livre para ser brincalhona” (WINNICOTT, 1975, p. 67). O adulto pode ser um elemento motivador no que concerne ao brincar e que à sua disponibilidade, respeito, interação afetiva e percepção da expressão de sentimentos e emoções, porque constituem uma atitude de vital importância, proporcionando a vivência de um brincar com mais qualidade.

Maria saiu do meu (observadora) colo e pegou minha sandália, após calçá-la caminhava em direção à sua cama e voltava (...) Quando Maria deixou a sandália de lado, foi a vez de João, o qual também brincou com a minha sandália (29ª observação, 28/09/08, 2 anos, 10 meses e 26 dias).

(...) Vanessa (criança) passou por mim (observadora) e me deu tchau (...) Só depois fui me dar conta de que ela estava com a minha sandália nos pés (...). É interessante como as crianças gostam de ter acesso ao objeto do outro, (...) passam a ter acesso à intimidade do outro, conforme foi discutido na supervisão anterior. Percebi isso com relação à minha bolsa, aos meus brincos, ao meu prendedor de cabelo, talvez isso ocorra por não possuírem nada que seja exclusivamente deles (36ª observação, 22/10/08, 2 anos, 11 meses e 20 dias).

Na 40ª observação apareceu uma brincadeira que foi denominada na supervisão, como “brincadeira da mutilação”. As crianças que aparecem no relato são as do dormitório 5, ou seja, crianças que através da palavra, já conseguem expressar suas insatisfações, reclamam a partir da verbalização mesmo que por intermédio de uma brincadeira:

(...) esta (Nyara – criança) começou a brincar comigo (observadora) dizendo que não tinha braço, escondeu um deles debaixo da camisa e eu perguntei: *Tu só tem um braço, é?* Ela sorriu e disse: *É*. Quando percebemos estavam quase todas as crianças brincando conosco, era mais quem me mostrava a camisa e dizia: *Olha tia, eu só tenho um braço*. Depois começaram a esconder os dois: *Olha tia, eu não tenho nenhum braço*. (...) eu não sabia para quem dar atenção, pois eram todos falando e me cutucando ao mesmo tempo. Em determinadas situações percebo que aquelas crianças apresentam uma “sede” de atenção (40ª observação, 5/11/08, 3 anos e 3 dias).

Durante a supervisão, foi comentado que esta brincadeira ressalta a “ausência” de um membro, através da representação de um “braço mutilado”, o que foi interpretado como uma reivindicação das crianças maiores diante de situações em que não são atendidas em necessidades de atenção, talvez o que elas estivessem reivindicando fosse uma mudança neste sentido.

É constatado um conteúdo agressivo nesta brincadeira, bem como, em brincadeiras de tomar aquilo que é do outro e/ou de devorar o outro, conforme os recortes abaixo:

(...) ela (Maria) pegou um outro fantoche, manuseou um pouco e depois trouxe para mim (observadora), entregou-me (...). Depois voltou e me orientou para colocar minha mão lá dentro do fantoche. (...) Maria colocou seu dedo dentro da boca do boneco (...), repetiu várias vezes a brincadeira, trocava apenas o dedo (...), teve um momento em que eu segurei seu dedo e ela gargalhou. Foi então que colocou um dos dedos e com a outra mão apertou a boca do boneco, como se quisesse que eu apertasse forte e não deixasse seu dedo escapar. (...) Maria disse: *Atora é eu!* Eu então tirei o fantoche e ela tentou colocar na sua mão (...) ela pegou meu dedo, mas não chegou a segurá-lo. Ela sorria, parecia estar adorando a brincadeira (...). Assim como no caso de João, percebe-se a entrega de Maria nas brincadeiras em que há um outro disponível (30ª observação, 1º/10/08, 2 anos, 10 meses e 29 dias).

(...) alguém (...) pegou o urso de cima da cama e Maria (...) logo gritou: *Dá o meu bebê.* Maria, tomou o objeto da mão da criança (...), levando-o de volta para cama. (...) Depois de algum tempo, (...) Maria (...) foi até a cama, pegou o urso e trouxe para eu (observadora) segurá-lo, depois pegou de volta, dizendo: *Meu bebê.* E então, levou de volta, cobrindo-o com a colcha (...) Maria jogou seu “bebê” para fora do dormitório, pela janela (31ª observação, 5/10/08, 2 anos, 11 meses e 3 dias).

O que se observou nessas brincadeiras foi uma agressividade no sentido da criança ir em busca, lutar e conseguir o que ela quer, principalmente no caso de Maria. Esse aspecto é encarado por alguns autores (WINNICOTT, 1990) como um fator positivo para a criança, de modo que esta não se torne um adulto omissivo e nem tão pouco passivo diante do que ocorre ao seu redor.

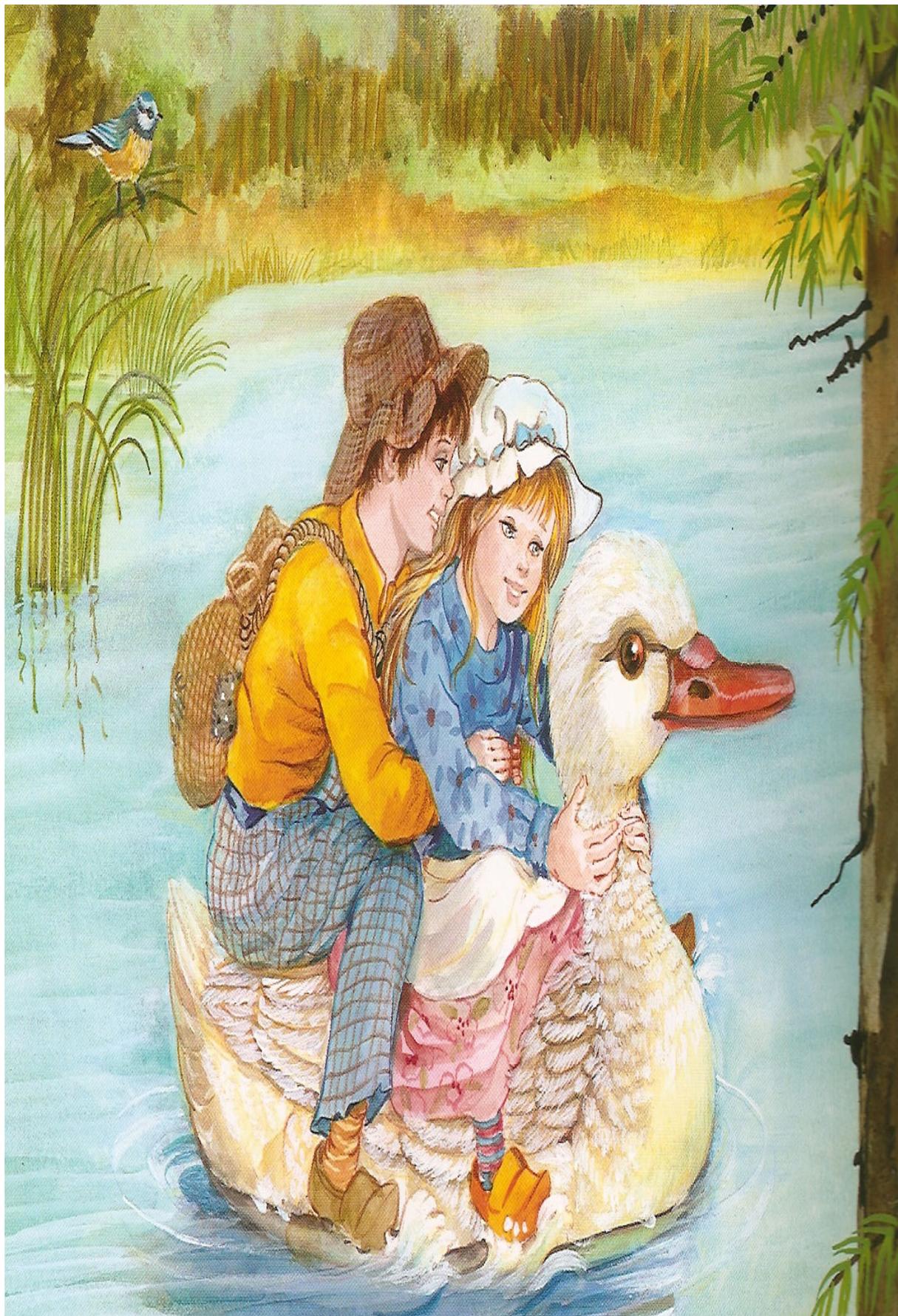
Na maioria, ou em quase todas as brincadeiras observadas, João e Maria comunicaram sentimentos, ideias, fantasias, sem esquecer o aspecto afetivo presente em todas elas, visto que o desenvolvimento emocional é um fator que pode ser observado na brincadeira da criança, por esta atividade pode ser expresso prazer, agressividade e angústias, logo a brincadeira é um universo em que a criança se desenvolve emocionalmente (VIEIRA; Cordazzo, 2007).

O brincar dessas duas crianças reproduziu situações próprias, conflitantes ou não, que pareciam reproduzir desejos inconscientes, de tal maneira, que a atividade possivelmente os auxiliava a elaborar afetivamente angústias de experiências anteriores. Afinal, a criança não brinca unicamente para repetir situações satisfatórias, mas também para elaborar as que lhe

foram traumáticas, dolorosas e frustrantes. Essas características do brincar favoreceram a percepção de importantes indicações sobre o desenvolvimento emocional dessas duas crianças (FREUD *apud* ABERASTURY, 1991).

A expressão dessa atividade relacional atestou um notório interesse de João e Maria pelas brincadeiras associadas ao contato corporal e à prática de cuidados, que permeou principalmente as interações com a observadora, cuja temática mais frequente foi a de alimentação. Aberastury (1992) afirma que a ação de repetir muitas vezes a mesma experiência, reproduz situações não elaboradas e as leva cada vez mais à consciência. Assim, as brincadeiras de João e Maria exprimiram necessidades não satisfeitas, atuando como um recurso de protesto e reivindicação inconsciente, e, de resolução de conflitos internos.

Em suma, a peculiaridade das experiências vividas neste ambiente e algumas das necessidades das crianças não satisfeitas, foram expressas por meio do brincar cuja atividade se revelou como verdadeira peripécia. Portanto, foi constatada a relevância das brincadeiras de João e Maria em termos de desenvolvimento emocional, especialmente nas interações com a observadora, que sofreu mobilizações frente ao encontro com o João e a Maria, as quais foram descritas no capítulo seguinte.

ENCONTROS COM A OBSERVADORA-NARRADORA

6 ENCONTROS COM A OBSERVADORA-NARRADORA

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a estória tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a estória fornecem-lhe o significado mais pessoal, e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem.

Bruno Bettelheim

No intuito de apresentar e discutir alguns aspectos relativos às questões pertencentes à observadora, como as dificuldades encontradas, os sentimentos experimentados e o aprendizado adquirido, foram desveladas algumas experiências vividas durante o encontro com o João e a Maria e o que elas representaram para pesquisadora. Isso é possível porque a observação psicanalítica não busca verificar, quantificar e nem validar, mas sim, considerar o contexto, os detalhes aparentemente sem importância e o estado emocional dos sujeitos envolvidos – o observado e o observador.

Essa experiência vivida pela observadora foi intensa e, sem dúvida alguma, mobilizou muitos afetos, o que foi refletido na dificuldade em concluir tal estudo. Para tanto, foi necessário amadurecimento pessoal e profissional, o qual aos poucos foi sendo alcançado no decorrer dessa pesquisa, mas especialmente na fase da redação, cujo momento possibilitou a elaboração, ao menos em parte, do que foi vivido.

6.1. O encontro com João e Maria

Antes de tratar dos sentimentos próprios da observadora, serão destacadas as sensações percebidas em João e Maria a partir do momento em que passaram a ser observados. No primeiro dia de observação de cada criança, embora tenham sido iniciadas em datas distintas, tanto João como Maria apresentaram comportamentos semelhantes ao perceberem que teriam alguém de “olho” neles.

Cabe destacar, que o início das observações de João coincidiu com o primeiro contato com o grupo do dormitório 4, diferentemente do que ocorreu com a Maria, em que já se tinha uma certa aproximação, mas, que mesmo assim, apresentou a mesma reação que João, obviamente com as suas particularidades. Tal semelhança foi verificada na brincadeira de “esconde-esconde”, citada no capítulo anterior, a qual foi acionada por ambos no momento em que começaram a ser observados.

João parecia estabelecer com a observadora uma distância equilibrada, ou seja, no início não mantinha uma proximidade muito apegada e nem uma distância, era como se não

quisesse estar muito próximo, mas também não queria perder essa atenção. Desde o primeiro momento se mostrou sério, mas também demonstrou ser uma criança tranquila, que despertou grande afeição, além, de ser esperto e criativo, como o menino do conto “João e Maria”. Enquanto Maria, que também despertou atenção ao primeiro contato, por ser uma criança carismática, muitas vezes se mostrou sorridente e muito ativa, indo em busca do que queria, demonstrando ser tão “gulosa” quanto a criança do conto.

No início, João parecia tentar controlar o ambiente como se tivesse que dar conta de tudo, inclusive dos olhares da observadora. Quando ele percebia intrusão, buscava uma referência; inicialmente eram as monitoras, e com o tempo passou a ser a observadora, pois recorria à ela, assim como Maria, quando necessitava de proteção, atenção e carinho.

Durante as primeiras observações, João e Maria, pareciam apenas requerer atenção no sentido de manter o olhar da observadora sobre eles, acompanhando-os em seus movimentos e trajetos pelo abrigo. Contudo, com o passar do tempo, eles passaram a buscar algo mais, principalmente em termos de contato corporal, conforme os recortes a seguir:

Maria logo veio ao meu (observadora) encontro. (...) ela disse claramente: *Tero tolo*. Repetiu o gesto de esticar os braços e a frase umas três vezes (30ª observação, 1º/10/08, 2 anos, 10 meses e 29 dias).

(...) cheguei no corredor e encontrei Maria, a qual me olhou, esticou os braços e disse: *Té tolo* (...). (37ª observação, 26/10/08, 2 anos, 11 meses e 24 dias).

Além dessa necessidade em manter um contato mais próximo corporalmente com a observadora, foi constatado que na medida em que as observações ocorriam, as crianças demonstravam cada vez mais interesse por ela, bem como, por seus pertences:

Maria (...) perguntou: *Tadê tu bôta?* Eu (observadora) respondi: *Deixei em casa*. Mas ela insistiu: *A ôta?* Então respondi: *Hoje eu não trouxe* (35ª observação, 19/10/08, 2 anos, 11 meses e 17 dias).

Maria (..) disse: *Tua bôta é? Vai bora não*. (...) Maria olhou para minha (observadora) bolsa e novamente perguntou: *Num é tu bôta não, tadê a ôta?* Eu respondi que a outra havia ficado em casa. E novamente ela pediu: *Vai bora não*. E eu esclareci: *Vou olhar você comer e só depois vou embora*. (37ª observação, 26/10/08, 2 anos, 11 meses e 24 dias).

Numa das supervisões em grupo foi comentado que o fato de ter acesso aos pertences da observadora poderia estar relacionado ao desejo das crianças em terem maior intimidade com ela, no sentido de um contato mais próximo. O trecho abaixo não trata dos pertences da observadora, mas foi destacado porque também está relacionado ao aspecto da intimidade, é

como se as crianças buscassem constantemente essa proximidade com a observadora, o que certamente também estava relacionado à falta de contato corporal, citado anteriormente:

(...) antes de ser vestida, a menina (Maria) veio até mim (observadora), sentou no meu colo, é como se ela tivesse prazer em ficar despida no meu colo, pois já não é a primeira vez que isso ocorre (37ª observação, 26/10/08, 2 anos, 11 meses e 24 dias).

(...) Ela (Maria) estava com duas bonecas (...) brincando de pentear e colocar piranha, tirando as que estavam no seu cabelo. (...) Ao vê-la tirar a piranha com força e arrancando alguns fios de cabelo, resolvi (observadora) intervir dizendo: *Perai Maria, devagar, vou te ensinar como tira.* (...) ela soltou e ficou me observando, após tirá-la do seu cabelo eu mostrei à ela como que se abre e fecha a piranha. Maria ficou concentrada, parecia realmente estar tentando aprender, mas quando tentou abrir sozinha não conseguiu, (...) cheguei a utilizar a mão dela para sentir o abrir e fechar (...) Maria tentou tirar a roupa da boneca que ganhou, mas não conseguiu e logo solicitou minha ajuda, informei-lhe que não era possível tirar porque estava costurada, mostrando-lhe a costura (33ª observação, 12/10/08, 2 anos, 11 meses e 10 dias).

(...) ela (Maria) resolveu brincar com as peças grandes de encaixe. Quando Maria percebeu que não conseguiria desencaixar uma peça da outra, solicitou minha ajuda. Quando fui ajudá-la, ela disse: *É eu!* Até que compreendi que o que ela queria era que eu a ajudasse, mas não fizesse por ela, conforme ocorreu na observação passada com relação às piranhas (34ª observação, 17/10/08, 2 anos, 11 meses e 15 dias).

Nestes dois últimos recortes, foi percebida a participação da observadora ao auxiliar a criança para realizar uma determinada tarefa. É importante ressaltar que Bick (1964) não excluiu a possibilidade do observador se mostrar útil em algumas situações, sendo assim um observador participante, o que foi constatado a partir da disponibilidade da observadora.

Apesar de todo esse interesse da criança pela observadora, nota-se um aparente cuidado contraditório por parte das crianças para com ela. As crianças pareciam encenar sua rotina com frases e diálogos que faziam alusão ao cotidiano vivido.

Quando a menina (Maria) me (observadora) viu, ela sorriu e me chamou para entrar na casa (...). Ao entramos, a menina logo me alertou, apontando ao chão: *Totô.* (...) ela me levou até o tal “quarto”, depois ela disse: *Fita aí, tá?* Puxou a porta, como se estivesse me trancando ali dentro. Depois ela abriu e disse: *Dorme, tá?* (37ª observação, 26/10/08, 2 anos, 11 meses e 24 dias).

Maria tentou se enrolar na toalha, mas não conseguiu e por isso veio ao meu (observadora) encontro (...). Ela levantou os braços e eu passei a toalha pelo seu corpo e fiz menção de fazer um “x” na frente do pescoço e dar um nó na nuca, na mesma hora ela gritou dizendo: *Não,* parecia ter ficado brava comigo (...). Então lembrei que é no D4 que costumam enrolar assim, por talvez os menores não darem conta de segurarem a toalha até o dormitório (41ª observação, 9/11/08, 3 anos e 7 dias).

(...) Maria logo veio ao meu (observadora) encontro, entregando-me sua toalha, pedindo-me para enxugá-la e eu disse: *Espero sua tia chegar para ela enxugar você, tá?* Ela parece não ter gostado, fez cara de brava, atirando-me sua toalha (42ª observação, 12/11/08, 3 anos e 10 dias).

A ambivalência presente no indivíduo aparece nesses recortes das observações, em que é possível perceber que a mesma criança que solicita e dispensa atenção e carinho para observadora, também é capaz de tratá-la com agressividade. Assim como, a observadora, em alguns momentos, colocava-se disponível para auxiliar a menina e, em outros, nega-se a ajudá-la, referindo ser uma responsabilidade da monitora. Bettelheim (2006) fala dessa ambivalência presente na junção da mãe inteiramente boa e da mãe totalmente má, cujos aspectos o autor correlaciona com a personagem da bruxa no conto “João e Maria”, uma vez que, de início a velha senhora satisfaz os desejos das crianças e depois de satisfazê-los, pretende comê-los.

Portanto, constata-se que a transferência foi estabelecida com a presença da observadora no abrigo, a qual assumiu “papel de cuidadora” para as crianças e nela foram projetados os mais diversos afetos. Segundo Freud (1912/1974), a transferência permite pensar o lugar, neste caso, da observadora, que possibilita a expressão de sentimentos de antipatia, simpatia, entre outros, a partir do inconsciente do observado e observador. Isso ocorre porque “a transferência (...) influencia todas as relações humanas” (KLEIN, 1952/1991, p. 71), assim como na relação da observadora com as crianças.

O vínculo da Maria com a observadora foi percebido em vários momentos das observações. Foram inúmeras às vezes em que a menina solicitou o cuidado da pesquisadora, buscou ter acesso aos seus pertences e demonstrou uma grande dificuldade no momento em que esta necessitava ir embora do abrigo. A menina sempre pedia para que ela não fosse embora, como se não quisesse novamente vivenciar uma situação de abandono, tanto que esses momentos eram vividos pela criança com choros e gritos. Nos recortes abaixo é possível constatar alguns desses aspectos supracitados:

Passei (observadora) por Maria (...) acenei, informando-lhe que estava indo embora. Ela perguntou: *Tu tóta?* E eu respondi: *Volto*. (28ª observação, 24/09/08, 2 anos, 10 meses e 22 dias).

(...) despedi-me (observadora) das monitoras e, quando já ia me despedir das crianças, Maria, correu em minha direção, abraçando-me pelas pernas, dizendo: *Não vai tia*. Expliquei para ela que eu precisava ir, mas que no domingo retornaria. Foi então que ela sorriu e me deixou ir (30ª observação, 1º/10/08, 2 anos, 10 meses e 29 dias).

(...) Maria correu e segurou minhas (observadora) pernas, dizendo que não era para eu ir embora, eu a informei que retornaria no domingo e a monitora reforçou: *Maria, deixa a tia ir, ela volta no domingo, dá um beijo nela dá*. Foi então que eu me abaixei e Maria me deu um beijo no rosto, eu sorri e disse tchau (32ª observação, 7/10/08, 2 anos, 11 meses e 5 dias).

À medida que as observações foram se sucedendo, o momento da despedida foi ficando cada vez mais difícil, a explicação da observadora acerca de seu retorno ao abrigo já não surtia mais o mesmo efeito, pelo contrário, só reforçava o comportamento de Maria:

(...) Érika (monitora) que me (observadora) ajudou a convencer Maria a me deixar ir embora. (...) Maria seguiu com Érika esperneando, reclamando aos gritos e choros (34ª observação, 17/10/08, 2 anos, 11 meses e 15 dias).

(...) segurou na minha (observadora) mão e disse: *Vai bora não*. (...) disse tchau, e ela começou a choramingar dizendo: *Não vai não* e eu informei-lhe que voltaria no domingo. (...) ao passar pelo refeitório cheguei a ouvir alguns gritos de Maria, dizendo: *Vai não* (40ª observação, 5/11/08, 3 anos e 3 dias).

(...) Maria me (observadora) olhava e dizia: *Vai bora não*. Repetiu várias vezes essa frase durante a observação. (...) Quando disse tchau para ela, esta começou a chorar, agarrou-me e disse: *Não vai não*. (...) ela ficou chorando. Fui até a recepção, (...) Maria apareceu correndo, agarrou-se nas minhas pernas e disse: *Não vai não*. (...) do lado de fora do abrigo, ainda era possível escutar os gritos de Maria. (41ª observação, 9/11/08, 3 anos e 7 dias).

Nesses três recortes sobre a despedida entre a observadora e a menina, foi perceptível o quanto este momento tornou-se significativo para Maria, em que se observou comportamento de choro, gritos e movimentos de protesto, que apesar de ressaltarem o sofrimento da criança com a “perda” da pessoa que lhe destinava atenção e disponibilidade, era como se ela não suportasse o abandono. Vale ressaltar que esta é uma reação saudável de Maria, pois representava uma reivindicação do cuidado que ela necessitava, demonstrando ainda o vínculo estabelecido com a observadora, mesmo que num espaço de tempo tão curto. O protesto aparecia como uma reação à esta separação, que apesar de ser informada do retorno da observadora, provavelmente acreditava que não podia mais vê-la, afinal sua vida foi marcada pelo abandono.

Com o passar das sessões, João e Maria pareciam saber o momento de encerramento da observação, a hora em que observadora necessitava ir embora, como se tivessem a lembrança desse ocorrido nas sessões anteriores. As duas crianças, após aproximadamente dez sessões, eram capazes de “prever” o tempo de duração das mesmas, apresentando comportamento de protesto diante do iminente término:

(...) estavam duas monitoras lá, sendo que uma delas banhava as crianças, enquanto a outra tentava contê-los para não sair da parte do chuveiro, como tentou fazer João. Numa de suas tentativas, em que obteve êxito, João engatinhou até mim (observadora), espirrando-me água, levantou-se e foi até a porta fechá-la, olhou para mim e disse sorrindo: *Cabô*. Cheguei a achar que ele iria sair do banheiro, eu não entendi o seu gesto, mas passou pela minha cabeça que ele pudesse já estar prevendo o término da observação e por isso estava fechando a porta como se eu não pudesse sair (15ª observação, 2/08/08, 2 anos e 1 mês).

(...) ela (Maria) me (observadora) olhou, com uma carinha triste e disse: *Vai bora não*. E eu esclarecia que ainda não iria, só mais tarde. Era como se ela já estivesse prevendo que meu horário estivesse próximo de encerrar (37ª observação, 26/10/08, 2 anos, 11 meses e 24 dias).

Possivelmente isso demonstrou um passo no desenvolvimento de ambos, que já indicavam sinais da capacidade de reterem e armazenarem suas experiências vividas. E o mais interessante, foi que João e Maria apresentavam reação diante de tal fato, posto que, em alguns momentos, sentiam-se angustiados.

Outro aspecto verificado durante os encontros, foi com relação à maioria das crianças em situação de abrigo buscarem nomear os membros de uma família, no sentido de identificar o pai, a mãe e os filhos. Este aspecto mereceu destaque, pois foi frequente a tentativa das crianças em nomear tais pessoas a partir da família do outro, neste caso, era a família da observadora. A seguir, alguns relatos que ratificam essa busca incessante:

(...) ao me (observadora) afastar, ela (Maria) me perguntou algo que eu não consegui compreender, Irene (coordenadora), (...) traduziu para mim: *Ela está perguntando se tu estas indo ver tua filha*. (26ª observação, 14/09/08, 2 anos, 10 meses e 15 dias).

(...) ela (Maria) me (observadora) pegou pela mão e me levou até a sua cama, convidando-me para sentar. Sentei-me e ela sentou do meu lado. Passado algum tempo ali, Maria me perguntou: *Tadê tua mãe?* (28ª observação, 24/09/08, 2 anos, 10 meses e 22 dias).

(...) Maria me (observadora) perguntou: *Tadê teu papai?* (...) Logo em seguida, perguntou: *E tua mãe?* (...) Ela novamente perguntou: *E teu filho?* (30ª observação, 1º/10/08, 2 anos, 10 meses e 29 dias).

(...) fui (observadora) abordada por uma menina (...) ela me fez duas perguntas (...): *Tu tem filha?* E eu respondi que não, (...) ela perguntou: *E onde ela está?* E então respondi: *Não sei, onde tu achas que ela está?* A menina, sorridente, respondeu: *Na tua casa*. (...) A outra menina que se aproximou foi Renata, ela (...) perguntou: *Onde tá teu marido?* (35ª observação, 19/10/08, 2 anos, 11 meses e 17 dias).

(...) uma das meninas (...) perguntou várias vezes para Maria: *Ela é tua mãe é?* E Maria só fazia balançar a cabeça afirmativamente. (...) a menina (...) foi até a monitora e começou a perguntar: *É verdade que tu é mãe da Maria?* (38ª observação, 29/10/08, 2 anos, 11 meses e 27 dias).

Maria (...) ficou olhando (...) uma moça trocando afetos com uma criança menor. (...) não é a primeira vez, sempre em que há um adulto interagindo com uma criança, percebo (observadora) Maria muito atenta, é como se esses momentos chamassem muita a sua atenção (...). Certamente é algo que deve sentir falta (42ª observação, 12/11/08, 3 anos e 10 dias).

Nestas observações, quem mais aparece buscando identificar a mãe é Maria. A menina parece procurar uma função para a observadora, com a qual ela se mostra muito ligada, solicitando-a bastante. Há um momento em que a menina entrega uma boneca à observadora e

diz que é ela; parecia um desejo inconsciente da menina em ser filha dessa observadora, de modo que a boneca estaria lhe representando. Essas buscas vêm acompanhadas de repetidas solicitações à observadora, novamente Maria aparece como a mais “gulosa”:

(...) foi lá comigo (observadora), entregando-me a fralda que havia caído e mostrando-me sua cabeça, (...) pelo gesto era possível perceber que ela (Maria) queria que eu colocasse de volta. Eu perguntei: *Você quer que eu coloque na sua cabeça?* E ela respondeu: *É, tá piolho*. Fabíola (funcionária da brinquedoteca) completou: *Colocaram na cabeça dela remédio pra piolho*. Eu amarrei a fralda (...) ela (Maria) então (...) voltou a brincar (28ª observação, 24/09/08, 2 anos, 10 meses e 22 dias).

(...) Brenda (criança) correu para sentar no meu (observadora) colo, a menina parecia me abraçar mesmo de costas, colocava suas mãos pelo meu pescoço e dizia: *Mamãe minha*. A menina repetiu isso umas duas vezes, sem que eu dissesse nada, conforme foi sugerido na supervisão passada (...) Brenda, que reivindicou o lugar em minhas pernas empurrando Maria, disse: *Mamãe minha*. E Maria rebateu: *Mamãe é minha*. Enquanto Maria sorria, Brenda chorava e as demais crianças nos rodeavam, também queriam um pouco de colo e atenção daquela “mãe” disputada (32ª observação, 7/10/08, 2 anos, 11 meses e 5 dias).

Maria (...) ao receber o chapéu de uma das monitoras, ela me entregou como se estivesse me solicitando que colocasse na sua cabeça (...). Em seguida, Maria disse: *Quê ádua* e eu perguntei: *Você quer água?* E ela disse: *É* (39ª observação, 2/11/08, 3 anos).

Os meninos (...) começaram a brincar de se jogar de cima do banco (...) até que um deles se machucou, foi William, o qual começou a chorar e logo veio ao meu (observadora) encontro. Percebo que acabo sendo uma referência ali, não somente para Maria, mas para a maioria das crianças, que em alguns momentos se aproximam de mim, aninham-se e dizem: *Minha mãe* (42ª observação, 12/11/08, 3 anos e 10 dias).

Certamente, isso ocorreu em função do vínculo que foi estabelecido entre observadora e criança, o que foi possível mesmo em um breve intervalo de tempo. Para Winnicott (1990) o que deve haver é uma confiabilidade ambiental mínima, de modo a fornecer para criança uma experiência de continuidade tanto física quanto psíquica exercida continuamente, que esteve presente nessa relação e foi propiciada pela constância e regularidade da observadora no abrigo, assim como, pela intensidade dos sentimentos experienciados e pelas vivências de contato corporal e afetivo, vividos mutuamente.

6.2 O encontro da observadora-narradora

Nesta seção serão comentados os sentimentos vividos pela pesquisadora desde quando começou a frequentar o local de realização do estudo. Vale lembrar a primeira ida ao abrigo, ou seja, o início do processo de ambientação. Ao chegar em frente à instituição, a fachada logo chamou atenção, em função dos escritos na parede – Abrigo “Começo Feliz”.

A sensação era de que ali estava iniciando uma jornada que, pelos dizeres, prometia ser o início de uma estada temporária que teria uma caminhada feliz. Naquele momento não se tinha ideia do que seria investigado, somente a partir das visitas subsequentes tornou possível se chegar a uma proposta de pesquisa e elaboração de um projeto, o qual sofreu várias mudanças e ajustes, passando inclusive, por vários processos de amadurecimento até chegar na dissertação.

Tal sentimento não perdurou no decorrer dos encontros, pois estes demandaram muito sofrimento e muito investimento emocional, diante de situações de dificuldades pessoais que foram despertadas ao contato com tais realidades. Todo esse desvelar da história de João e Maria, passou por momentos de dores, que Pérez-Sánchez (1998) as denomina de *dores de crescimento*, as quais, muitas vezes, ocasionaram enjôos com ânsia de vômito e vômitos propriamente dito, além de terem tirado o sono da pesquisadora durante muitas madrugadas.

De acordo com Winnicott (1990), quando um profissional investiga a experiência infantil, estuda a psicologia de um bebê, inevitavelmente este estudo conduz o pesquisador a voltar-se para si mesmo como pessoa. O autor considera que esse é um dos entraves de enveredar pelos caminhos da compreensão do desenvolvimento emocional de um bebê, e ainda alerta que o perigo:

[...] é que o lado doloroso desse processo seja evitado, num esforço para encontrar atalhos; (...). O fato, porém, é que a vida é difícil em si mesma, e a psicologia refere-se aos problemas inerentes ao desenvolvimento individual e ao processo de socialização; mais ainda, na psicologia infantil temos de nos defrontar com a batalha em que nós próprios estivemos uma vez, ainda que, em geral, já a tenhamos esquecido, ou da qual jamais estivemos conscientes (WINNICOTT, 1990, p. 28).

Entretanto, nada disso fez com que a pesquisadora desistisse de continuar tal empreitada, pelo contrário, a vontade de conhecer e, posteriormente, compartilhar a difícil história de vida permeada por abandono, rejeição, angústia e medo dessas duas crianças, tornou-se um desafio prazeroso, no sentido da certeza da contribuição de tal narrativa, não só para academia científica, mas também, e principalmente, para si mesma enquanto sujeito desse processo.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é a parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2006, p. 14).

A história dessas duas crianças, assim como as do conto “João e Maria”, tratam justamente dessas ansiedades existenciais (necessidade de ser amado e medo de não ter valor), as quais não foram negadas, mas sim vistas e vividas com muita seriedade. Sentimentos estes que puderam ser revividos pela observadora, uma vez que “o inconsciente nos leva de volta aos tempos mais remotos de nossas vidas (...) uma viagem ao interior de nossa mente, nos domínios da inconsciência e do inconsciente” (BETTELHEIM, 2006, p. 79). Não há como negar a possibilidade de “retorno” da pesquisadora às suas vivências primárias ao se deparar com os cuidados experienciados pelas crianças no abrigo.

Para Winnicott (*apud* DIAS, 2003) o paciente é quem constantemente ensina o analista sobre suas próprias necessidades, neste caso em particular, foi a observadora quem aprendeu com a experiência das crianças observadas, pois, a partir do contato com elas foi possível compreender tais problemas, dentre os quais, Bettelheim (2006, p. 16) cita: “superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis, obter um sentimento de obrigação moral”, os quais passaram a fazer parte, não mais somente do inconsciente, mas também se tornaram conscientes para a observadora. A “observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB) oferece condições e momentos comparáveis a situação de psicoterapia ou psicanálise” (KOMPINSKY, 2000, p. 40), o que de certa maneira, acabou funcionando como tal para a pesquisadora.

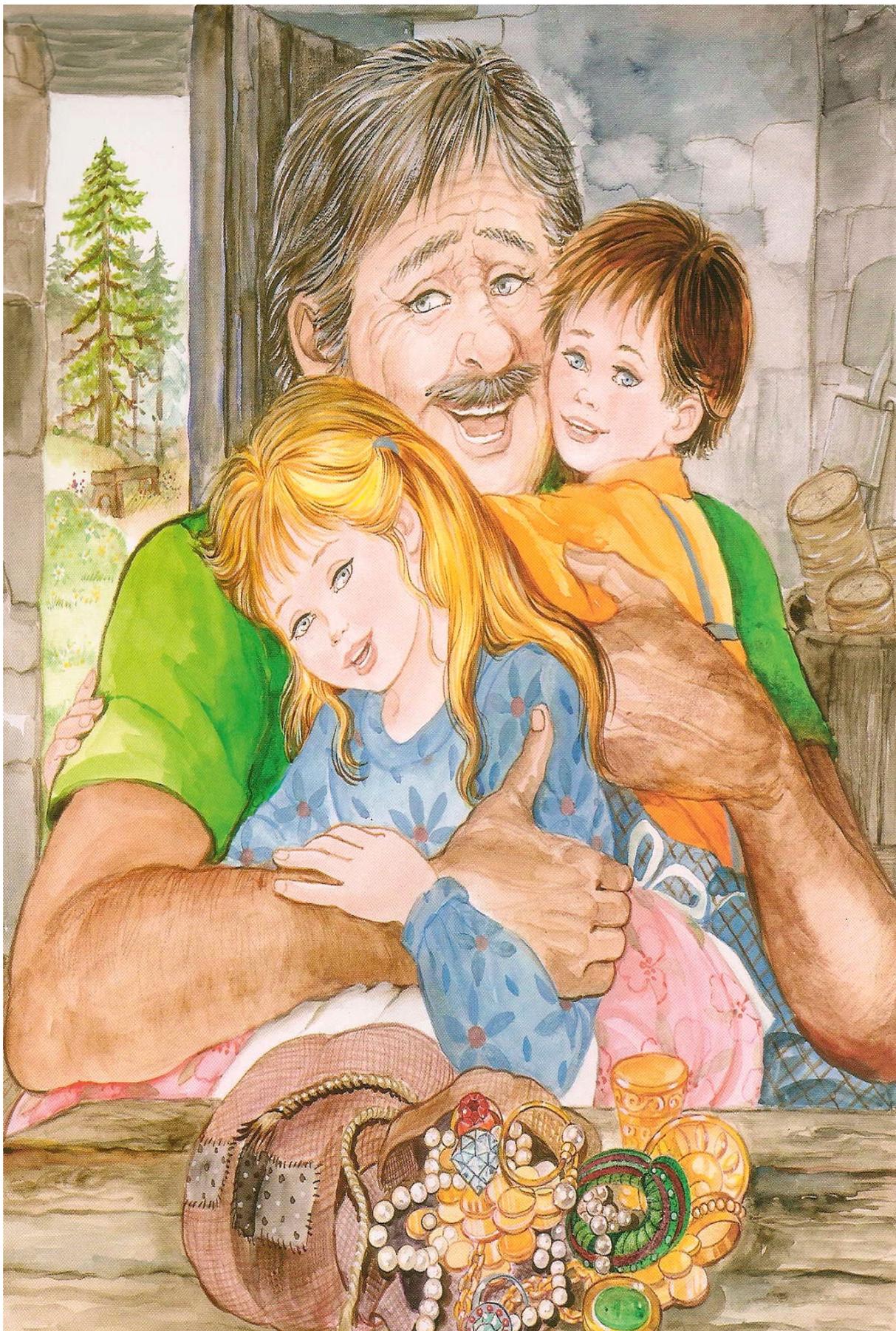
A supervisão em grupo teve um papel fundamental nesse processo da observação, pois as angústias da observadora foram acompanhadas e compartilhadas semanalmente com o grupo, momento em que foi possível falar desse sofrimento em companhia de outros pesquisadores que puderam escutar e acolhê-lo. Certamente, esse foi um momento de troca e crescimento mútuo, porque não só a observadora amadureceu, mas também o grupo, pois ambos aprenderam com as discussões no momento da supervisão.

Todas essas experiências aqui reveladas e examinadas tiveram o propósito de compartilhar os benefícios desta técnica para o conhecimento e amadurecimento, não só pessoal, como profissional da observadora, além de contribuir para uma compreensão mais detalhada de alguns conceitos advindos da psicanálise. Tais expressões como *holding*, continência, entre outros, passaram a fazer mais sentido subjetivamente para a observadora, possivelmente por terem sido internalizados, abandonando a ideia de simples conceitos teóricos.

Bettelheim (2006, p.27) ressalta a importância da descoberta subjetiva dos conteúdos dos contos de fadas. O autor faz uma relação desta afirmativa com o fato de que “nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido ou

resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados”. Pode-se dizer que, tal fato ocorreu no processo da observadora ao se deparar com as experiências vividas pelas crianças que apresentavam, por algum motivo, relação com a sua própria história de vida, dessa maneira foi preciso lidar com determinados problemas psicológicos, que antes eram inconscientes, resultando na capacidade de continência interna.

FINAL COM POSSIBILIDADE DE RECOMEÇO



7 FINAL COM POSSIBILIDADE DE RECOMEÇO

Os primeiros anos de vida são decisivos na constituição de um sujeito, sendo de extrema relevância a existência de uma base saudável e segura, onde haja uma relação de qualidade entre a criança e seu(s) cuidador(es).

O acompanhamento deste desenvolvimento inicial pode ser feito através da observação, mesmo que por um espaço de tempo não tão extenso, pois segundo alguns autores (A. FREUD, 1968/1987; BICK, 1964; WINNICOTT, 1941/2000), é possível uma aproximação desta fase observando a criança em seu ambiente natural, o que foi confirmado nesta pesquisa.

De acordo com as categorias, constatou-se em relação aos cuidados recebidos, que estes estiveram permeados pela carência de afeto e contato físico, pouca atenção às necessidades reais da criança, bem como, pouca consideração do tempo e ritmo das mesmas, em função principalmente da dinâmica institucional. De acordo com as brincadeiras de João e Maria, foi evidenciada a necessidade de contato corporal e de cuidados primários, como a alimentação e higiene. Portanto, foi percebido que João e Maria buscavam incessantemente uma relação envolvendo o contato corporal e afetivo, mostravam-se disponíveis no contato com o outro e à criação de vínculos afetivos, aspectos saudáveis e positivos para o desenvolvimento infantil.

O método de observação utilizado possibilitou uma compreensão das experiências de João e Maria em seu ambiente natural – o abrigo. Todavia, essa aproximação à realidade dessas duas crianças exigiu mais do que uma simples observação, sobretudo, um envolvimento, um investimento emocional, uma escuta voltada para eles, o que implicou em relações afetivas. Foi um trabalho desafiador, instigante e, acima de tudo, mobilizador. Foi inevitável não “mexer” com os conflitos e as questões internas de todos os envolvidos no estudo, inclusive, ou principalmente, da observadora.

Cabe salientar, o sofrimento vivido pela pesquisadora durante a observação, principalmente no sentido de encontrar o seu lugar, enquadrar-se nesse papel tão difícil, que é o de observador. Em muitos momentos, foi necessária a orientação do supervisor para retomar tal postura, o que também propiciou compreender, suportar e aceitar comportamentos ambivalentes, propiciando a contenção de angústias e ansiedade.

O método pode ser considerado como um instrumento de auxílio no exercício de uma atividade profissional, cujo recurso desenvolve capacidades, recomendadas ao observador: continência, empatia, capacidade de se identificar com os aspectos do outro, tolerar o

diferente, entre outras, que são capacidades importantes para lidar com o sofrimento alheio. Além disso, foi percebido um aperfeiçoamento quanto ao tipo de escuta e ao olhar.

Além disso, oportunizou a aquisição de qualidades importantes para a prática clínica dos profissionais da saúde, além de possibilitar uma outra visão do paciente. Tal experiência que pode acrescentar bastante na formação de terapeutas ocupacionais, que tenha uma tendência psicanalítica, cujas habilidades serão muito importantes na sua atuação com a criança. Não só o terapeuta ocupacional, mas os profissionais da área da saúde em geral se souberem compreender e tolerar o sofrimento de seus pacientes, independente de ser um sofrimento físico ou psíquico, muito poderão ajudá-los.

Cabe destacar também a contribuição do conhecimento psicanalítico, adquirido principalmente durante as supervisões das observações, o qual possibilitou uma leitura mais aprofundada acerca do desenvolvimento infantil, da relação de cuidados, do brincar, bem como, ampliou e ofereceu novas possibilidades de atuação profissional.

Esta pesquisa buscou contribuir para o entendimento das experiências infantis, em particular, durante o segundo ano de vida, de duas crianças abrigadas. Considera que a relevância deste estudo está na compreensão do ambiente de abrigo como um espaço efetivo de desenvolvimento saudável e afetivo, na abordagem mais atenta à dimensão afetivo-relacional neste contexto e os aspectos preventivos do desenvolvimento infantil.

O abrigo, como ambiente natural das crianças abrigadas, é um lugar fundamental nesse processo de desenvolvimento, uma vez que a constituição do sujeito passa pelas experiências vividas no seio das relações significativas. Neste caso, considerou-se também a relação com a observadora, a qual procurou manter uma postura não invasiva, atenta, interessada, disponível e continente, conforme previsto pelo método Bick.

Dessa maneira, constatou-se a necessidade de ações voltadas às equipes dessas instituições de abrigo infantil, onde os profissionais sejam sensibilizados quanto à importância da qualidade da relação cuidador-criança, a valorização do tempo e do ritmo da criança e que elas sejam atendidas em suas reais necessidades.

Como recomendações, sugere-se que as instituições repensem suas práticas e qualifiquem a equipe no sentido de revelar a importância da qualidade do cuidado destinado a estas crianças. Acredita-se ainda, que com um aumento do número de monitoras nessas instituições, viabilizar-se-á um atendimento um pouco mais individualizado, em que as singularidades poderão ser contempladas e as necessidades individuais das crianças poderão ser atendidas.

Para encerrar, é importante fazer um retorno ao título deste capítulo, que remete à ideia já citada por Bettelheim (2006) e do criador de histórias infantis, que fala sobre os medos e preocupações das crianças, Maurice Sendak (*apud* BETTELHEIM, 2006). Ele salienta a importância do conforto, em particular para as crianças, em ouvir (ou ler) a frase “viveram felizes para sempre” ao final de um conto, pois, ele considera que as crianças são otimistas no sentido de acreditarem que suas próprias histórias pessoais também terão um final feliz. E por que não acreditar que João e Maria terão a possibilidade de recomeçar. Afinal, como Bettelheim (1989) explicita, os problemas não podem ser evitados, mas existe a possibilidade da criança lidar com eles de uma maneira positiva, de forma que garanta resultados positivos para ela.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. São Paulo: Artmed, 1991.

BERTOLDI, S. G. No limite da vida e da morte: aplicação da ORMB no ensino médico. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 249-267.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

BETTELHEIM, B. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. 17. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

BICK, E. Notes on infant observation in psychoanalytic training. **International Journal of Psychoanalysis**, 45: 558-566, 1964.

BÖING, E., CREPALDI, M. A. Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 211-226, set./dez. 2004.

BOWLBY, J. (1984). **Apego: a natureza do vínculo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Original publicado em 1984).

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: lei federal 8.069/1990**. Subsecretaria de promoção dos direitos da criança e do adolescente. Belém: FUNCAP, 2004. 58p.

CALDASSO, M. F. I. O conceito de *holding* em Winnicott. **Expressão PSI**, Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, v. 1, n. 1, p. 73-82, abr. 1997.

CALIL, R. C. C.; ARRUDA, S. L. S. Discussão da Pesquisa Qualitativa com ênfase no Método Clínico. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (orgs.). **Método Qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor Ed. UCDB, 2004, p. 173-213.

CARON, N. A. Fundamentos teóricos para aplicação do Método de E. Bick. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. XXIX, n. 2, p. 283-291, 1995.

CARON, N. A. O ambiente intra-uterino e a relação materno-fetal. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 119-134.

CARON, N. A. Terapias breves das relações pais-bebês. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 310-328.

CARON, N. A.; FONSECA, M. M. C.; KOMPINSKI, E. Aplicação da Observação Ultrasonográfica Obstétrica. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 178-206.

CARVALHO, A. M. Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: possibilidades e limites. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.19-14, 2002.

CAVALCANTE, L. I. C. **Ecologia do Cuidado**: interações entre a criança, o ambiente, os adultos e seus pares em instituição de abrigo. 2008. 514f. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

CHBANI, H.; PÉREZ-SÁNCHEZ, M. **O cotidiano e o inconsciente**: o que se observa torna-se mente. Tradução de Nuno Reis. Lisboa: Climepsi, 1998.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Expulsos do Paraíso. In: _____. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 41-50.

DELL'AGLIO, D. D. **O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes**. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua português. 6. ed. rev. atualiz. Curitiba, PR: Posigraf, 2004.

FONSECA, M. M. C.; MAGALHÃES, J. A.; PAPICH, H.; DIAS, R. S. P.; SCHMIDT, A. Ultra-sonografia em obstetrícia: explorando um mundo novo. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê**: da observação à clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 97-118.

FREUD, A. (1968). **Infância normal e patológica**: determinantes do desenvolvimento. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.134-143.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.11-75.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.25-71.

GRIMM, G.; GRIMM, W. **João e Maria**. Coleção Grandes Clássicos. Barueri,SP: Girassol, 2006.

KLEIN, M. (1952). Inveja e gratidão e outros trabalhos. In: _____. **Obras Completas de Melanie Klein**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991, v. 3, p. 70-79.

KLEIN, M. **O sentimento de solidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

KOMPINSKY, E. Observação de Bebês: método e sentimentos do observador. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê**: da observação à clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 9-43.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEJDERMAN, A. T.; KOMPINSKY, E. Caráter preventivo da aplicação da observação da relação mãe-bebê em uma creche. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 268-290.

MAHLER, M. S. (1979). **O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MAHLER, M. S. **O processo de separação-individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MARTINI, I. I. Em uma enfermaria de cardiologia pediátrica – uma aplicação do método de ORMB. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000a, p. 232-248.

MARTINI, I. I. Modificações que a ORMB promove no analista. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000b, p. 338-347.

MÉLEGA, M. P. A contribuição de Esther Bick à clínica psicanalítica. **Psychê**, São Paulo, ano V, n. 7, p. 69-83, 2001.

MONTAGU, A. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; MENEZES, C. C.; CARON, N. A.; LOPES, R. C. S. O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 77-96, 2006.

PÉREZ-SANCHES, M. **Observação de bebês: relações emocionais no primeiro ano de vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PÉREZ-SANCHES, M. **Segundo Ano de Vida: uma compreensão psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

PIONTELLI, A. **De Feto a Criança: um estudo observacional e psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

REZENDE, M. B. O brincar e a intervenção da Terapia Ocupacional. In: DRUMMOND, A. F.; REZENDE, M. B. **Intervenções da Terapia Ocupacional**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 25-44.

SOUZA, A. M. de; MATOS, E. G. de. Reflexões sobre as abordagens qualitativas, o método clínico e a entrevista como o encontro no aqui e agora entre sujeito-pesquisado. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (orgs.). **Método Qualitativo**: epistemologia, complementaridades e campo de aplicação. São Paulo: Vetor Ed. UCDB, 2004. p. 215-240.

SPITZ, R. A. (1979). **O primeiro ano de vida**: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais. 3. ed. bras. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TURATO, E. R. A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (orgs.). **Método Qualitativo**: epistemologia, complementaridades e campo de aplicação. São Paulo: Vetor Ed. UCDB, 2004. p. 17-51.

TURATO, E. R. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

WINNICOTT, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 112-132.

WINNICOTT, D. W. (1949). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 254-276.

WINNICOTT, D. W. (1950). Saber e aprender. In: _____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 13-18.

WINNICOTT, D. W. (1950). Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela perda familiar. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 193-212.

WINNICOTT, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 316-331.

WINNICOTT, D. W. (1954). Retraimento e regressão. In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 347-354.

WINNICOTT, D. W. (1960). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 21-28.

WINNICOTT, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Reimpressão. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 38-54.

WINNICOTT, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Reimpressão. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 79-87.

WINNICOTT, D. W. (1964). O recém-nascido e sua mãe. In: _____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 29-42.

WINNICOTT, D. W. (1968). A amamentação como forma de comunicação. In: _____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 19-27.

WINNICOTT, D. W. (1970). A dependência nos cuidados infantis. In: _____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 73-78.

WINNICOTT, D. W. E o pai? In: _____. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 127-133.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WIRTH, A. F. Aplicação do método de observação de bebês em uma uti neonatal. In: CARON, N. A. (org.). **A relação pais-bebê**: da observação à clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 207-231.

ANEXOS

Anexo 1 – Solicitação de Autorização à FUNCAP.

Anexo 2 – Autorização da FUNCAP.

Anexo 3 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Anexo 4 – Autorização do Juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude.

Anexo 1



ARQUIVO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

Belém, 09 de abril de 2007.

Ofício nº 029/07 - PPGP/CFCH/UFPa.

Senhora Diretora,

Cumprimentamos V.S^a. e ao mesmo tempo solicitamos a gentileza de, se possível, conceder à aluna **ANA CLÁUDIA BORBA GONÇALVES BARROS**, regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social (nível Mestrado) da UFPA, a permissão de realizar visitas semanais (terça-feira-9h as 12h) no Espaço de Acolhimento Provisório Infantil (EAPI) - "Abrigo Começo Feliz".

Ressaltamos que estas visitas têm por finalidade a familiarização da pesquisadora com o local e objeto de investigação; a fim de elaborar o Projeto de Dissertação de Mestrado na linha de pesquisa Prevenção e Tratamento Psicológico, cujo trabalho está sob a orientação do Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso.

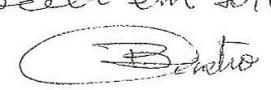
Conforme a elaboração desse Projeto, o mesmo será apresentado à gerência (Dr^a Helena Macêdo) da referida instituição e submetido à avaliação do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP), visando a autorização de sua realização, e, somente após seu consentimento será efetivado o levantamento de dados da pesquisa.

Na certeza de poder contar com apoio, agradecemos a atenção.

Atenciosamente


Prof^a. Ana Cleide Guedes Moreira
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/CFCH/UFPA

À Diretora de Assistência Social da FUNCAP
Brígida Castro

Recebi em 10/04/07

DAS.

Anexo 2

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
FUNDAÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DO PARÁ
DIRETORIA DE ASSISTENCIA SOCIAL

Memº 132/ 06.

Belém, 10 de abril de 2007.

A: EAPI

Encaminhamos a Vossa Senhoria a estudante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social da UFPA, a fim de realizar visitas semanais a essa Unidade da FUNCAP, conforme solicitação através de ofício em anexo.

Atenciosamente,

Brígida Nazaré Rodrigues de Castro
Diretora Técnica

Recebido em
24/04/07
Allaudo
CRESS 13/0

Anexo 3



Universidade Federal do Pará

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS DO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

Carta Provisória: 59//08 CEP-ICS/UFPA

Belém, 26 de maio de 2008.

Ao:
Prof.ª Janari da Silva Pedrosa

Senhor Pesquisador,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa **“João e Maria”, a função do brincar de crianças (a)brigadas: estudo de caso.** de Protocolo nº050/08CEP-ICS/UFPA, foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, na reunião do dia 20 de maio de 2008.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar o relatório parcial do mesmo até o dia 30 de Janeiro de 2009, no CEP-ICS/UFPA, situado no Campus Universitário do Guamá, Campus profissional, no Complexo de sala de aula do ICS – sala 13 (Altos).

Atenciosamente,


Prof. Dr. Wallace Raimundo Araujo dos Santos.
Coordenador do CEP-ICS/UFPA

Anexo 4



ESTADO DO PARÁ
PODER JUDICIÁRIO
1ª VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE
COMARCA DA CAPITAL

Ofício nº 304/2007/JIJ–Gabinete

Belém, 12 de dezembro de 2007

Sra. Gerente,

Autorizo o ingresso dos Professores **Celina Maria Colino Magalhães, Janari da Silva Pedroso e Lilia Iêda Chaves Cavalcante**, bem como seus orientandos de Mestrado ou Doutorado para coletar dados, imagens e fontes documentais que desenvolverão trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa do desenvolvimento mental e motor de bebês cuidados em abrigo.

Outrossim, esclareço a V.Sa., que a visita deverá ser de acordo com as normas administrativas e horário fixado por essa gerência, assim, como, obedecidas as cautelas legais.

Atenciosamente,



José Maria Teixeira do Rosário
Juiz Titular

Ao Ilma. Sra.
Helena Lucia Rosário de Macedo
Gerente do Espaço de Acolhimento Infantil EAP-I
NESTA